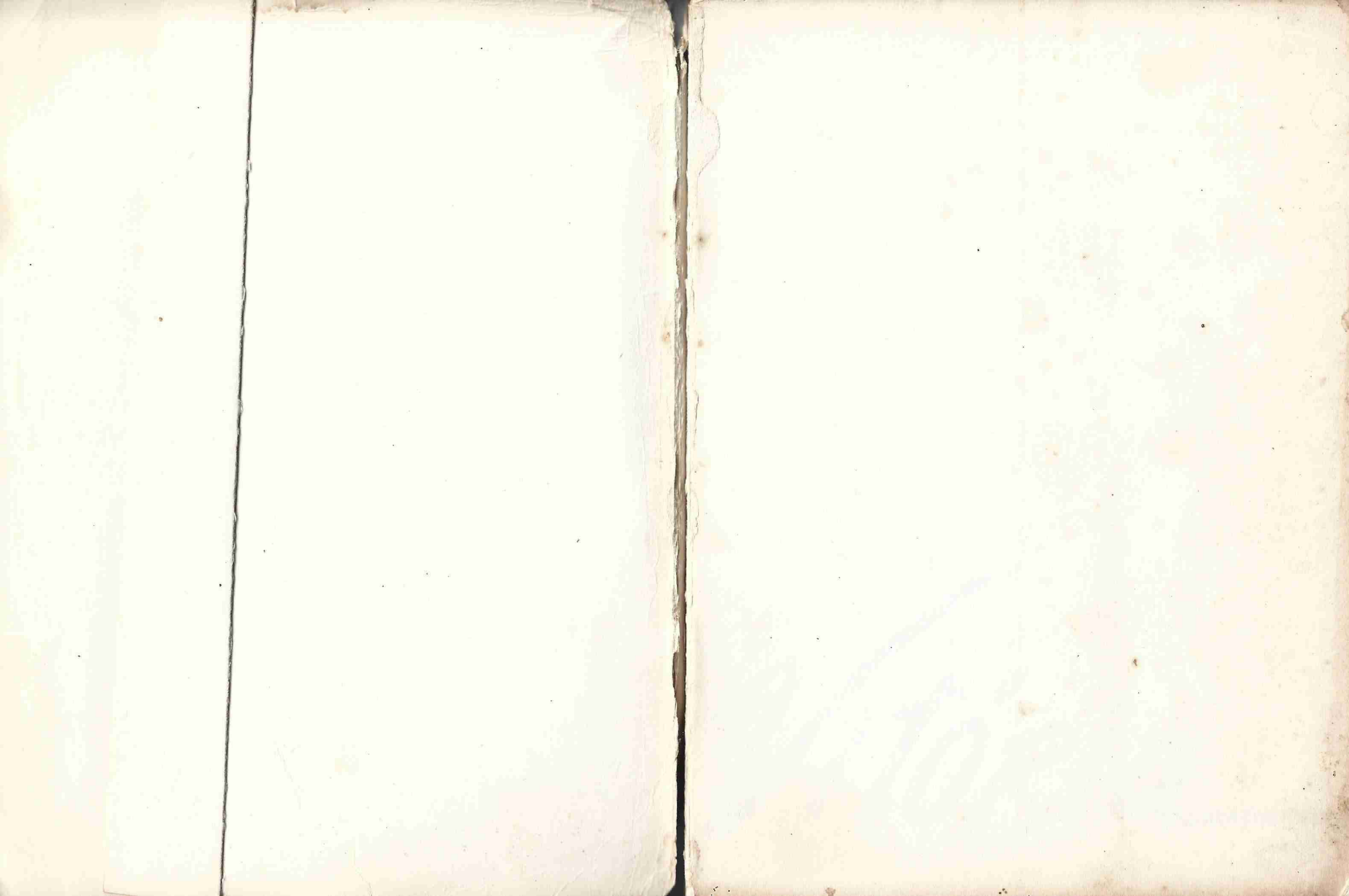


FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER



Vitória

ELIAS BARBOSA - ESPÍRITOS DIVERSOS



Vitória

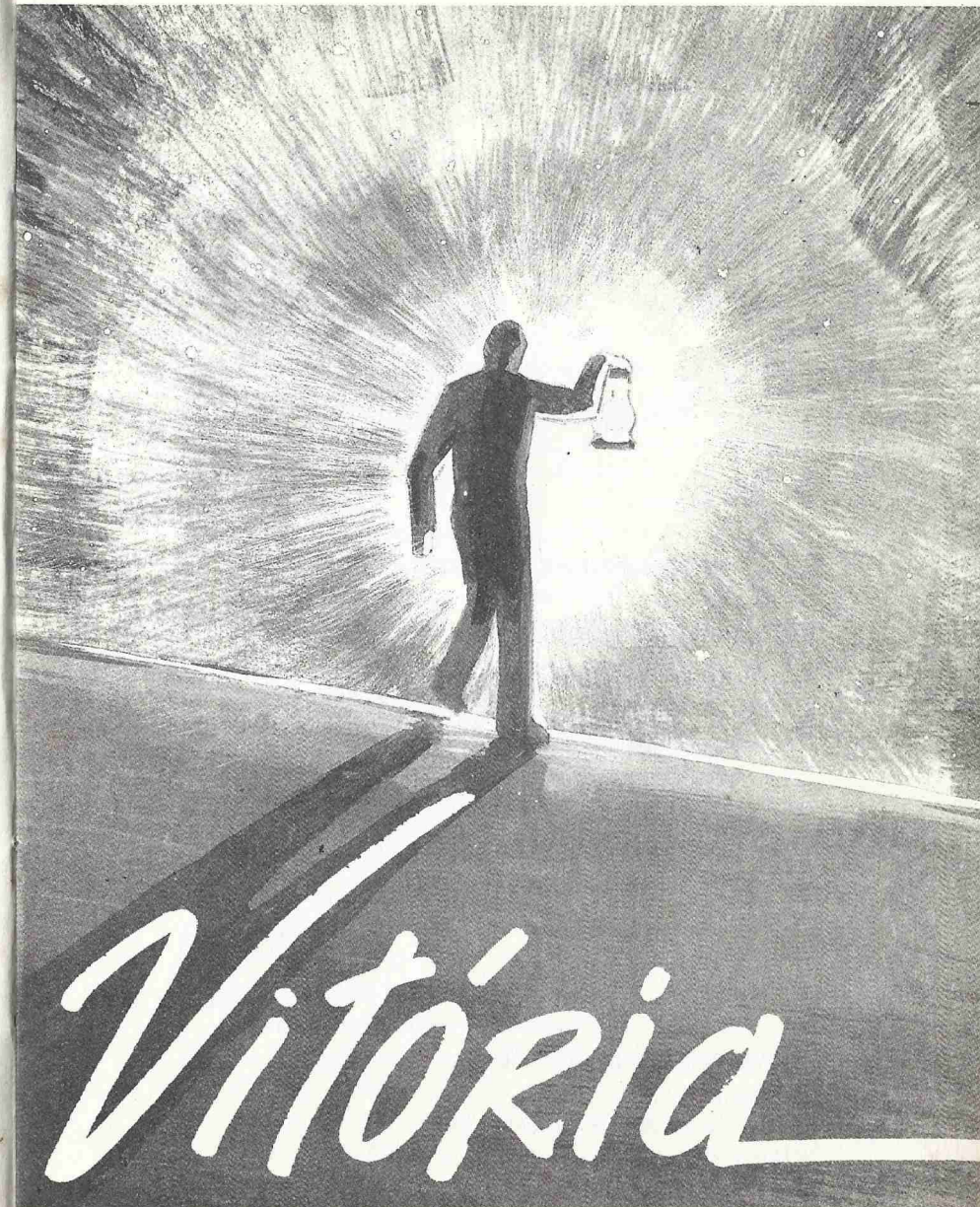
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

Diagramação: Vivaldo da Cunha Borges
Capa: Cláudio de Oliveira Santos

1a. edição – 1987 – 15.000 exemplares



INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPÍRITA
Rua Emílio Ferreira, 123 - Caixa Postal 110
Fone: (0195) 41-2388 - CEP 13.600 - Araras
Estado de São Paulo - Brasil
C.G.C. (MF) 44.220.101/0001-43
Inscrição Estadual 182.010.405



ELIAS BARBOSA - ESPÍRITOS DIVERSOS

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada na Editora)

Xavier, Francisco Cândido, 1910-

X19v Vitória / Francisco Cândido Xavier, Espíritos Diversos, Elias Barbosa. Prefácio de Emmanuel. Araras, SP, 1ª edição, IDE, 1987.

208 p.: 22 il.

1. Espiritismo 2. Psicografia I. Espíritos Diversos II. Barbosa, Elias, 1934 - III. Título.

CDD-133.9
-133.91
-133.901 3

Índices para catálogo sistemático:

1. Espiritismo 133.9
2. Psicografia: Cartas: Espiritismo 133.91
3. Vida depois da morte: Espiritismo 133.901 3

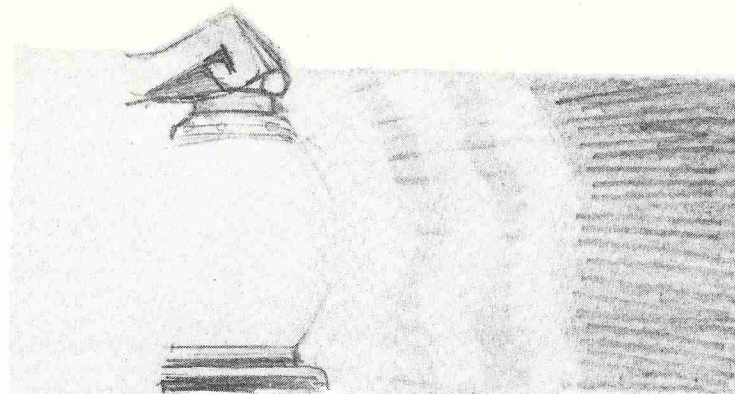
ÍNDICE GERAL

<i>Vitória</i> , Emmanuel	11
1 - Abdo Jaid Feres (Fronteira, MG) <i>O tempo é a força de Deus em ação</i>	13
2 - Afonso Valério de Souza (Uberaba, MG) <i>Mensagem I</i>	19
<i>Mensagem II</i>	20
<i>Mensagem III</i>	22
3 - Edna Telma Pena (Goiânia, GO) <i>"Agora tenho tido a satisfação de colaborar com o nosso amigo do caminhão"</i>	25
4 - Fátima Solange de Assis Campos (São Paulo, SP) <i>"Mãezinha, não permita que a tristeza nos alugue a casa"</i>	31
5 - Helton Mossa Cortucci (São Paulo, SP) <i>Mensagem de Carinho e Gratidão</i>	37
6 - Henrique Emanuel Gregoris (Goiânia, GO) <i>Mensagem I</i>	43
<i>Mensagem II</i>	45
<i>Mensagem III</i>	51
<i>Mensagem IV</i>	54
<i>Mensagem V</i>	56
7 - Ilda Mascaro Saullo (Roma, Itália) <i>"Amado Salvatore" ("Amato Salvatore")</i>	75
8 - Irmão Celestino - Manuel Augusto Fracon Borges (Uberaba, MG) <i>"Mantenho a maior simpatia pela Doutrina Espírita-Cristã"</i>	79

9 - João Reis de Andrade (Apucarana, PR)	
<i>"A alegria do resgate havido me confortava"</i> . . .	89
10 - Lincoln Prata Lóes (Uberaba, MG)	
<i>Mensagem I</i>	103
<i>Mensagem II</i>	106
11 - Marco Antônio Migotto (São Paulo, SP)	
<i>O tempo não se desdobra em vão</i>	111
12 - Marilene Rezende Ferreira (Araguari, MG)	
<i>"Só encontro motivos para reconhecimento e paz com todos"</i>	117
13 - Mário Sérgio Barbosa Bitencourt (Santo Antônio de Jesus, BA)	
<i>Todas as dificuldades chegam e passam</i>	121
14 - Maurício Xavier de Vieira (Goiânia, GO)	
<i>Mensagem I</i>	127
<i>Mensagem II</i>	128
<i>Mensagem III</i>	130
15 - Milton Higino de Oliveira – 1000ton (Uberaba, MG)	
<i>Mensagem I</i>	139
<i>Mensagem II</i>	143
16 - Paulo Borges Silva (Uberaba, MG)	
<i>Votos de Paz e Coragem</i>	149
17 - Renata Zaccaro de Queiroz (São Paulo, SP)	
<i>"Auxilie-me com as suas preces e com os seus pensamentos de amor e perdão"</i>	157
18 - Servílio Marrone (Campinas, SP)	
<i>"Meus amigos, meus amigos, trabalhemos, trabalhemos"</i>	169
19 - Waldemar Vieira (Uberaba, MG)	
<i>Mensagem I</i>	175
<i>Mensagem II</i>	181
<i>Mensagem III</i>	188

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

Abdo Jauid Feres	14
Afonso Valério de Souza	18
Edna Telma Pena	26
Fátima Solange de Assis Campos	32
Helton Mossa Cortucci	38
Henrique Emanuel Gregoris	44
Carta de D. Augusta S. Gregoris solicitando o encerramento do Processo	62
Carta de D. Ilda M. Saullo psicografada em italiano . . .	74
Ilda Mascaro Saullo	76
Imão Celestino – Manuel Augusto Fracon Borges	80
João Reis de Andrade	90
Lincoln Prata Lóes	104
Marco Antônio Migotto	112
Marilene Rezende Ferreira	116
Mário Sérgio Barbosa Bitencourt	120
Maurício Xavier de Vieira	126
Milton Higino de Oliveira	138
Paulo Borges Silva	148
Final do texto premonitório de Paulo Borges Silva, escrito pouco tempo antes da desencarnação	156
Renata Zaccaro de Queiroz	158
Servílio Marrone	168
Waldemar Vieira	174



VITÓRIA

Leitor amigo:

De todos os acontecimentos do mundo, para os corações que ficam, a morte de um ente amado é comparável a uma derrota de todas as esperanças. A morte surge ao modo de uma legião condensada de inimigos que aí na vida física nos esmagam, sem que alguém nos faculte a possibilidade de defesa.

Mas... a vida retorna e brilha novamente.

*

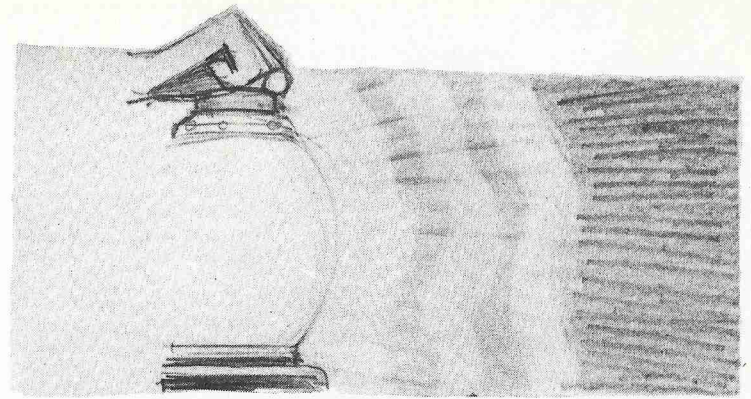
Neste livro encontramos todo um grupo de afeições, afeições que regressaram ao convívio dos entes queridos, com as provas irrefutáveis da própria sobrevivência, induzindo-nos a perguntar com o Apóstolo Paulo:

“Onde está, oh Morte, a tua vitória?”(*)

Emmanuel

Uberaba, 4 de Abril de 1987.

(*) I Epístola aos Coríntios, 15-55. – Nota da Editora.



1

**Abdo Jaid Feres –
O TEMPO É A FORÇA DE DEUS EM AÇÃO**

Querida Oronda, Deus nos favoreça.

Venho pedir a você calma e coragem.

Nossos rapazes vão indo bem.

Melhorando.

Convalescentes.

As lágrimas auxiliam, quando refletem esperança e tranqüilidade.

Quando você estiver a sós, buscando pensar nos meninos que vieram ficar conosco, rogo a você não se sentir agoniada, vencida.

Tome o lugar deles e procuremos auxiliá-los fazendo o bem que estimariam estar fazendo.

O tempo é a força de Deus em ação.

Com o tempo, nossos problemas de separação e de angústia serão resolvidos.

Aqui, também, temos lutas e muitas.



Abdo Jauid Feres

Às vezes, bem mais graves que as outras, as que conhecemos aí.

Não precisamos aumentar as nossas aflições e para que a paz esteja conosco, Deus nos concedeu a fé.

Esperamos ajudar aos nossos caros rapazes a falar com vocês, principalmente nas ocorrências do sonho.

Acalme-se e procuremos na oração a fonte da paz e da energia que nos fará seguir para a frente.

Querida irmã Oronda, Deus nos abençoe.

Abdo

* * *

Sobre a mensagem de Abdo Jauid Feres, psicografada pelo médium Xavier, na noite de 31 de agosto de 1974, eis o que nos informa sua filha, Sra. Raet Feres Ismael, através de carta que nos enviou, datada de Fronteira, Minas, 20 de abril de 1977:

“Papai nasceu em Baalbek, Líbano, a 17 de março de 1904.

Chegou ao Brasil, em janeiro de 1927, já casado e com uma criança, que sou eu.

Aqui, nasceram mais duas filhas e um filho.

Em 1934, ficou viúvo, casando-se pela segunda vez, a 6 de maio de 1937, tendo o casal 10 filhos, dos quais cinco estão vivos.

Veio em busca de trabalho, começando na condição de servente de pedreiro.

Mas, em pouco tempo, vendo que não tinha futuro nesta profissão, e aceitando a ajuda de uma nobre família, abriu um pequeno armazém, na Vila Aparecida de Minas

(Cisco), aí existindo, então, apenas quatro casas, dependendo o comércio dos fazendeiros e sitiantes da redondeza.

Utilizando o carro de bois para abastecer a sua casa comercial, onde vendia de tudo, meu pai foi um homem que soube cultivar amizades.

Sua casa foi sempre aberta, tanto para os pobres, quanto para as pessoas de posição.

Trabalhador, honesto nos negócios, em 1942, construiu um cômodo bem maior para a sua loja, tornando-se um pequeno atacadista.

Adquiriu muitas propriedades, deixando excelente fazenda para os filhos.

Sempre tratou bem os seus auxiliares e subalternos.

Protegeu muitos injustiçados, responsabilizando-se por eles, perante as autoridades constituídas.

Gostava de política, comandando todas as eleições, tendo conseguido obter o seu título de eleitor.

Fronteira, que progrediu graças a uma usina açucareira, surgiu em 1943.

Cinco anos depois, papai mudou-se para esta cidade, onde permaneceu até o final de sua jornada terrena.

Começou a ficar doente, em 1957, com problemas cardíacos, vindo a falecer durante uma cirurgia de urgência a que se submeteu, no dia 18 de dezembro de 1959, em Fronteira, Minas, tendo feito, dias antes, várias recomendações, pressentindo a morte próxima.”

*

Agora, vamos aos dados da mensagem:

1 - *Oronda* – Trata-se de D. Oronda Mendonça de Queiroz, residente em Frutal, Minas Gerais, à Avenida Cel.

Delfino Nunes, nº 227, fone: 421-2019, genitora dos rapazes – Jarbas Heitor de Mendonça e Jáder Heitor de Queiroz –, a que se refere o Autor espiritual.

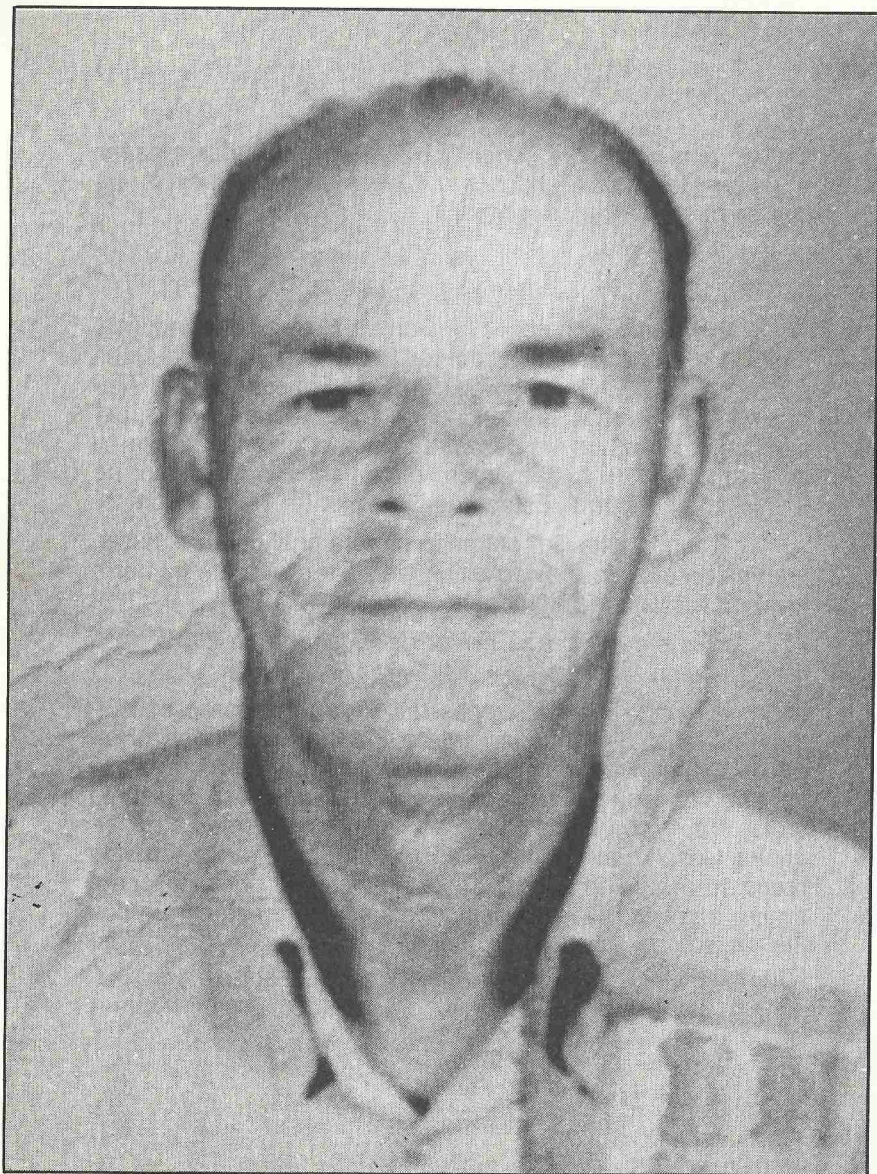
*

2 - *“Nossos rapazes”* – Jarbas Heitor de Mendonça, nascido a 20 de dezembro de 1941, e Jáder Heitor de Queiroz, nascido a 30 de junho de 1945, na Fazenda Areias Araras, no Município de Comendador Gomes, Minas Gerais, desencarnando ambos em desastre aviatório, ocorrido no dia 16 de março de 1974, à margem direita do Rio Verdinho, no Município de Itarumã, Estado de Goiás, entre 11 e 12 horas.

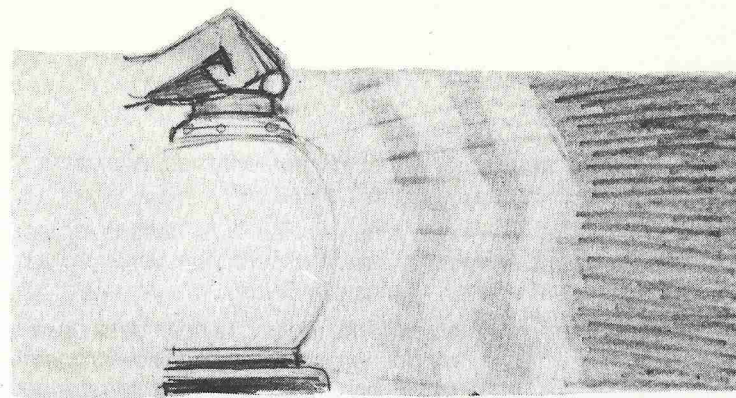
Quando estavam entrando na reta final para aterrissar, em vez de descer, o avião dirigiu-se para o alto até perder a força do motor, precipitando-se ao solo.

Filhos de Conrado Heitor de Queiroz e de D. Oronda Mendonça de Queiroz.

Segundo nos disse, pessoalmente, em nosso consultório, na tarde de 16 de janeiro de 1981, a Sra. Lindalva Heitor de Mendonça Westin, filha de D. Oronda, em companhia de seu marido, o Dr. Paulo Roberto Dias Westin, distinto urologista, e dos filhos Paula e Roberto, residentes em Cerqueira César, Estado de São Paulo, Dona Oronda, quando procurou o médium Chico Xavier, esperando por mensagem de um dos seus filhos desencarnados, alegrou-se com a que lhe endereçou Abdo Javid Feres, naquela noite, compreendendo que, com efeito, no Além, a vida continua.



Afonso Valério de Souza



2

Afonso Valério de Souza – MENSAGEM I

Queridas filhas Vitória e Abadia, peço a Jesus abençoá-las sempre.

Compreendo que anseiem por notícias do papai, que regressou para esta vida nova, apressadamente.

Lembro-me de que chegava da pescaria, com o cansaço de quem deseja acomodar-se, quando uma dor parecendo lâmina invisível me retalhou a alma por dentro.

Quis chamar a nossa Orcina, de modo a falar-lhe seriamente do tratamento que devia empreender, quando a morte andou mais à frente de mim e não tive qualquer oportunidade de formular recomendações.

Perdoem-me, filhas queridas, se o assunto foi resolvido para logo, sem que me fosse possível qualquer reflexão.

Desejaria ter conversado com o nosso Jesus, a fim de pedir-lhe assistência para a nossa Orcina, mas em semelhantes dias, estive preso àquela inconsciência, que não sei explicar.

Voltando a mim, pude reconhecer que a Mãezinha Ana não me abandonara.

Agora, a família por aqui está aumentando, entretanto, não desejo que vocês venham depressa.

Há muito que fazer para auxiliar aos nossos entes queridos, já reencarnados, e assim espero que vocês continuem firmes na fé e na confiança em Deus.

Vitória, peço a você não se deixar vencer pelo desânimo, em momento algum, pois precisamos de mais coragem e de mais dedicação para vermos a nossa família cumprindo os desígnios de Deus.

O Edvaldo veio em nossa companhia, mas cedeu o lugar de escrever para o vovô.

No momento, a gente permanece na estaca terminal do caminho percorrido, esperando o que virá...

Não sei dizer-lhes, enquanto escrevo, que estou sentindo imenso conforto.

Queridas filhas, conduzam à Mamãe Orcina as minhas saudades e agradecimentos, e muito sensibilizado pelo fato de me solicitarem notícias, quando me reconhecia ardendo no desejo paternal de fazer-me sentir em casa. Para todos os nossos, as minhas saudações de muita amizade, e para vocês, o coração reconhecido do papai

Afonso Valério de Souza

MENSAGEM II

Meus filhos queridos Jesus, Abadia e Vitória, Deus nos abençoe.

Venho com o Edvaldo ao encontro de vocês para agradecer-lhes o carinho das lembranças.

Vocês sonharam e falam ainda tanto em minha participação na festa de amor que devemos ao próximo aniversário da Mamãe Orcina, que o velho pai que sou eu, não hesi-

tu em pedir o consentimento de nossos benfeitores, a fim de trazer-lhes o meu testemunho de afeto incessante.

Abençoe, sim, a Mãezinha Orcina, a criatura que sempre nos amou e tolerou, tolerando-nos e amando-nos sempre.

Vejo-lhe por antecipação os olhos molhados ao escutar as palavras que lhes dirijo.

Orcina foi, não somente a companheira de meus dias; foi, especialmente, a protetora de nossa paz e de minha saúde, vivendo exclusivamente para nós, que lhe tomamos a existência.

Agora que vocês cresceram, creiam que os vejo em meu regaço de pai, todos juntos, ainda crianças...

E eu, que nem sempre atendia ao melhor por fazer-lhes, ensinava obediência e união.

Agora que a vida me impõe outra vida, peço-lhes para serem para a Mamãe Orcina a felicidade que não lhe soube dar.

Enfeitem-lhe o natalício com o amor que lhe devemos, e conservem a convicção de que estarei com vocês, em companhia do nosso Edvaldo.

Filhos queridos, unam-se como sempre no trabalho e na paciência.

A riqueza que lhes deixei foi a do trabalho, que se faz de alma limpa e consciência tranqüila.

É muito pouco para um pai que desejaria lhes haver formado vastos tesouros na Terra.

Mas reconforta-me pensar que sempre lhes desejei a bênção do dever cumprido com humildade e paz no coração.

Perdoem-me se não mais pude fazer, e façam também minhas as saudações que reservam para a querida Mãezinha, a cuja abnegação todos nós tanto devemos...

Que Deus os enriqueça de tranqüilidade e alegria, são os votos do papai, que roga a Jesus abençoá-los e sustentá-los no caminho do bem, sempre e sempre.

Um grande abraço do papai reconhecido,

Afonso

Afonso Valério de Souza

MENSAGEM III

Querida Vitória, querida filha, Deus nos abençoe.

Este bilhete é só um sinal de que você não está sozinha.

Tenho ouvido as suas preces e petições, e rogo a Jesus conceda a você a paz com a felicidade que o seu devotamento filial sempre merece.

Quero dizer a você que vou fazendo o possível por auxiliar a nossa querida Orcina e a tia doente.

O Edvaldo tem sido um ajudante de primeira ordem.

Diga isso à nossa querida Abadia.

O Jesus continua recebendo a nossa cooperação, e peça a Jesus o abençoe e proteja.

Querida Vitória, minha querida filha de sempre, embora a minha pobreza espiritual, conte sempre com o amor e a dedicação constante do papai

Afonso Valério

Em Uberaba, entrevistamos as filhas do Sr. Afonso Valério de Souza, Sras. Maria Vitória Rodrigues de Souza (Rua Da. Leonor Borges de Carvalho, 410 - CEP 38020 - ,

fone: 336-1150) e Maria Abadia da Silva (Rua Dr. Ludovice, 83 - CEP 38025 -, fone: 333-2991), na residência da primeira, na tarde de 21 de novembro de 1985, e por telefone, com a segunda, a 31 de dezembro de 1986, eis o que conseguimos apurar sobre as três das seis mensagens transmitidas pelos Espírito de seu inesquecível pai ao médium Xavier, respectivamente, a 25 de janeiro de 1981; 11 de março e 11 de novembro de 1983:

1 - Afonso Valério de Souza nasceu na cidade de Luz, Estado de Minas Gerais, a 13 de agosto de 1917, filho de José Valério Tosta e de Maria de Jesus, conhecida por D. Ana, conforme se vê na primeira mensagem, desencarnando em Uberaba, onde residia há trinta anos, a 13 de janeiro de 1980, de parada cardíaca, depois de se sentir mal, minutos antes, às margens do Rio Grande, no seu local predileto de pescarias.

Era excelente carpinteiro, muito procurado em toda a região do Triângulo Mineiro.

*

2 - "Quis chamar a nossa Orcina": Trata-se da Esposa do comunicante, Sra. Orcina Rodrigues de Abreu, desencarnada a 31 de outubro de 1985, em consequência, também, de cardiopatia.

*

3 - Jesus: Filho. Sr. Jesus Rodrigues de Souza, ilustre comerciante, residente em Pirajuf, Estado de São Paulo.

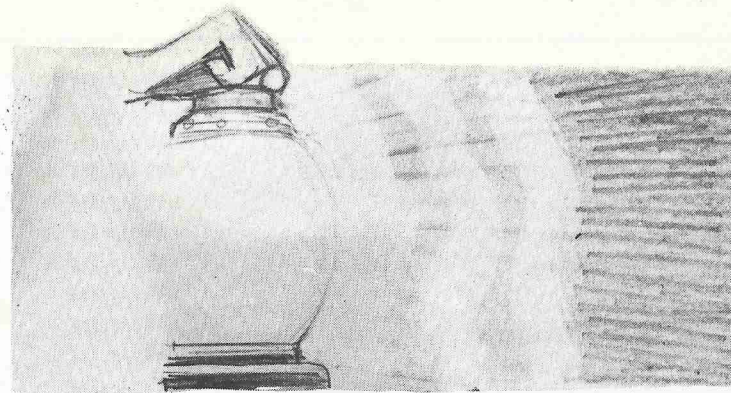
*

4 - "O Edvaldo veio em nossa companhia, mas cedeu o lugar de escrever para o vovô.": O Autor espiritual se refere

ao seu neto, Edvaldo Roel da Silva Júnior, filho do distinto pintor de letras, Sr. Edvaldo Roel da Silva, e de D. Maria Abadia da Silva, nascido em Uberaba, no dia 2 de dezembro de 1970, af desencarnando a 7 de maio de 1979, vítima que era de uma enfermidade congênita do coração.

Sua primeira mensagem, recebida pelo médium Xavier, a 25 de janeiro de 1980, foi incluída pelo Dr. Hércio Marcos Cintra Arantes, no livro *Eles Voltaram*(*), para onde remetemos o leitor.

(*) Francisco Cândido Xavier, Espíritos Diversos, Hércio Marcos C. Arantes, *Eles Voltaram*, IDE, Araras (SP), 1ª edição - 1981, pp. 54-62.



3

**Edna Telma Pena –
“AGORA, TENHO TIDO A SATISFAÇÃO DE
COLABORAR COM O NOSSO AMIGO DO CAMINHÃO”**

Mãezinha Flora e papai, abençoem-me.

Não obstante o nosso desejo recíproco de cultivar as correspondências longas, nas quais o coração da gente fique bem derramado em todos os trechos que nos saiam da escrita, este meu comunicado não deve ultrapassar o tamanho de um bilhete maior com pretensão de carta que não pode ser.

Venho dizer-lhe que as saudades são as mesmas, no entanto, as esperanças cresceram muito por dentro de mim.

Agora, tenho tido a satisfação de colaborar com o nosso amigo do caminhão que me cortou a moto sem perceber.

Nem por um instante pude me queixar dele, porque talvez tivesse os olhos com estragos, de vez que vinha de uma cirurgia recente.

Mãezinha Flora, tudo se encadeia.

Agora, é o meu tempo de auxiliá-lo, e peço-lhe orar comigo em favor dele.



Edna Telma Pena

Não a quero tristonha ou pensativa, admitindo punições que não existem.

Um carro se desequilibra ou determinada moto salta descontrolada, sem que o nosso querer predomine.

Desejo que os nossos saibam disso, porque é indispensável saber que todos somos de Deus e estamos sob o governo da Bondade Divina.

Tudo concorre para o bem dos que procuram o bem, e isso é o que está certo.

Não posso elastecer-me num noticiário que deve ser simples e estreito quanto possível.

Abraço-a com o papai, a quem devo tanto carinho, na intensidade com que devo ao seu coração materno tanto amor.

Muitas lembranças ao Geraldo, à Rosa Helena, ao irmão que está igualmente sempre em minha memória, e para a nossa querida Vera Lúcia, a irmã do coração.

O Vovô Revalino e o tio Alderico estão em minha companhia, deixam-lhes a estima de sempre, rogando aos pais queridos receberem a alma toda com todo reconhecimento de que me sinto capaz, da filha e companheira de sempre, sempre mais agradecida,

**Edna Telma
Edna Telma Pena**

Rogando ao leitor amigo percorrer as páginas 36-47 do livro *Ninguém Morre* (*), onde se encontram as duas primeiras mensagens transmitidas pelo Espírito de Edna Telma Pe-

(*) Francisco Cândido Xavier, Espíritos Diversos, Elias Barbosa, *Ninguém Morre*, IDE, Araras (SP), 1ª edição - 1983.

na, através do médium Xavier, e mais detalhes biográficos da referida Autora espiritual, recordemos tão-somente que ela, Edna Telma, nasceu em Goiânia-GO, a 9 de novembro de 1963, af desencarnando em consequência de acidente com moto (encontrava-se numa *Garelli*, guiada por um amigo de dez anos de idade, que nada sofreu, tendo sido ela esmagada por um caminhão de transportes), a 27 de janeiro de 1978.

Filha do Sr. José Pena Nogueira e de D. Flora Pena Nogueira, que nos forneceu, através de carta, datada de 15 de abril de 1982, os dados de que nos serviremos logo mais, a propósito da mensagem sob nossa observação, psicografada pelo médium de Emmanuel, na noite de 22 de janeiro daquele ano.

1 - "*Correspondências longas*": Volta a Autora espiritual a aludir às cartas longas – verdadeiros *testamentos* – que a sua genitora gostaria de receber dela, como ficou esclarecido no Capítulo 6, item 1 de *Ninguém Morre*.

*

2 - "*Agora, tenho tido a satisfação de colaborar com o nosso amigo do caminhão que me cortou a moto sem perceber*": O Sr. Américo Alves Nogueira, tio de Edna Telma, ficou sabendo, por intermédio de terceiros, que o motorista do caminhão – instrumento de que se serviu a Providência Divina para recambiar Edna Telma ao Plano Espiritual – desencarnara, também, de forma considerada trágica, em 1981.

Belíssimo este trecho da mensagem, que nos induz a raciocinar sobre a Misericordiosa Justiça de Deus: a antiga e aparente vítima, hoje consegue socorrer, espiritualmente, aquele que, na Terra, seria catalogado de verdugo e que, por sua vez, veio a se tornar, aparentemente, vítima.

*

3 - "*Desejo que os nossos saibam disso*": Dois tios de Edna Telma, Srs. Voriqes Alves Nogueira e Eurico Alves Nogueira, o primeiro, principalmente, guardavam dentro de si muita mágoa contra o motorista do caminhão, e, de há muito, vinham se esforçando na prática do bem com vistas a perdoar aquele irmão, que residia em Uberlândia, Minas, e era pai de cinco filhos.

*

4 - *Geraldo*: Geraldo César Pena, irmão de Edna Telma.

*

5 - *Rosa Helena*: D. Rosa Helena Alves Borges, irmã de Edna, casada com o Sr. Lindomar Alves Borges.

*

6 - *Vera Lúcia*: Irmã de criação e madrinha da comunicante.

*

7 - *Vovô Revalino*: Sr. Revalino José Nogueira, avô materno, desencarnou em Goiânia-GO, a 14 de agosto de 1973.

*

8 - *Tio Alderico*: Dr. Alderico Nogueira, distinto advogado da capital goiana, tio muito querido de Edna Telma.

Ao afirmar que o tio Alderico se encontrava em sua companhia, ao lado do vovô Revalino, este já desencarnado

e aquele ainda jungido aos grilhões da carne, segundo D. Flora, o Espírito de sua filha quis explicar o seguinte:

"Alderico havia combinado comigo de irmos, juntos, a Uberaba, naquela semana, ou seja, de 17 a 24 de janeiro de 1982.

Tendo em vista uma viagem dele, Alderico, a Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul, naquela data, não lhe foi possível estar, fisicamente, comigo no Grupo Espírita da Prece, naquela noite.

Mas o curioso de tudo isso, é que ele me havia dito que, espiritualmente, haveria de estar conosco, na sessão da noite de 22 de janeiro, e como viemos a confirmar depois, durante o tempo que a reunião abençoada se desdobrava, ele, Alderico, viajava, de ônibus, com destino a São Paulo, para de lá seguir em direção à progressista cidade do Rio Grande do Sul."

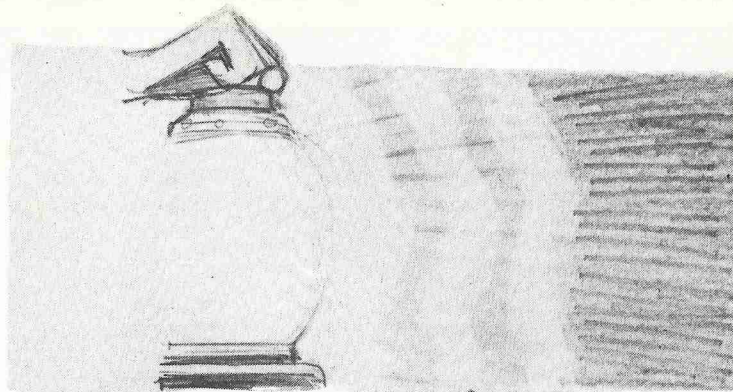
Sobre a comunicação de pessoas vivas, pedimos vênua para fazer as seguintes indicações bibliográficas, a nosso ver pertinentes:

1 - Allan Kardec, a) *Revista Espírita ou Jornal de Estudos Psicológicos - Segundo Ano - 1959* -, trad. de Júlio Abreu Filho, Edicel, São Paulo, 1964, pp. 119; 139-140; 219-227; 246-248; 271; 336-339; 393; 396; 401.

b) *O Livro dos Médiuns*, Capítulo XXV, nº 284.

c) *O Céu e o Inferno ou A Justiça Divina Segundo o Espiritismo*, Segunda Parte, Capítulo VIII, o 9º caso relatado ("Expiações Terrenas").

2 - Ernesto Bozzano, *Comunicações Mediúnicas Entre Vivos*, Trad. de Francisco Klörs Werneck, Apresentação de J. Herculano Pires, Edicel, São Paulo, 2ª edição, 1978, especialmente os casos relatados às páginas 37-40.



4

Fátima Solange de Assis Campos
"MÃEZINHA, NÃO PERMITA QUE
A TRISTEZA NOS ALUGUE A CASA"

Querida Mãezinha, peço a Deus nos proteja e abençoe.

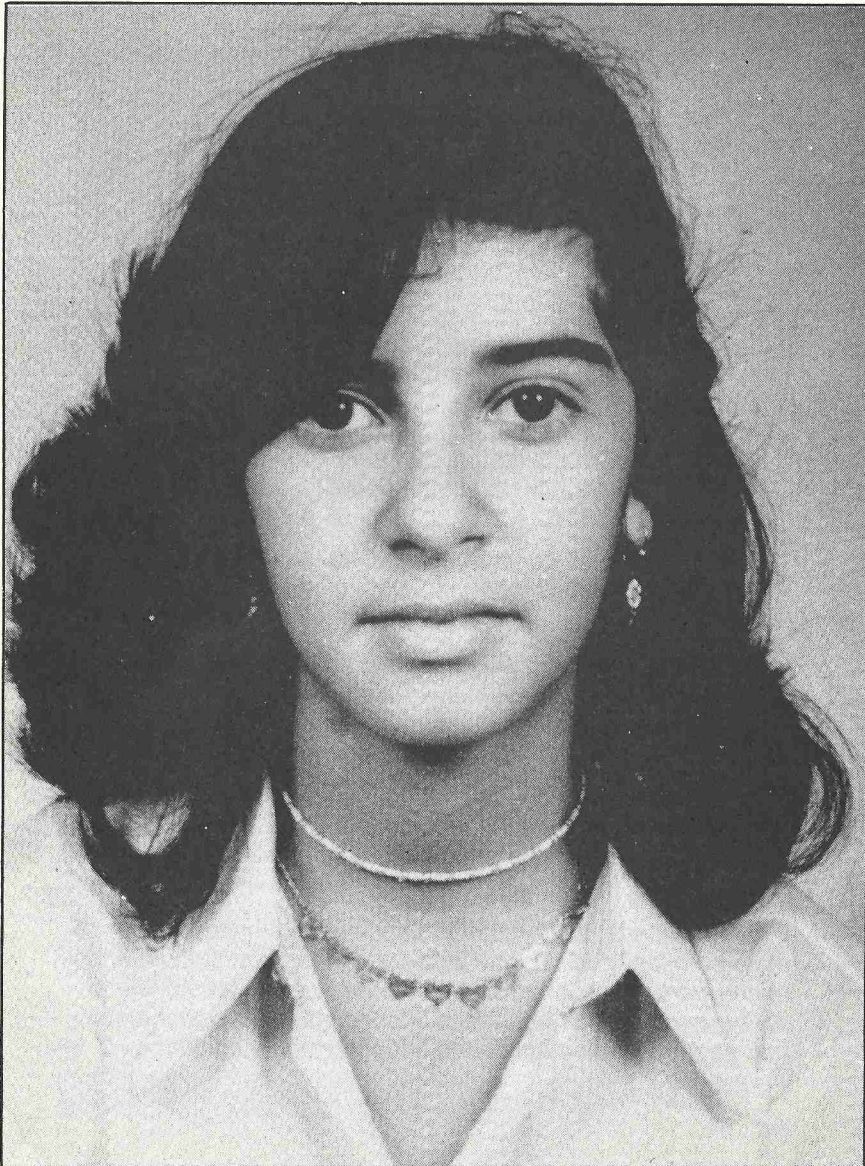
Mamãe, o vovô Máximo veio em minha companhia e queremos dizer-lhes, extensivamente ao Papai, que ficaremos felizes se a criança encontrar pouso definitivo em nossa casa.

Compreendo que você ainda se encontra no gesso ou nas estruturas de apoio ao braço que a Bondade de Deus lhe preservou, mas, mesmo assim, não lhe faltarão forças para o compromisso.

A nossa vida familiar tem mesmo necessidade de mais sorrisos, que só uma criança consegue distribuir, e, de minha parte, farei o possível a fim de que o Marcelo me encontre na presença querida que peço a Jesus possa aproximar-se de nós, permanecendo definitivamente conosco.

Mãezinha, não permita que a tristeza nos alugue a casa.

Deixe que a alegria volte a clarear as nossas paredes.



Fátima Solange de Assis Campos

Meu pai, por vezes, se interioriza excessivamente com lembranças amargas, mas rogo-lhe inventar um meio de fazê-lo mais reconfortado e mais corajoso.

Mãezinha, hoje é só...

Mas, neste "só", – duas letras que se uniram para fixar carência e desolação –, estão o carinho e o agradecimento constante de sua filha

Fátima Solange

Fátima Solange de Assis Campos

* * *

Fátima Solange de Assis Campos, nossa conhecida do livro *Ninguém Morre* (págs. 65-87), filha do Sr. Máximo de Assis Campos Netto e de D. Maria José Falleiros de Assis Campos, nasceu em São Paulo, Capital, a 1º de julho de 1963, e desencarnou num acidente de automóvel (ela viajava em companhia de seus pais e do irmão de 11 anos, na época, Marcelo, o único que não se machucou), no início da Rodovia Fernão Dias, perto de Guarulhos (SP), a 4 de fevereiro de 1978, sábado de Carnaval, tendo o seu carro sofrido fortíssimo impacto de um Gálixie que atravessou a pista.

1 - *Vovô Máximo*: Avô paterno, desencarnado em 1928.

*

2 - *"Compreendo que você ainda se encontra no gesso ou nas estruturas de apoio ao braço que a Bondade de Deus lhe preservou..."*: D. Maria sofreu várias fraturas, uma bastante grave, no braço, submetendo-se a várias intervenções cirúrgicas.

A fim de que possamos nos inteirar da importância dos comunicados mediúnicos e comprovar a atenção que os familiares desencarnados dispensam aos que ficaram neste mundo, transcrevamos, para a nossa edificação, os bilhetes da Autora espiritual, que permanecem inéditos em livro, recebidos pelo médium Xavier, respectivamente, a 06-07-79; 23-11-79; 12-04-80; 28-11-80 e 29-11-81, nos quais Fátima Solange se refere:

a) à *vovó Brasilina*, bisavó materna, desencarnada a 7 de maio de 1968;

b) ao *bisavô Falleiros*, bisavô materno, desencarnado a 22 de setembro de 1966;

c) à *vovó Juventina*, avó paterna, presente à reunião da noite de 28 de novembro de 1980;

d) ao *Andrezinho*, seu irmão André Luiz de Assis Campos, que nasceu dois anos e meio após a desencarnação dela, Fátima Solange;

e) ao *tio Zeca*, Sr. José Silveira, desencarnado em abril de 1980;

f) *vovô Ruben*, avô materno, desencarnado a 19 de junho de 1973;

g) ao *Marcelinho*, seu irmão, nosso conhecido, Marcelo de Assis Campos.

Querida Mãezinha, abençoe-me.

Tudo está bem, porque tudo para nós está melhorando.

Muitos beijos, de sua filha

Fátima Solange

Querida Mãezinha, peço-lhe para que me abençoe.

Apenas um bilhete para dizer que estamos com os nossos votos elevados ao céu para que o seu tratamento continue na direção do reequilíbrio.

Estamos na expectativa de vê-la plenamente restaurada.

Venho com a vovó Brasilina para pedir ao seu coração e ao papai para não se deixarem abater por tristeza.

Lembre-mos de que a Providência dos Céus não nos desampara, Jesus nos auxilia a refazer a nossa fé, sempre que a provação nos visite.

Por hoje, é tudo o que lhe pode transmitir a sua filha reconhecida,

Fátima Solange

Querida Mãezinha, não se aflija.

Estamos juntas e, como sempre, espero a sua bênção de todos os dias.

Os dias passam, mas o amor permanece, elevando-se e ampliando-se cada vez mais.

Peço-lhe atender ao seu tratamento com fé em Deus e segurança de decisão.

Graças a Jesus, a sua recuperação está quase completa.

Ao nosso querido Marcelo, um abraço do coração.

Muitas saudades a todos os nossos entes queridos.

Estou em companhia do bisavô Falleiros, que pede a Deus por nós.

Todo o amor de sua filha

Fátima Solange de Assis Campos

Querida Mãezinha e querida vovó Juventina, peço-lhes me abençoem.

Estas palavras são ligeiras, só para desejar-lhes, com o Papai Máximo, com o Marcelo e com o Andrezinho, um Feliz Natal e um Feliz Ano Novo.

Comunico-lhes que o tio Zeca chegou tranqüilo, e que o vovô Ruben tem nos auxiliado a todos.

Beijos da filha e neta reconhecida,

Fátima Solange

Fátima Solange de Assis Campos

Querida Mãezinha, peço-lhe me abençoe, com a bênção de meu pai.

Estas palavras são um toque rápido de parabéns ao nosso querido Marcelinho.

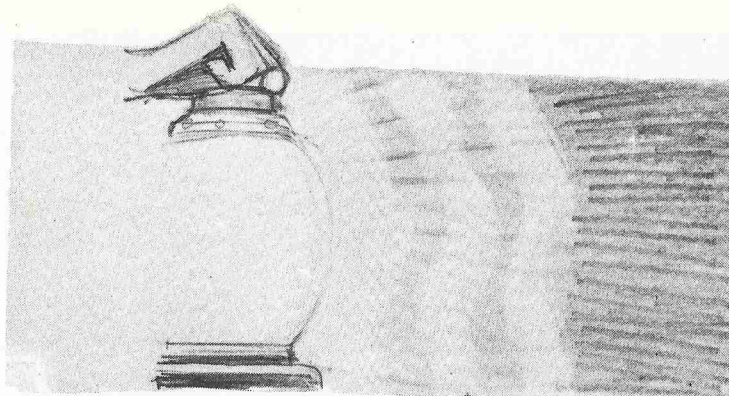
Para ele o coração da irmã que não o esquece e que deseja vê-lo cada vez mais feliz.

Estou feliz ao vê-la com a saúde melhorando sempre.

Muito carinho e gratidão de sua filha, sempre amiga e sempre a sua

Fátima Solange

Fátima Solange de Assis Campos



5

**Helton Mossa Cortucci –
MENSAGEM DE CARINHO E GRATIDÃO**

Querida Mãezinha Conceição e querido Papai Delto, abençoem-me.

Ainda estou bastante difícil para escrever, mas a vovó Conceição me trouxe para dizer-lhes que estou melhorando...

Parece que estou voltando a mim de um pesadelo muito longo...

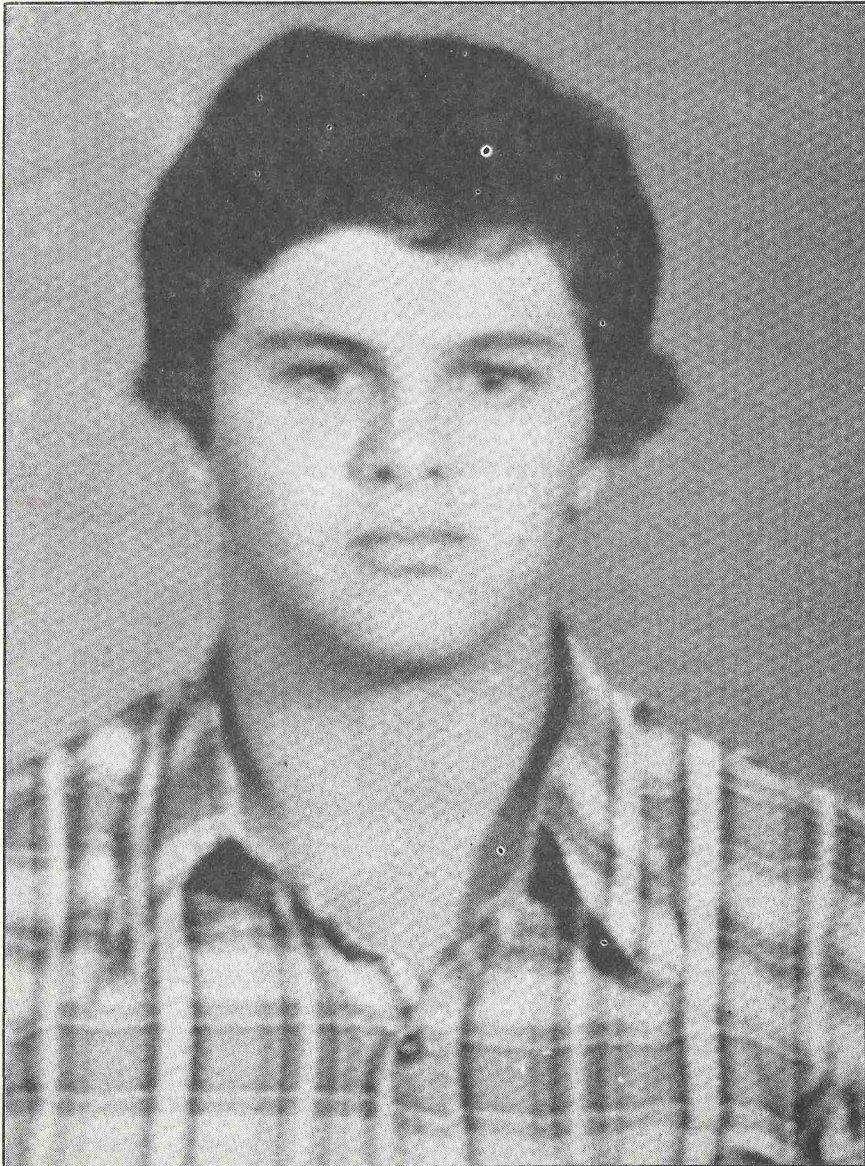
Ainda ouço os gritos que nos rodeavam...

Penso na Rosa Maria e na irmã que me pareciam muito alteradas...

Fizemos tudo quanto era possível para evitar o desastre, mas creio que o nosso lugar de parada era mesmo no ponto em que pessoa alguma da Terra nos conseguiria modificar a situação.

Desculpem-me pelo trabalho que lhes impus, mas, um dia, no futuro, espero em Deus encontrar os recursos para lhes retribuir o amor e a dedicação que me proporcionaram.

Envio muito carinho e gratidão a todos os nossos amigos, muito afeto à Sílvia.



Helton Mossa Cortucci

Não consigo demorar-me na escrita.

De outra vez, admito que estarei em melhores condições.

Querida Mãezinha e querido Papai, recebam o respeito e o carinho, a gratidão e o amor imenso, num grande abraço do filho reconhecido

Helton Mossa Cortucci

* * *

Por duas vezes, entrevistamos os pais de Helton Mossa Cortucci.

A primeira, no hotel em que se hospedavam, em Uberaba, na manhã de 25 de outubro de 1980, e a segunda, por telefone, na tarde de 12 de novembro de 1981, quando tomamos conhecimento de que na noite de 2 de abril daquele ano, o filho desencarnado havia transmitido, através do médium Eurcledes Formiga, que viria a desencarnar, em São Paulo, Capital, a 9 de maio de 1983, outra mensagem, uma espécie de complementação da psicografada pelo médium Xavier, na noite de 6 de junho de 1980, em Uberaba, objeto de nossos estudos neste capítulo.

Posteriormente, em 1982, ambas as mensagens foram incluídas por Eduardo Carvalho Monteiro no *Olá, Amigos* (*), e desde então aguardávamos o momento oportuno para incluir a referida página mediúnica num dos livros, em organização, de Chico Xavier.

Helton nasceu na Capital de São Paulo, a 11 de novembro de 1960, aí desencarnando, em consequência de acidente automobilístico (o sistema de freios de seu *Passat*, com seis mil quilômetros rodados, teria falhado), em compa-

(*) Eurcledes Formiga, Espíritos Diversos, Eduardo Carvalho Monteiro, *Olá, Amigos*, IDE, Araras (SP), 1ª edição - 1982, pp. 174-182.

nhia das jovens Rosa Maria Guilhermino, nascida a 15 de agosto de 1960, e Maria Beatriz Guilhermino, nascida a 20 de setembro de 1962, que também desencarnaram duas horas depois de hospitalizadas, e mais duas amigas – Tânia e Clemência – que sobreviveram, quando voltavam de um baile de Pré-formatura do Curso Colegial, a 16 de dezembro de 1979.

Filho do Sr. Delto Cortucci, bancário aposentado, e de D. Conceição Mossa Cortucci, residentes em São Paulo, Capital, à Rua Olga Cecília, nº 9 – CEP 03165 – Mooca –, *fone*: 264-2238, era funcionário do Banco Itaú, gostava de eletrônica e era veloz ao volante.

Não cuidava de religião, à maneira dos próprios pais, na época do acidente, admirando estes o médium Chico Xavier, quando o médium de Emmanuel aparecia na televisão.

Na parte final de uma carta, datada de São Paulo, 30 de outubro de 1980, a nós endereçada, diz-nos D. Conceição:

“Quanto à assinatura: depois dos 15 anos, quando tirou a documentação para trabalhar, Helton assumiu uma que manteve até a sua desencarnação, e normalmente quando escrevia seu nome por extenso, usava letras de forma ou a caligrafia atual; digo atual, porque nos lembramos que no primário ele escrevia seu nome como está na mensagem, mas infelizmente não guardei seus cadernos.

Envio um xerox de um cartão de Natal, onde ele assina o 1º nome.

Deu-me quando cursava uns dos primeiros anos da escola primária, onde o senhor poderá observar a semelhança do H.

Segue, também, a foto do Helton.

Somos muito gratos ao senhor pelo interesse em

publicar esta mensagem do filho amado, que trouxe tanto bálsamo aos nossos corações feridos pela dor.

Que Jesus nos guie e a todos nos abençoe.

Ao querido irmão Francisco Cândido Xavier a nossa imensa gratidão.

(a) *Conceição Mossa Cortucci*

Obs.: Gostaríamos, se possível, que o senhor nos devolvesse a foto. Obrigada.”

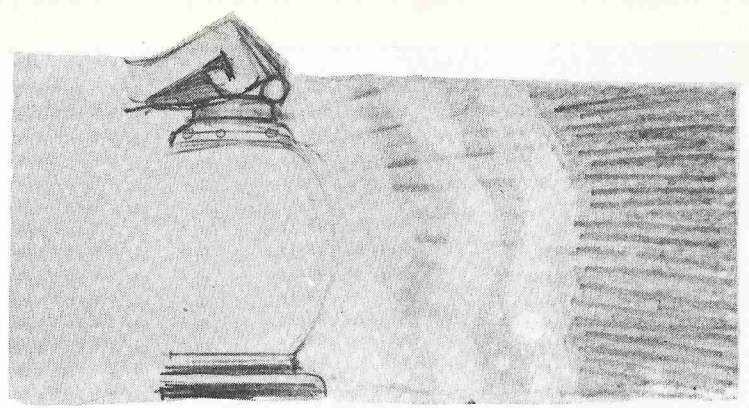
1 - *Vovó Conceição*: D. Conceição Pieradose Mossa, bisavó materna, nascida na Itália (veio para o Brasil com 15 anos de idade), e desencarnada a 23 de julho de 1930.

*

2 - “*Ainda ouço os gritos que nos rodeavam...*”: As amigas sobreviventes ao desastre confirmam que houve, com efeito, uma gritaria intensa, no momento do sinistro.

*

3 - *Sílvia*: Sílvia Mossa Cortucci, irmã caçula, nascida a 16 de maio de 1963.



6

**Henrique Emanuel Gregoris –
MENSAGEM I**

“Véia”, abençoe seu filho.

Estou aqui.

Isto não é carta.

É bilhete.

Só informática.

Não creia que deixei filhos do corpo aí no mundo.

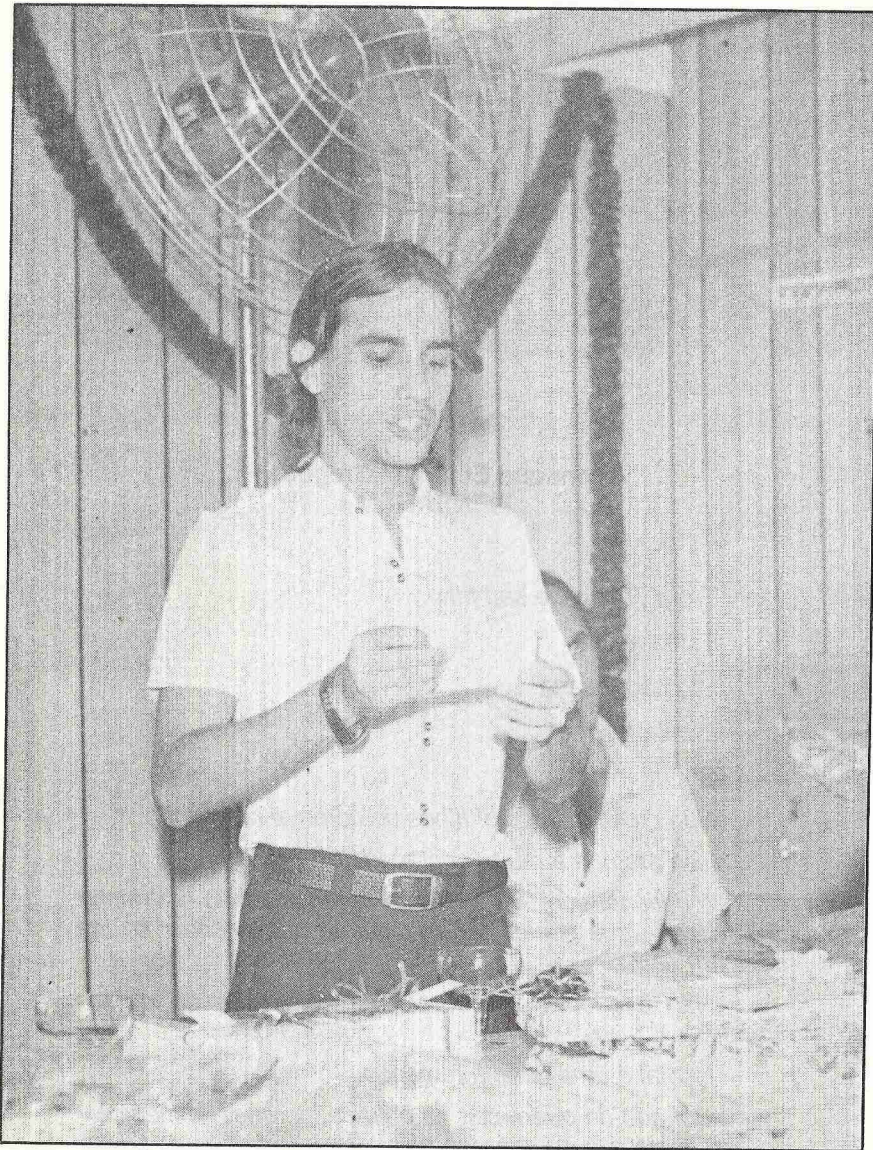
Isso até que é muito engraçado.

A Juliana, que tive o desejo de adotar, não era minha filha, e creia que gostei daquela garota quase como se lhe fosse um pai.

Não esquite a cabeça com conversas do mundo Grande.

Isso aí é uma panela fervendo.

Coitado de quem cair na beirada, porque a maledicência esfogueia a cuca até dos anjos, creio eu, porque, de minha parte, sempre bastou ajudar um tantinho alguma pobre



Henrique Emanuel Gregoris, em festividade natalina de confraternização, com os colegas de serviço.

irmã da Terra, para que não faltasse quem me visse paternizando crianças.

Deixe pra lá essa nova fofocagem e vamos trabalhar, porque você mesma, dona Augustinha, é que ensinou esse "Menino da Porteira" que sou eu, a fazer qualquer coisa de bom.

Os assuntos são muitos, mas o tempo está gasto e eu pedi muito para podar essa sua preocupação.

Mãe de rapaz, até de rapaz morto, sofre, sofre sempre as conseqüências das mírimas impressões que um filho solteiro cause.

Não se incomode com o que digam.

Que andei vagueando por aí, isso é mais do que verdadeiro, mas vaguei com quem vagueava, e quem vagueia no vazio, não encontra senão o vazio ao fim de qualquer estrada.

Mãezinha Augusta, creia em mim e tranquilize-se.

Não sou anjo e nem estou aqui de mãos postas, como se estivesse guardado num nicho.

Estou lutando e lutando muito para melhorar-me, mas quero melhorar-me para Deus e para você, que foi e continua sendo para mim a melhor mãe que o Céu me poderia dar.

Desculpe esta página de confessionário doméstico, que somente visa a sua paz, e em que procuro adquirir a humildade que ainda não tenho e receba, com lembranças para nossa querida Dona Lélia, um beijão de seu filho, sempre seu,

Henrique

MENSAGEM II

"Véia" querida, Deus nos abençoe.

Comemoração de aniversário.

Dois corações, no coração de grande família espiritual.

Agradeço o carinho de sua lembrança.

Isso é muito, Dona Augustinha, para um filho que nada fez por merecer, mas sinto que os irmãos e sobrinhos estão conosco em pensamento e, por eles todos, almas queridas que somam tanta felicidade para nós na vida, a festa é válida.

Não falta ingrediente algum.

Chamas brilhando se localizam nos sentimentos dos companheiros que nos compartilham das orações.

O pão espiritual significando o bolo tradicional é farto em auxílio a nós que o recebemos, jubilosamente das palavras iluminadas de amor e fé que estão sendo articuladas pela nossa irmã, com a interpretação da noite.

Flores temo-las em monte nas esperanças que se exteriorizam desta sala, perfumando o ambiente com o aroma da fraternidade positivamente vivida.

E os votos do seu maternal carinho me alcançam, de impacto, lembrando-me a necessidade de progredir e aperfeiçoar-me para ser melhor, ou mais acertadamente, para ser bom, tanto quanto devo e preciso.

Estou sensibilizado.

As recordações são numerosas.

Venho pedir pra Você, porém, compreender comigo que a nossa festividade hoje é mais autêntica.

Sei que você, quando enxerga alguma praça de alegria ou algum lance de felicidade nos outros, escuto, de imediato, o seu pensamento, a dizer-me sem palavras terrestres: "Ah! se o meu Henrique aqui estivesse!..."

Sei quanto amor transparece de suas afirmativas, no entanto, saiba, querida "Véia", que a minha volta ao Mundo Espiritual foi uma bênção.

Tornamo-nos mais unidos.

Agora, sei viver conscientemente, com Você e por Você.

O papai Gastão me explica, de quando em quando, – "Você teria de vir, meu filho, para conseguir auxiliar a mamãe de maneira segura".

A princípio, acreditava que meu pai falava desse modo, de maneira a prestar-me consolo, entretanto, os dias aqui não passam vazios, para quem aspira a aprender.

Ainda não pude compulsar o Livro da Vida, nas suas informações mais profundas, entretanto, dentro de mim, vou encontrando lembranças ligeiras, a me revelarem quão juntos estamos nós perante a vida.

Que seria de seu Henrique se ficasse por aí, sassariando aqui ou ali, ou seguindo a cartilha das paqueras?

Quando seus olhos estivessem detidos em algum desfile dessa ou daquela natureza na Terra, ou quando se veja cercada por grande multidão, recorde quão feliz me vejo, liberado de adesões e participações e movimentos aos quais intimamente não me associo.

Quero contar pra Você, Mamãe Augustinha, um segredo de que estou fazendo um prato público.

Pensei muitas vezes em casamento, mas no fundo de meu próprio ser, permanecia o desejo de encontrar alguém que continuasse Você, junto de mim.

Você era o espelho e a medida para minhas escolhas e não encontrei ninguém para substituí-la em meu campo íntimo.

Algum sabidão da Terra falará em Triângulo afetivo, Freud será invocado para se destacar a sexualidade sobre quaisquer sentimentos, mas de tanto ouvir semelhantes argumentações sem base na validade, deixo-as para novos estudos no Grande Porvir.

Raciocinando com as minhas reflexões, a sua bondade verificará que a Terra, ficaria sendo inabitável para mim.

O pai Gastão me esclarece que vim para cá no momento certo, quando mais intensa se me desabrochariam reminiscências imprecisas de vidas passadas.

Não lastime o processo pelo qual fui removido para cá.

Isso era necessário.

Em nossas conversações espirituais, nas horas de prece, Você acaba sempre concluindo que a nossa união vem de muito longe.

E o que digo, nestas páginas, pode servir a muitas mães e pais que são compelidos a perder, na Terra, provisoriamente, a companhia de filhos inesquecíveis.

Quantos de nós, renascemos para reavivar chamadas de amor que a saudade ou a renúncia devem sublimar?

Hoje, observo quanto me pesariam festas e soçaites, solenidades e outros etecéteras, se houvesse permanecido na condição que o Plano Físico me oferecia.

Com toda certeza, integraria a lista dos desajustados e infelizes que uma cobertura dourada habitualmente oculta aos olhos alheios.

Não mentalize para seu Henrique outra espécie de ato final na peça de minha existência última.

Para aqueles que partem, ficam os vínculos repletos de luz com os pais abençoados, e para os que se demoram no mundo, a carência afetiva exerce a função de sentinela, impedindo que a atenção volte de novo para as algemas do Mundo Físico, já que a saudade lhes habita a alma ansiosa, à maneira de lâmpada acesa, permanentemente, indicando os Caminhos do Céu.

Tudo isso, "Véia", é material para nossas reflexões e

folgo com isso, porque, em plena lembrança de natalício, posso rememorar a nossa união sublime, com a alegria de quem redescobre um Tesouro que Deus nos concedeu e que nunca desaparecerá.

Quanto ao mais, güente as pontas por aí, porque a existência na Terra, sem perder a nossa reverência para com Deus que no-la cedeu, em nosso próprio benefício, mais se parece a uma peça em que todos os atores, para serem eficientes, devem estar armados de máscaras e ensaios com disciplinas de pontos e deixas para que o papel seja representado com segurança.

O nascimento da criatura é a entrada em palco e por muito tempo a pessoa, sempre disfarçada para efeito educativo, transita entre luzes e gambiarras, muitas vezes falando ou fazendo aquilo que no íntimo não deseja.

A morte é o regresso aos bastidores.

E dos bastidores é que apreciamos as cenas com segurança, numa torcida quase louca para que os artistas de nossa afeição consigam vencer na parte que lhes compete.

Como pode observar, estou agora fora dos enfoques e lutando para que Você consiga vitória plena.

E assim prossigamos felizes.

Hoje, sou muito mais seu do que ontem e posso colaborar em suas tarefas, com possibilidades de tempo e atenção que antes, nem de leve, supunha pudesse obter algum dia.

O recado de amor filial está transmitido e agora peço-lhe dizer para as nossas irmãs, Dulce e Silvinha, que o nosso estimado Zacharias está no trabalho espiritual junto delas, com valiosa quota de recursos entre a nossa Irradiação e o Solar, na prática daquele amor que ele sempre soube exemplificar.

E para a nossa querida irmã Gilca, enviamos daqui a certeza de que a nossa maternal amiga Sebastiana, continua crescendo em abnegação e carinho, amparando, não somente a ela, mas igualmente a muitos irmãos sofredores.

Do pessoal de Trindade, não posso ainda enviar qualquer notícia, embora tenha amigos nas equipes assistenciais que funcionaram nas solenidades sempre dignas de nosso melhor respeito.

Espero obter informes, oportunamente.

Rogo a Você, querida "Véia", dialogar com o nosso Dudu, o nosso querido Eduardo, pedindo a ele para que não esmoreça.

Toda realização pede preço.

E a faculdade de voar com preciosas coberturas sociais e econômicas, exige muito esforço.

Mas esforço é bênção, sempre que orientado para o bem e, acima de tudo, desejamos que ele esteja resguardado no bem para construir o bem sempre maior.

Muitas lembranças para Ângela e Márcia, Luiz Antônio e Mário Lúcio, com os nossos "grandes gênios mirins" que, segundo dizem, vão construir a nova civilização na Terra.

Agradeço à nossa irmã Lélia a companhia afetuosa e a todos os irmãos que nos auxiliam com o suporte dos pensamentos de amizade e tolerância, a fim de que eu possa garatujar esta carta.

E agora, querida Mamãe, é aquela hora...

A palavra deve dizer "até breve", mas esse "até breve" não é exato, porque lhe desejo muito tempo de presença generosa juntamente dos nossos, por dentro da família e dos nossos que aparentemente estão por fora do nosso círculo doméstico.

Se eu disser "adeus", igualmente estaria iludindo a mim mesmo, porque a Bondade de Deus nos uniu para sempre.

Então faço um beijo com lágrimas de saudade e de alegria, para depor em seu coração querido.

Quem dirá que parto, se estou ficando?

Pense nisso, e continuemos cada vez mais unidos em Jesus.

É isso aí, Dona Augustinha.

Fique tranqüila e saiba que as suas saudades que me iluminam tanto, guardam as mesmas dimensões das saudades do seu filho, sempre seu menino do coração,

Henrique

MENSAGEM III

"Véia" querida.

Deus nos abençoe.

Estamos igualmente regressando da excursão de fraternidade.

Viagem através da experiência humana para o reencontro com o Cristo.

Jesus na pessoa dos nossos companheiros da retaguarda.

Jesus doente nos enfermos esquecidos, nas crianças relegadas ao frio da noite, nas mães infelizes, nos pais extenuados de inquietação e sofrimento, nos tristes que perderam a esperança, nos corações caídos em desalento e voltamos pensando nas lições recebidas.

Natal é uma promessa de alegria e uma realidade de lágrimas.

Isso porque basta nos distanciarmos um tanto de nossas comodidades e de nossos hábitos, para enfrentarmos o desafio do Mundo Melhor por fazer.

Aquele Eterno Amigo que nasceu ao clarão de estrela resplendente e foi sacrificado no cimo de um Monte, a fim de que todos Ihes víssemos a suprema renúncia, continua a chamar-nos...

Dezembro a Dezembro se renova o convite sublime.

Amparar os deserdados, erguer os que se estiram em desânimo, iluminar os que jazem nas trevas; socorrer os últimos das filas imensas da provação...

É por este motivo que finalizamos a nossa caminhada igualmente em prece...

Oramos por aqueles outros companheiros do Mundo, para os quais a escola de Jesus ainda não se fez conhecida, ante a indiferença deles próprios; pelos que transformaram a própria existência num recanto de prazeres inúteis; pelos que preferiram a sombra a fim de se entregarem à perturbação com que se lhes entenebrece o curso dos dias; pelos que desertaram da fé, acreditando-se meros fantoches no caminho dos deveres a que foram convocados, deles se desviando para a celebração de festivais da descrença e do egoísmo em que se lhes desgastam as forças; pelos que inventam as necessidades dos semelhantes, dificultando-lhes o acesso ao pão de cada dia, de modo a se patentearem na condição de donos dos recursos da Terra, ignorando que voltarão à Verdadeira Vida em plena nudez espiritual, assim qual surgiram na experiência física; pelos que se fazem surdos aos gemidos alheios, qual se fossem impermeáveis à dor que os transformará no Grande Futuro; pelos que espalham aflição e pranto, destruindo a paz e o equilíbrio de corações devotados ao bem; pelos que se enganam com as suas possibilidades próprias, transformando-as em leviandade e agressão aos outros, sem perceber que unicamente estruturam as algemas

que os prenderão por muito tempo nas celas da culpa, e por todos aqueles que ferem e perseguem, desconhecendo que acabam dilapidando e enlouquecendo a eles mesmos...

Por todos oramos, rogando ao Senhor os envolva no manto da Paz e da Verdade para que venham igualmente caminhar, procurando-O nos irmãos encarcerados na prova, em doloroso burilamento.

Estamos felizes porque atravessamos a Noite Santa, buscando Aquele que nos recomendou: "e tudo o que fizerdes a qualquer destes meus pequeninos é a Mim que O fazeis".

Pois eu hoje sou o pequenino entre os menores, a quem seu coração materno e os nossos amigos presentes trouxeram imenso bem.

Em nome de todos os companheiros que terminamos nesta hora, em companhia de nosso querido grupo, a jornada pelos caminhos do trabalho regenerativo, o nosso "muito obrigado".

E agradecendo ainda, por todos aqueles aos quais entendidas se fizeram as mãos, de todos os amigos que nos compuseram a companhia, porque de todas as migalhas de amor doadas aos herdeiros do Calvário, formará o Divino Mestre a Luz sublime que Ihes guiará os passos no Dia do Retorno.

Quando soar, um dia, a campanha da Volta ao Grande Lar, conservem os amigos queridos a certeza de que as bênçãos distribuídas, ainda as menos perceptíveis, se lhes farão marcos iluminados, assinalando a estrada do reencontro com o Eterno Doador de Todas as Bênçãos.

Mamãe Augustinha, estou contente.

Perdoe se seu filho ora nesta noite com o pranto a Ihe encharcar os pensamentos...

São as lágrimas de alegria por haver aprendido em seu colo a pronunciar o nome de Deus e a conhecer o Ben-

feitor Infatigável Jesus Cristo, o Luzeiro de Deus, que, no Mundo, aceitou o sacrifício e a morte para conduzir-nos todos à verdadeira Vida e à imortalidade da Luz.

Muito amor e gratidão do seu filho, sempre o seu,

Henrique

MENSAGEM IV

"Véia" querida,

Pensem em Deus para que minhas palavras não lhe fujam da bênção.

Estou ouvindo os seus pensamentos, pedindo-me para adiar as minhas dicas para outra.

Seus olhos estão fitando a sala cheia e, por dentro, você me diz que o nosso papo deveria ser adiado.

O negócio, porém, é que você está quase doente de aflição.

E tristezas com perguntas concentradas acabam em veneno, maltratando o corpo de quem as acolhe, se não forem derramadas em algum coração que nos compreenda.

Pois é isso aí.

Outro lugar, por enquanto, não temos para garatujar as notícias de seu rapaz e, por isso, lanço as falas com a alegria de quem deseja substituir a sua preocupação por esperança.

Mãe, querida, é natural que a sua dedicação fique de sentinela para auxiliar os filhos queridos, mas fora isso, deixe certos assuntos pra lá da inquietação e mais pra cá de nossa confiança em Deus.

Nossa escola de entendimento e perdão está funcionando.

Determinados casos precisam ficar na geladeira para que o tempo lhes esfrie o fervedouro.

É a lição dos nossos Guias: Silêncio e prece.

Estou furtando esta legenda das nossas próprias paredes, porque considero adequada ao nosso problema semelhante mensagem exposta.

O que está resguardado pelos outros, resguardado fique, até que seja o tempo disso ou daquilo sair à luz.

Essa história de verdade aberta costuma separar muita gente e até suscitar doenças que induzem à morte prematura.

Quando Pilatos perguntou a Jesus o que era a Verdade, nem Ele, o dono dela, quis responder. O Divino Mestre terá permanecido no ponto a que me refiro: Silêncio e prece.

E mais nada.

O tempo é um grande ministro de Deus, na renovação de tudo o que possa atrasar os processos da vida ou complicá-los.

Que outros se apropriem de certos pratos sociais e se deliciem com eles.

Esses companheiros desavisados não sabem quanto lhes custará o tempero de vinagre e pimenta com que costumam regar os lanches da fofocolândia.

Deus os proteja.

Conversa amiga com o nosso Eduardo só faz bem.

Quanto ao mais, saiba, "Véia", que tenho muita prática do "bicho homem", porque há muito tempo faço parte desse antigo zoológico, que a gente precisa respeitar e deixar com Deus para não dificultar a vida em si mesma, com tanto problema para esquentar a cabeça.

Já temos grudes e pampeiros pro gasto.

E quanto ao dinheiro que outros dissipem, deixe essa manobra no campo em que aparece.

Do que venhamos a necessitar, pode crer que Deus não nos deixará em falta.

Se alguém estiver aqui com empeços semelhantes aos nossos, os que nos partilharem a prova nos entenderão, e até, penso eu, ficarão contentes com o que digo.

Sigamos para diante fazendo o bem, que do mal já existe muita gente cuidando.

Peço ao seu coração de Mãe dependurar um belo sorriso nos lábios e, com o silêncio e prece, sigamos na direção de outras experiências.

Barras maneiradas e passos firmes na estrada que Deus nos deu, porque o serviço aí já é demais.

Em nossas meditações com o retrato de permeio, continuaremos conversando.

Muito confiante na vida, e pedindo a Deus a todos nos auxilie e nos proteja, receba, Dona Augustinha, a alegria e a gratidão no beijo repleto de muito carinho e reconhecimento do seu filho, sempre o seu,

Henrique

MENSAGEM V

Véia, não seria possível estarmos tão pertos um do outro, no salão do papel e do lápis e não me empenhar na conquista de alguns minutos para lhe escrever.

Impossível o silêncio, quando a sua saúde física andou periclitando...

E continuamos preocupados, na defesa do seu refazimento de forças.

Mãe, é preciso lutar, não amoleça com a idéia de vir a ter conosco, por enquanto.

Preciso trabalhar muito ainda para recebê-la menos mal.

Quando aí estive, você me aninhou em tantas rendas e me instalou num monte de sedas e eu, por agora, ainda estou muito pobre a fim de tê-la comigo, embora o meu pai Gastão esteja rico de merecimentos dele.

Quero, porém, entrar nos meus próprios recursos para repartir consigo a minha pobreza linda, porque é pobreza repleta dos tesouros de suas lembranças.

Prepare-se para tratamento oportuno, caso não nos seja possível arredá-la de nova cirurgia.

Acontece que os ligamentos de categute se dissolveram antes do reajuste sólido dos tecidos atingidos pelo bisturi e esse fiasco de um fio tão famoso nos impele hoje a refletir numa nova e possível intervenção.

Ainda assim, Dona Augustinha, não se apavore.

No entanto, no começo de qualquer providência seja exigente na escolha do material, seja humano ou seja de elementos de menor significação, para entregar o próprio corpo a novos cortes.

Desculpe-me falar assim, mas o amor manda e eu obedeço.

A vida na Terra, Mamãe, é um aprendizado bendito.

Fico admirado hoje com quem se recusa a sofrer e adquirir experiências novas.

Quem não chora não sabe ver a realidade, e quem não luta, não atinge o sabor da vitória que é triunfo mais por dentro de nós do que por fora.

Continue firme em seus princípios.

Não se esqueça de uma beira de tempo, cada dia, pa-

ra colocar o corpo no estaleiro de meditação e da prece para as necessárias reparações.

Não se pode parar no cotidiano, mas arranjar uma pausa para a reconstituição das próprias energias, isso é preciso, tanto quanto em qualquer texto, a pontuação é indispensável.

Ponha algumas vírgulas em suas tarefas e sigamos em frente.

Estamos satisfeitos com a sua decisão de cooperar com o Lino, no Lar São Francisco.

A nossa Mariquinha Veiga já retomou o arado e está muito contente com a sua presença mais assídua, em serviço.

Efetivamente, a obra precisa de braços e corações que a entendam, e isso você tem de sobra.

Compreendo o contratempo havido com outros ambientes, mas, com franqueza, se eu ainda estivesse aí e alguém só quisesse passes por minhas mãos como se eu fosse um santo de barro, não concordaria, e já que não conseguiria desligar-me do trabalho de que necessito, visando à minha própria melhoria, decerto bateria em outra porta, buscando fregueses novos para as bugigangas espirituais que me fosse possível distribuir.

É isso.

Quando a criatura se percebe eleita, sem possibilidade de clarear o problema, o negócio é mudar, conquanto o respeito e o carinho pela obra em si, que nos serviu e nos serve tanto, continuem sem a mínima alteração em nosso agradecimento.

E você, Dona Augustinha, ainda tem o lar do Mário Lúcio e do Luiz Antônio com os netos de quebra.

Não é somente a casa de São Francisco, mas é tam-

bém a residência das filhas, onde o estado menor da família não lhe dispensa o comando.

E tem outra.

O nosso Eduardo ainda está por aí pensando no Tim e o Tim precisa cooperar em auxílio ao Eduardo.

Graças a Deus o trabalho não nos falta e a gente vai indo para adiante, ora com mais rapidez e ora como se fôssemos puxados à força de bois amigos ou de motores violentos.

Aqui, igualmente, para quem deseja aprender a servir, as horas são devoradas por quefazeres que parecem longe de qualquer fim.

A propósito de novidades, quero informar à nossa irmã Eurídice que o Paulo vai seguindo com melhoras apreciáveis.

Desencarnações inesperadas trazem um mundo de seqüelas que é preciso podar a tempo, a fim de que certos condicionamentos mentais não se cristalizem por dentro de nós.

Não temos vocação para criticar ninguém, mas realmente, enquanto no Plano Físico, muita gente se engana com a dona das cinco letras que lhe formam o nome fatídico.

A morte não é banho milagroso, no qual a criatura entra e sai com diferenças assombrosas.

Os distintos penetram à força nesse balneário de surpresas e encontram tanto serviço por fazer em si próprios, que muito poucos se sentem dispostos ao correio mediúnico.

Guardam o receio de faltarem com a verdade e ao mesmo tempo não se animam a declarar que não encontraram o céu e nem o inferno e sim os pensamentos materializados deles mesmos.

Ainda assim não posso fugir do propósito de animá-la para o seu tratamento e seu trabalho.

Filosofia fica para depois.

O nosso amigo Alvicto está presente e me recomenda dizer à nossa irmã Lélia para que se sustente na calma habitual, seguindo as ocorrências da vida e tratando da execução de seus próprios compromissos com a Espiritualidade Maior.

Ele próprio conseguiria dizer o que deseja com mais segurança do que eu mesmo, no entanto, ei-lo que diz que para se entender com Dona Lélia lhe basta uma carona em comunicado de pessoa amiga, e faço isso com prazer.

Mamãe, abrace o Eduardo por mim e peça a ele fazer sempre a revisão das máquinas em que pretenda se deslocar ou decolar.

Se a função não é dele, que a providência seja por ele movimentada.

Com isso não estamos colocando banca de cigana.

É que o trânsito no ar é mais difícil do que o trânsito de rua.

Mas, por agora, chega de minha conversa, temos muitos companheiros fazendo força contra o bocejo, e o bocejo quando é demais vira calamidade para quem o provoca.

Muitas lembranças para todo o nosso pessoal.

E com muitas saudades do seu carinho, conquanto esteja sempre a receber-lhe os afagos em meu pobre retrato, livre-me, querida Mamãe, do frio da solidão e fique sempre comigo porque preciso cada vez mais de você e todo o amor e todo o reconhecimento do seu, sempre o seu filho-mais-filho porque desejo ser sempre o seu amor-mais-amor.

Beijos do seu filho

Henrique

Na manhã de 16 de abril de 1985, o Sr. Ayres Soares,

residente em Uberaba (*fone: 332-1588*), irmão de D. Augusta Soares Gregoris, deixou em nossa residência um envelope, acompanhado de um bilhete seu, contendo farto material iconográfico e mensagens de Henrique Emanuel Gregoris, algumas absolutamente inéditas e outras somente em livros, que a gentileza de D. Augustinha nos enviou para que pudessemos aproveitar num próximo volume a ser organizado com páginas recebidas pelo médium Xavier.

Incluído, anteriormente, nos livros *Enxugando Lágrimas* (1) – Capítulos 23 a 28 –, e *Claramente Vivos* (2) – Capítulos 11 a 14 –, Henrique nasceu em Goiânia-GO, a 7 de julho de 1952, filho de Gastão Henrique Gregoris, já desencarnado, por afogamento, um dos co-autores espirituais de *Enxugando Lágrimas*, e de D. Augusta Soares Gregoris, residente na Capital de Goiás, à Rua 90, nº 790, Apto. 202-A –, Edifício Itapuã – Setor Sul – *Fone: 062-223-1086*, CEP 74310, aí desencarnando, vítima de arma de fogo, a 10 de fevereiro de 1976.

Tendo sido o amigo com quem Henrique se encontrava, no local da ocorrência, absolvido pelo Juiz da Comarca de Piracanjuba, que respondia pela de Hidrolândia, a família Gregoris apelou para Instância Superior, somente encerrando, definitivamente, o processo, quando o médium Chico Xavier, a pedido do Espírito de Henrique, foi, pessoalmente, a Goiânia, solicitar à D. Augustinha para que perdoasse o referido amigo.

Trabalhava na Planitec, Assessoria e Planejamento, que prestava serviços à APEGO – Associação de Poupança e Empréstimos de Goiás.

Cursava Administração de Empresas, inicialmente na

(1) Francisco Cândido Xavier, Elias Barbosa, Espíritos Diversos, *Enxugando Lágrimas*, IDE, Araras(SP), 1ª edição - 1978, pp. 11-136.

(2) —————, *Claramente Vivos*, IDE, Araras (SP), 1ª edição - 1979, pp. 62-83.

Goiânia, 15 de Junho de 1976

Exmo Sr.

Dr. Wanderley Medeiros

Av. Goiás, nº 400 sala 901

NESTA

Prezado Senhor

Apesar de haver solicitado a apelação da sentença do processo de morte de meu filho Henrique Emanuel Gregoris, um fato novo surgiu, trazido pelo nosso conhecido irmão Francisco Cândido Xavier, que deslocou-se até Goiânia atendendo o pedido de meu filho, que vive hoje no Plano Espiritual, para dizer, dentre outras, a seguinte mensagem:

PERDÃO PARA O ACUSADO.

Consciente da veracidade do pedido, peço para retirar a apelação feita registrando com firme convicção o fato de que:

MEU FILHO, HENRIQUE EMANUEL PERDOA O ACUSADO.

Pedimos e agradecemos a vossa preciosa colaboração para o encerramento do processo.

Atenciosamente

Augusta Soares Gregoris

Augusta Soares Gregoris

VITÓRIA

63

Universidade do Distrito Federal, e, depois, na Universidade Católica de Goiás, em sua terra natal.

Era solteiro e entusiasta com os trabalhos do campo.

Espírita-cristão, freqüentava, regularmente, a Irradiação Espírita-Cristã e o Centro Espírita Irmã Scheilla, de Goiânia.

Servindo-nos de dados fornecidos por D. Augustinha, que acompanham correspondência, datada de 10 de abril de 1985, passemos ao estudo das mensagens que selecionamos para este volume, lembrando-nos de que, em todas elas, Henrique prossegue chamando a genitora de "Véia" e usando as gírias que lhe eram habituais.

Mensagem I, recebida numa noite de 6ª feira para sábado de junho de 1977:

1 - *"Não creia que deixei filhos do corpo aí no mundo. / Isso até que é muito engraçado. / A Juliana, que tive o desejo de adotar, não era minha filha, e creia que gostei daquela garota como se lhe fosse um pai. / Não es quente a cabeça com conversas do mundo Grande. / Isso aí é uma panela fervendo."*: Eis o que nos diz D. Augustinha:

"(A mais interessante de todas as mensagens.)

Sai para fazer pagamentos no Banco, e lá uma amiga me saudou toda eufórica, dizendo:

– Sabe, eu conheço o filho do Henrique, que é a cara do pai.

No meu espanto e incredulidade, fiquei sem fala ou movimentos.

Ela, nem percebeu a minha fraqueza. Falou, falou e eu... pasma.

Procurei os amigos do meu filho, e eles me afirmaram ser conversa inverídica.

Fui até Uberaba, com a amiga Lélia.

Lá, quando chegamos, os trabalhos já estavam bem adiantados, na noite.

Chico Xavier psicografou uma mensagem de Emmanuel e outra belíssima de Dráusio, para a mãezinha dele, Zilda Rosin.

Eu pedia mentalmente ao Dráusio que me enviasse algum recado do meu Tim.

Nada.

Depois de lidas as mensagens, Chico pegou uma página sobre a mesa, olhou-me dentro dos olhos (ele não sabia que estávamos em Uberaba), e começou a ler este bilhete, que lavou minha alma da angústia e da aflição.

(Sem comentários.)

Juliana: Filha de uma das colegas de serviço de Henrique, de Brasília, que desencarnou em acidente automobilístico em Minas Gerais, 40 dias depois dele.

Henrique amava muito esta garotinha.

(*Amor e Luz*, pág. 114.)”

Aqui se nos depara um assunto sobre o qual precisamos nos deter, dada a importância de que se reveste.

Não fora o nosso orgulho milenar, alimentado pela *panela fervente do mundo Grande*, ainda de provas e expiações, e todos os pais e mães deveríamos nos alegrar ao saber que um de nossos rebentos, ao invés de lançar mão de técnicas abortivas, entrando na criminalidade, para descartar-se de um filho gerado fora do casamento, deixa, pelo contrário, que ele nasça com todos os traumas necessários à sua evolução espiritual.

Comumente, qual a nossa atitude diante de semelhante quadro?

Ficamos arrasados. E os princípios espíritos que espo-

samos? Qual a finalidade deles em nossas vidas? Até quando o orgulho há de nos guiar os passos, afastando-nos do Cristo de Deus?

O problema, quando visto de outro ângulo – dos chamados *filhos adúlteros* –, toma-se mais sério, ainda em consequência do orgulho.

Todos os psiquiatras e médiuns espíritas com atendimento ao público, como se dá com Chico Xavier, há 60 anos ininterruptos, têm bastante experiência neste campo: rapazes ou moças portando armas com vistas a tirarem a vida daqueles que lhes facilitaram a entrada neste mundo, mas que não puderam ou não quiseram assumir-lhes a paternidade, oficialmente.

Em vez de beijarem os pés desses filhos de Deus, por lhes terem facultado a volta a este Planeta para o cumprimento de provas e o resgate de dívidas contraídas no grande pretérito, não merecendo, atualmente, usufruir pais, de acordo com as leis terrenas, em obediência à Lei do Merecimento e às injunções das leis cármicas – filhos abandonados, sem qualquer noção de responsabilidade, e a falta de respeito para com os genitores que a Providência Divina lhes destinou em vidas passadas –, guardam ressentimentos e se tornam amargos.

Quanto há que por aparecer no sumário de suas biografias somente o nome da genitora, como se dá com o autor do *Dicionário Filosófico* (filho de Marie-Marguerite Daunard, nasceu François-Marie Arouet, dito Voltaire, em...), se recusam a aparecer, publicamente, levando vida de completo isolamento!

O autor destes apontamentos, relativamente qualificado neste difícil terreno, ele mesmo um filho natural, em fazendo estas considerações, roga permissão para unir-se a todos os leitores, sob o clima de oração e trabalho infatigável na caridade material e moral, para que todos possamos com-

bater em nós mesmos, não somente o orgulho, mas, ainda, o egoísmo e a vaidade, a fim de que, com efeito, tenhamos condições de nos considerarmos autênticos espíritos-cristãos.

*

2 - "*Menino da Porteira*": Sobre a toada de Teddy Vieira e Luisinho, que Henrique e seu irmão Eduardo tocavam no violão e cantavam, acompanhados por D. Augustinha, vejamos o item 16 do Capítulo 26 de *Enxugando Lágrimas*.

*

3 - *Dona Lélia*: Sra. Lélia de Amorim Nogueira, filha do Sr. Antenor de Amorim, e esposa de Alvíctio Osóris Nogueira, nossos conhecidos de *Enxugando Lágrimas*, e muito amiga da família de Henrique.

Mensagem II, recebida na noite de 7 de julho de 1979.

"Muito interessante esta mensagem de 7/7/79," – afirma Dona Augustinha – "aniversário de Henrique, porque, quando jovem, sua mãe fazia parte do Grupo Teatral A.G. (Agremiação Goiana de Teatro), e anos mais tarde, Henrique se ligou ao mesmo Grupo, liderado pelo diretor Otavinho Arantes."

1 - "*Você era o espelho e a medida para minhas escolhas e não encontrei ninguém para substituí-la em meu campo íntimo. / Algum sabidão da Terra falará em Triângulo afetivo, Freud será invocado...*": Escrevendo sobre o Espiritismo na Correspondência e na Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (3),

(3) *Anuário Espírita 1979*, IDE, Araras (SP), seção "Literatura & Espiritismo", pp. 38-73.

a liberdade de transcrever dois passos bastante elucidativos, psicografados pelo médium Xavier, sobre Sigmund Freud (1856-1939) e sua doutrina, o primeiro de André Luiz, extraído de *Obreiros da Vida Eterna* (FEB, Rio, 4ª edição, 1952, pp.31-33), e o segundo de Emmanuel (resposta à questão 47 de *O Consolador*), que justificam, plenamente, este significativo trecho de Henrique.

*

2 - *Dulce e Silvinha*: Dulce Moraes Zacharias e Silvinha Zacharias, viúva e filha de João Zacharias, desencarnado, amigas da família de Henrique.

*

3 - "*A nossa Irradiação e o Solar*": a) Irradiação Espírita-Cristã - Centro Espírita sito à Rua 201, nº 232, Vila Nova, Goiânia-GO; b) Solar Colombino Augusto de Bastos – Abrigo para velhinhos, pertencente à Irradiação Espírita-Cristã.

*

4 - "*Nossa querida irmã Gilca; nossa maternal amiga Sebastiana*": a) Dra. Gilca Esselin, odontóloga amiga da família; b) Sebastiana Pereira Esselin, sra. mãe da Dra. Gilca Esselin, desencarnada a 6 de janeiro de 1976.

*

5 - *Trindade*: Cidade e município do Estado de Goiás, com 1.273 km² de superfície. Próxima de Goiânia, a cidade é famosa pelas tradicionais festas católicas que aí se realizam, recebendo, por ano, milhares deromeiros.

*

6 - "O nosso Dudu, o nosso querido Eduardo": Eduardo Gregoris, piloto comercial, irmão de Henrique.

*

7 - Ângela e Márcia, Luiz Antônio e Mário Lúcio: a) Ângela e Márcia, irmãs; b) Luiz Antônio e Mário Lúcio: Luiz Antônio Rabelo e Mário Lúcio Sobrosa, cunhados do comunicante.

Mensagem III, recebida na noite de Natal – 24-25 de dezembro de 1979.

Belíssima página com a qual Henrique, a nosso ver, dá mostras de estar se preparando para, em momento oportuno, entrar na equipe de Espíritos de Luz que escrevem sobre o Natal, através do médium Xavier, com as Benfeitoras espirituais Meimei e Maria Dolores à frente.

Mensagem IV, recebida na noite de 8 de março de 1980.

Excelentes as considerações de Henrique a propósito do lema adotado pelos Guias da Espiritualidade Maior: *Silêncio e prece*, lembrando, com propriedade, o passo do Evangelho de João – 19:38 – sobre o silêncio de Jesus ante a pergunta de Pilatos – "o que é a Verdade?"

Mensagem V, recebida na noite de 4 de junho de 1982.

Registramos mais alguns passos do depoimento de D. Augustinha:

"Henrique descende, pelo lado paterno, de família de origem italiana.

Enrico Gregori, bisavô de Henrique, natural de Udine, emigrou para o Brasil e se instalou em Ribeirão Preto-SP, e foi um dos fundadores da Colônia Italiana, sendo seu presidente, e recebendo o título de *Socio Onorario* da Società Operaia Mutuo Soccorso e Beneficenza "UNIONE ITALIANA", no dia 31 de outubro de 1928.

Acrescentou um "s" ao nome, para que ficasse mais brasileiro, Gregoris. De muitos filhos, Eduardo, já casado, veio para Goiânia, onde Gastão Henrique, seu primogênito, residia há alguns anos.

Gastão Henrique, natural de Ribeirão Preto, casou-se com Augusta Soares, de Sacramento, Minas, e Henrique Emanuel era o segundo de quatro filhos.

Seu nome – homenagem ao bisavô e ao Benfeitor Emmanuel.

Seus irmãos – Márcia, Ângela e Eduardo.

Henrique, tanto quanto o pai, sonhava estudar Medicina, mas a realidade ou necessidade da vida os empurrou para a economia administrativa, onde eram excelentes cabeças.

O chefe do Henrique, Vasco G. Rosa, da Planitec Assessoria, me disse, uma vez, que acreditava que o filho, em matéria de economia, era ainda melhor do que o pai.

De igual forma pensa o seu primeiro chefe no Grupo Inca, Paulo Sérgio Peixoto, seu grande amigo, amizade que perdura com o passar dos anos. Paulo Sérgio, João Freixo e Henrique – os amigos inseparáveis.

Henrique, louco por cavalos, inscreveu-se em um páreio amador, e entre eles, um garoto de uns 12 anos, Colombo Filho, que o venceu no torneio.

Terminada a corrida, o comentário de Henrique:

– Véia, o cavalo disparou, era noite, e eu fui me apavorando com o abismo que formava ao redor de mim.

– E o Colombinho, que ganhou a corrida?

– Ah, Véia, e aquele menino tão novinho sabe lá o que é perigo? Por isso que ele ganhou a corrida!”

1 - “*Estamos satisfeitos com a sua decisão de cooperar com o Lino, no Lar São Francisco.*”: Trata-se do Sr. Aurelino Consort, Diretor do Lar São Francisco.

*

2 - “*A nossa Mariquinha Veiga*”: Cooperadora espiritual do Lar São Francisco.

*

3 - “*A propósito de novidades, quero informar à nossa irmã Eurfdice que o Paulo vai seguindo com melhoras apreciáveis.*”: Paulo Lopes, que desencarnara recentemente em desastre aéreo, em Santa Helena de Goiás. Sua esposa, D. Eurfdice Lopes, presente na reunião, segundo D. Augustinha, alegrou-se, sobremaneira, com a notícia que surgiu de forma tão espontânea.

*

4 - “*Nosso amigo Alvicto e nossa irmã Lélia*”: Consultando o item 3 da *Mensagem I*, acima, reafirmemos: a) que Alvicto Osoris Nogueira desencarnou a 22 de outubro de 1967, em consequência de um acidente automobilístico; b) que D. Lélia de Amorim Nogueira, sua esposa, acompanhava D. Augustinha naquela memorável reunião do Grupo Espírita da Prece.

A fim de fechar com chave de ouro este extenso capítulo, pedimos vênha para transcrever duas delicadas peças literárias, de fino labor, a primeira, que foi encontrada na carteira de Henrique, junto de seus documentos pessoais, já amarelecida e gasta pelo tempo, em trechos, e um bilhete em versos setissílabos dele – Henrique –, recebido pelo médium Xavier, em reunião pública do Grupo Espírita da Prece, na noite de 9 de julho de 1983.

Ei-las:

“(....)”

GOSTAR DE VIVER não quer dizer apenas respirar, ter um coração batendo e o sangue correndo nas veias.

VIVER É SENTIR cada minuto e cada segundo, porque cada minuto e cada segundo é parte de nossa vida e a vida merece ser bem vivida.

VIVER É RECONHECER a si mesmo, é dirigir os próprios passos com a paz no coração.

VIVER É ENCONTRAR a felicidade nas coisas simples que fazem parte da nossa vida, um sorriso sincero, uma palavra de incentivo, um silêncio oportuno. Mas para isso é preciso gostar de viver, saber aproveitar todo momento na sua essência.

GOSTAR DE VIVER não quer dizer ser apenas otimista, fazendo de conta que tudo é maravilhoso.

GOSTAR DE VIVER não é brincar de contente achando que os outros são mais infelizes do que nós, não souberam encontrar o caminho certo.

GOSTAR DE VIVER é ter esperança no futuro que a gente está construindo e, principalmente, ter prazer em construir esse futuro.

GOSTAR DE VIVER é participar conscientemente da vida.

GOSTAR DE VIVER é reconhecer as próprias limitações e saber como lidar com elas, desenvolvendo os talentos, que a gente tem, sem fazer tragédia diante dos obstáculos, sejam eles grandes ou pequenos.

GOSTAR DE VIVER é lutar e vencer, ou, pelo menos, procurar vencer.

A VIDA É UM CAMINHAR constante. Sempre e só para a frente. Por isso o que se conta são os passos que a gente dá com os próprios pés. É claro que cada um pode e deve contar com o auxílio dos outros. E sempre haverá os que também esperam nossa colaboração. Isso é o que se chama ajuda mútua ou amor ao próximo. Porque viver e amar são quase a mesma coisa, pois ambos se constituem num dar e receber.

Às vezes a gente encontra pessoas que se julgam enterradas vivas. Não sabem encontrar a alegria. Acham que não podem modificar o mundo que as rodeia a seu modo e então se acomodam a ele, colocando-se desta forma à margem da vida.

ESSAS PESSOAS SE ESQUECEM de que o erro está nelas mesmas. O que lhes falta é apenas um pouco de coragem para descobrir isso. Um pouco só, pois ninguém precisa de muito heroísmo para se entregar, de corpo e alma, à aventura de viver!"

*

HOMENAGEM À DONA AUGUSTA SOARES GREGORIS

À querida Dona Augusta,
Hoje não chamo por "Véia"
Pois em meu aniversário
Mamãe é a minha Tetéia...

Márcia e Mário, vejam só!
Nesta lembrança do Tim,
Com tantos versos brilhando,
Meu recado está no fim.

Henrique

Amato Salvatore,
Dio stia con noi.
Io sono molto
felice stare teo
insieme nostro
figlio Ortensio.
Adesso sono
bene.

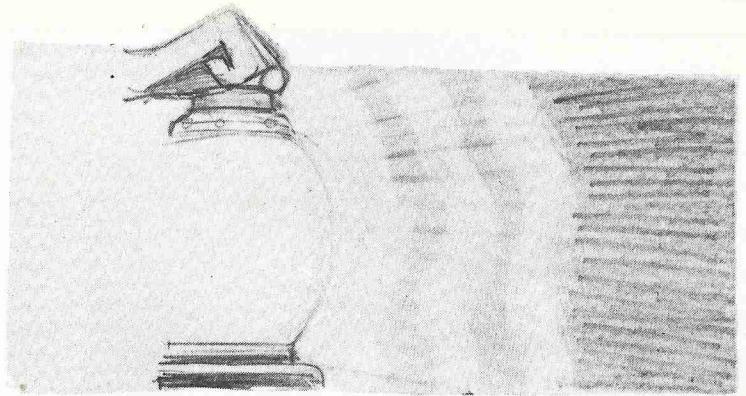
Morire e' aver
shiare. Leri fene
notte, oggi nuovo

giorno.
Tutto bene,
ma tengo mis
cuore e mis
pensiero in no-
stra famiglia.
Domenica, Or-
tensio e Mario
sono ~~as~~ fiori
nel giardino

de nostri vite.
Dio sopra
mio rampante,
tuttavia a spe-
ranza sta in
mia anima.

Nostira Mama
Domenica sta

oggi con me
con tutti noi.
Amato Salvatore
Dio stia con te
e con nostri figli.
Molto amore
e molti baci
di loro, sempre
-loro



7

Ilda Mascaro Saullo –
“AMADO SALVATORE”

Amado Salvatore,

Deus esteja conosco.

Eu estou muito feliz em estar junto ao nosso filho Or-
tensio.

Agora estou melhor.

Morrer é acordar.

Ontem foi noite, hoje é um novo dia.

Tudo bem, mas tenho o meu coração e meu pensa-
mento em nossa família.

Domenica, Ortensio e Mario são as flores do jardim de
nossa vida.

Terei que sofrer a minha saudade, todavia, a esperan-
ça está em minha alma.

Nossa mãe Domenica está hoje comigo e com todos
nós.



Ilda Mascaro Saullo

Amado Salvatore, Deus esteja contigo e com nossos filhos.

Muito amor e muitos beijos a eles, sempre eles.

Ilda

* * *

Recomendando ao leitor, por gentileza, percorrer as páginas 107-120 de *Claramente Vivos* (*), a fim de se inteirar de detalhes, não somente biográficos, a respeito de D. Ilda Mascaro Saullo, mas sobre o fenômeno da mediunidade poliglota ou xenoglossia no amigo de todos nós – Chico Xavier –, cientificando-se do excelente material recolhido pelos companheiros de ideal, Dr. Hércio Marcos Cintra Arantes e Paulo Rossi Severino, registremos, apenas, o seguinte:

D. Ilda nasceu na Itália, a 19 de novembro de 1906, desencarnando em Roma, a 20 de dezembro de 1977, em consequência de problemas cardíacos, depois de padecer, por mais de oito lustros, de grave reumatismo, que a prendia no leito, sofrendo as agruras das duas grandes guerras mundiais, jamais demonstrando qualquer revolta, católica fervorosa que era.

Casada com o Sr. Salvatore Saullo, destinatário da carta mediúnica, e mãe de quatro filhos: Antonio (residente na Itália); Domenica, que recebeu o nome da avó materna, citada na mensagem (residente na Suíça); Ortensio (radicado no Brasil, desde 1957); e Mário, nascido após a 2ª guerra, residente em sua terra natal.

Do volante bilíngüe da página mediúnica sob nossa análise, que o Sr. Ortensio Saullo distribuiu aos amigos, destacuemos dois pequenos textos, o primeiro, servindo de le-

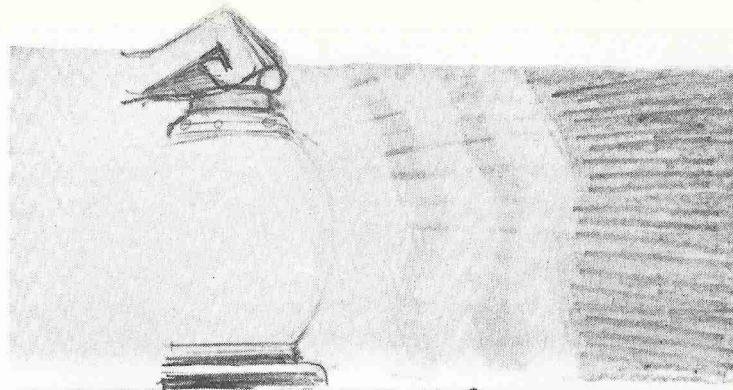
(*) Francisco Cândido Xavier, Elias Barbosa, Espíritos Diversos, *Claramente Vivos*, IDE, Araras, SP, 1ª edição, 1979.

gença a belo desenho colorido que, a nosso ver, ilustra a primeira mensagem de D. Ilda, transmitida a 28 de julho de 1978:

Figli del mio cammino
 lo vi ameró dal cielo
 Como vi ho amato nella terra.

*

Terzo messágio ricevuto da'la nostra cara mamma, ai suoi cari figli e al marito, tramite il medium Francisco Candido Xavier, nel Gruppo Espirita della preghiera, in riunione pubblica nella notte del 2/2/79 in Uberaba, Minas Gerais, Brasile.



8

**Irmão Celestino – Manuel Augusto Fracon Borges –
 “MANTENHO A MAIOR SIMPATIA PELA
 DOCTRINA ESPÍRITA-CRISTÃ”**

Meu querido pai Aristides, estou presente, em companhia de minha avó Rita, a fim de trazer-lhe o meu abraço, extensivo à Mãezinha Ilda e a toda a nossa gente.

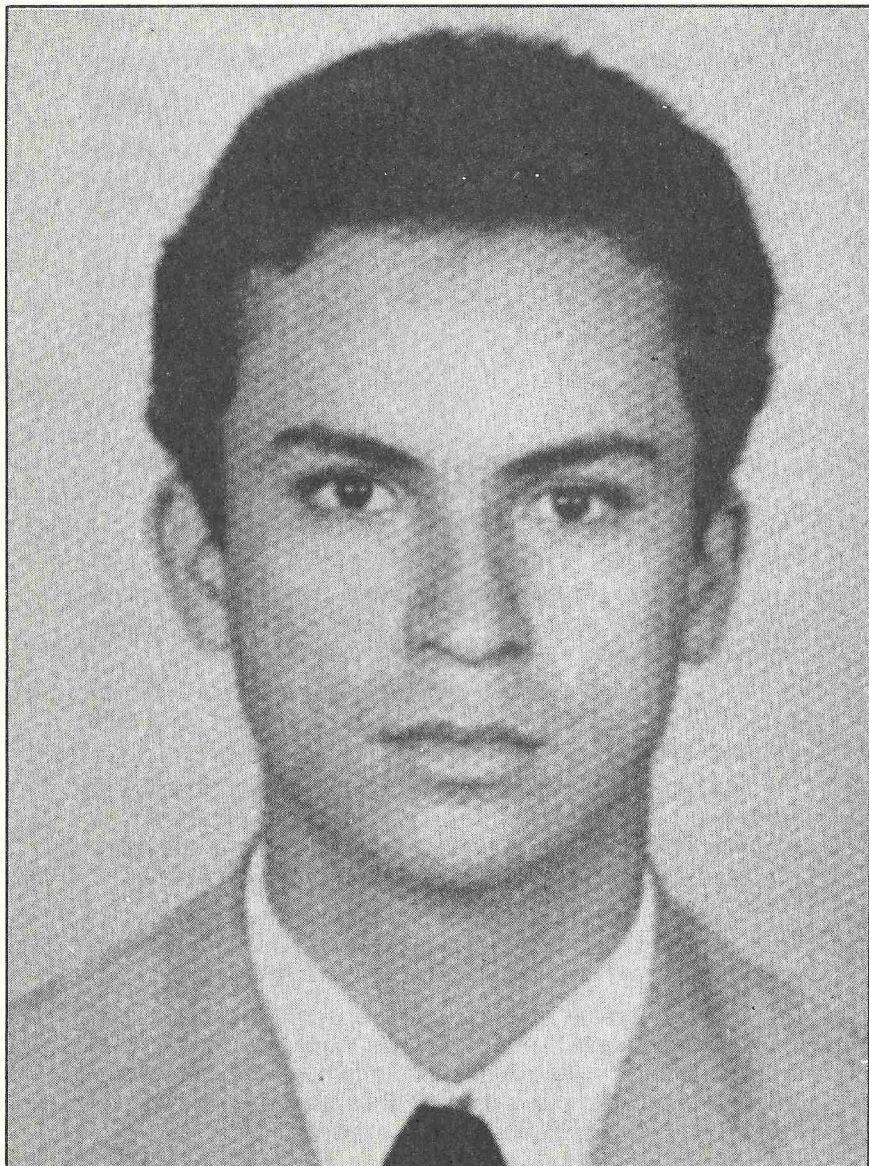
Compreendo o seu desejo de alguma notícia autêntica de seu filho, que já se habituara, desde muito tempo, à idéia da mortificação.

O senhor compreende que a irmã Rita de Cássia e eu tomamos votos religiosos por vocação, e sou agradecido ao respeito com que me aceitou o pedido de aprovação para que eu me unisse aos irmãos do Mosteiro de São Bento.

Pai, a vida religiosa é uma bênção, mas qual ocorre a toda concessão do Pai Celestial, é uma bênção crivada de espinhos, para que se aprenda paciência e humildade.

Confesso-lhe que não me arrependi da escolha feita, porquanto comecei a ver muitos de meus companheiros de infância, atraídos para costumes e comportamentos que os seus exemplos de pai e os sacrifícios da Mãezinha Ilda nos faziam crer que nunca poderiam ser nossos.

Não fugi do mundo, mas procurei um meio de não me



Irmão Celestino – Manuel Augusto Fracon Borges

desviar da fé em Deus, internando-me no mundo vasto dos livros, que me premiaram os esforços com a luz de conhecimentos que muito me serviriam na caminhada.

Achava-me a poucos passos da condição de monge, quando certa estafa me impeliu a aceitar a idéia de meus superiores para o descanso de alguns dias na paisagem sossegada de Itanhaém.

Viajei, convencido de que voltaria com melhoras, mas, de quando a quando, sentia o coração mais descompassado a prenunciar desequilíbrio.

Repousei quanto pude, mas, em certa manhã, depois de minha visita ao mar, voltei para a nossa casa no intuito de estudar e refazer-me com mais segurança.

Acontece, porém, que precisei sair novamente, e, de passagem pela praia, quando admirava a criação de Deus nos quadros da Natureza, fixando o pensamento entre o céu, a terra e as águas, algo sucedeu por dentro de mim, dando-me a idéia de que o coração parara de repente, à feição do relógio ao qual faltasse a corda precisa.

Caí ali na paisagem solitária e linda, sem receio e sem qualquer idéia definida de que me achava no término do tempo marcado para o corpo.

A hora da maré alta me buscou o corpo inerte, e o resto o senhor e a minha mãe já sabem.

Acordei no Mosteiro para onde me conduziram o corpo sem vida, e assisti com emoção aos rituais de despedida.

Refleti na volta impraticável à nossa casa para que o meu instrumento gasto encontrasse o repouso na terra abençoada em que nascera, mas a direção do Mosteiro me honrava com o acolhimento, ali mesmo em São Paulo, e ainda consegui ver a Mãezinha Ilda, que orava e chorava, pedindo para mim o amparo de Deus.

Era tudo aquilo um instante de emoção intensa, e minhas lágrimas também se desataram no agradecimento a Nosso Senhor Jesus Cristo pela concessão que me faziam.

No próprio Mosteiro, atravessei longa convalescença, até certificar-me de que o órgão da vida se me restabelecera, e, presentemente, continuo em serviço na própria instituição, com estudos especiais sobre a ação do pensamento religioso nas diretrizes que lhe cabe tomar, ante as imposições naturais da ciência.

Não sei a que fim chegaremos dentro das minuciosas análises a que nos dedicamos, no entanto, aguardo o melhor para as obras da fé.

Compreendo que me comunico, através de um instrumento mediúnico, mas ainda não tenho conhecimento especializado sobre a mediunidade e o mundo novo.

Pesa, sobre nós todos, a densa atmosfera das ameaças de uma guerra entre os povos considerados de vanguarda, e estou compromissado no exame da situação atual, ante a luz de nossos princípios.

De qualquer modo, as vantagens do ecumenismo nos abre a vida mental para novas realizações em matéria de fé unificada, com liberdade de interpretação para os diversos movimentos do Cristianismo, e, considerando o alto volume de almas interessadas em renovação íntima, sem perda do sistema de adoração e confiança em Deus, o mínimo passo que consigamos dar em nossos empreendimentos, se reveste de essencial importância para a Cristandade.

Mantenho a maior simpatia pela Doutrina Espírita-Cristã, que pretende restaurar a simplicidade dos companheiros de Jesus, nos primeiros séculos, e desejo o mais amplo êxito a esse movimento de confraternização e boa vontade, mas ainda não estou desvinculado de meus encargos junto ao Mosteiro.

A vovó Rita e superiores diversos, examinaram comigo a conveniência de lhes ofertar notícias minhas, e estas notícias estão aqui, com os meus sentimentos de respeito filial sempre intactos no coração.

Pai amigo e benfeitor sempre querido, peça por mim a bênção de minha mãe, e receba o afeto reverente e cada vez mais vivo do seu filho que se fez o Irmão Celestino, a fim de apagar-se para aprender a servir a Jesus, e que se sente, no Íntimo, de acordo com as leis de Deus, que nos determinam honrar os nossos pais, e se sente sempre o seu filho do coração,

Irmão Celestino –

ontem o seu menino sempre amigo –,

Manuel

Entrevistamos os senhores pais de Irmão Celestino, Sr. Aristides Borges de Araújo, distinto contabilista, ex-funcionário do antigo Banco Hipotecário, na década de 40, guarda-livros da empresa "Lavoura e Comércio", e de D. Ilda Francon Borges, em sua residência, na tarde de 20 de outubro de 1985.

Inicialmente, informou-nos o Sr. Aristides que, pessoalmente, não conhecia o médium Chico Xavier, admirando-o muito, mas com a desencarnação do filho, de forma considerada misteriosa, resolveu procurá-lo, deixando com ele, Chico Xavier, apenas o nome do seu Manuel.

Seis meses depois, retorna ao Grupo Espírita da Prece, ainda amargurado por admitir, no Íntimo, que Irmão Celestino tivesse sido assassinado (o seu corpo fora encontrado no mar, mas sem água nos pulmões).

Ao aproximar-se do médium de Emmanuel, este lhe disse:

– O seu filho, Sr. Aristides, é um Espírito muito adiantado. Nós é que precisamos dele. Ele não tem inimigos, nem na Terra, nem na Espiritualidade. O senhor está pensando que ele morreu não de morte natural, mas pode guardar isto: a morte dele se deu por colapso. Não houve nada de anormal. É assim mesmo: os bons vão logo para o Outro Lado. Nós é que ficamos aqui, cumprindo o tempo necessário.

Naquela noite, 7 de dezembro de 1984, para alegria do Sr. Aristides e de D. Ilda, eis que se comunica o Espírito de Irmão Celestino, revelando-se *ele mesmo*, com tantas citações que somente ele poderia fazer, particularidades que o médium desconhecia por completo.

“Para mim, – disse-nos D. Ilda – bastou que ele começasse por falar na avó Rita, *ele, o amor dos amores, dela.*”

O jornal *Lavoura e Comércio* (1), de 3 de abril de 1984, assim se expressou, noticiando a desencarnação de Irmão Celestino:

“Faleceu no dia 24 de março recém-findo, em Itanhaém, no Litoral Paulista, o Irmão Celestino, no século Manoel Augusto Fracon Borges, Monge Beneditino, residente no Mosteiro de São Bento.”

Depois de afirmar que nasceu no dia 17 de junho de 1961, fez seus estudos no Colégio Diocesano de Uberaba, e que os seus restos mortais foram sepultados a 2 de abril, no Mosteiro onde vivia, acrescenta:

“Aos 15 anos de idade, levado por irresistível vocação, ingressou na Ordem Beneditina, colocando-se inteiramente a serviço de Deus e de sua Igreja, desde 1976. (...)

(1) *Lavoura e Comércio*, Ano LXXXV, Número 21.756, Uberaba, terça-feira, 3 de abril de 1984, p.3.

Falecido aos 23 anos de idade, deixa, entretanto, uma lição de devotamento à Religião e de catolicismo integral, vivendo exclusivamente para o cumprimento de seus deveres e obrigações como Monge Beneditino, como discípulo de São Benedito que procurava, com vivo empenho, orientar-se de acordo com as diretrizes deixadas pelo grande Santo da Igreja Católica.”

1 - “*Minha avó Rita*”: Sra. Rita Oliveira dos Santos, avó paterna, natural de Patrocínio, Minas, desencarnada, aos 76 anos de idade, em Uberaba, a 5 de julho de 1963. “Havia por parte dela,” – disse-nos Sr. Aristides – “loucura pelo neto.”

*

2 - “*A irmã Rita de Cássia*”: Única irmã do comunicante, também religiosa, Irmã Margarida Maria do Sagrado Coração, do Mosteiro das Carmelitas de Uberaba, autora de bellissimo cartão que endereçou ao irmão, pouco tempo antes de sua passagem para o Plano Espiritual.

*

3 - *Mosteiro de São Bento*: Ordem dos Beneditinos, em São Paulo, Capital.

*

4 - “*Achava-me a poucos passos da condição de monge,...*”: Já havia feito os primeiros votos. Faltavam seis meses para completar a tarefa. Cursava Teologia.

*

5 - “*Mantenho a maior simpatia pela Doutrina Espírita-Cristã que pretende restaurar a simplicidade dos compa-*

panheiros de Jesus, nos primeiros séculos, e desejo o mais amplo êxito a esse movimento de confraternização e boa vontade, mas ainda não estou desvinculado de meus encargos junto ao Mosteiro.": A este respeito, disse-nos o Sr. Aristides: "Eu, também, admiro o Espiritismo e o Catolicismo, e de ambos retiro o melhor para pôr em prática junto à Humanidade maior."

Trecho importantíssimo este, tanto quanto os três parágrafos anteriores, de quem, bastante jovem, na Terra, já versava o Inglês, o Francês, o Italiano e o Grego.

Vejamos o que afirma Allan Kardec, num opúsculo que saiu à luz, a 15 de janeiro de 1862 – *O Espiritismo em Sua Mais Simples Expressão* (1) –:

"Do ponto de vista religioso o Espiritismo tem por base as verdades fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma; a imortalidade, as penas e as recompensas futuras, sendo, porém, independente de qualquer culto em particular. Seu objetivo é provar àqueles que negam, ou que duvidam, que a alma existe, que ela sobrevive ao corpo e que sofre, após a morte, as conseqüências do bem ou do mal que praticar durante a vida corpórea: o objetivo de todas as religiões. (...)

O Espiritismo, independente de qualquer forma de culto, não aconselhando nenhum e não se preocupando com dogmas particulares, não constitui uma religião especial, pois não possui nem sacerdotes nem templos. Aos que lhe perguntam se fazem bem em seguir tal ou tal prática, apenas responde: "Se sua consciência aprova o que você faz, faça-o: Deus sempre considera a intenção". Numa palavra, o Espiritismo nada impõe a ninguém. Não se destina aos que têm fé, e a quem esta fé é suficiente, mas à numerosa classe dos

(1) Allan Kardec, *O Espiritismo em Sua Mais Simples Expressão, in Iniciação Espírita*, Traduções de Joaquim da Silva Sampaio Lobo e Cairbar Schutel, Revisão, apresentação e notas de J. Herculano Pires, Edicel, São Paulo, s/d, pp. 21-22.

inseguros e dos incrédulos. Não os afasta da Igreja, porquanto já estão dela moralmente afastados, de modo total ou parcial. Mas os leva a fazer três quartos do caminho para nela entrarem; cabe à Igreja fazer o resto."

Na *Revista Espírita* (1) de janeiro de 1863, respondendo a um leitor de Bordeaux que interpelava Kardec sobre a parte final do segundo parágrafo que transcrevemos acima, assim se expressa o ínclito Codificador:

"Pelas provas patentes que ele (o Espiritismo) dá da existência da alma e da vida futura, base de todas as religiões, é a negação do materialismo e, conseqüentemente, se dirige aos que negam ou duvidam. É bem evidente que os que não crêem em Deus nem na alma não são católicos, judeus ou protestantes, seja qual for a religião em que nasceram, inclusive o budismo e o islamismo. Ora, pela evidência dos fatos, são levados a crer na vida futura com todas as suas conseqüências morais; a seguir são livres de adotar um culto que melhor lhes convenha à razão ou à consciência. Aí, porém, termina o papel do Espiritismo; ele ajuda a fazer os três quartos do caminho; transpor o passo mais difícil – o da incredulidade. Aos outros cabe fazer o resto."

*

6 - *"Do filho que se fez o Irmão Celestino"*: O nome adotado na vida religiosa, Manuel retirou-o de um tio paterno – Celestino – ídolo da família, desencarnado, também de colapso, no Rio Paranaíba, em 1936.

*

Um passo que, a nosso ver, deverá trazer muito conforto aos pais e mães que, de um momento para outro, se

(1) Allan Kardec, *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos - Sexto Ano - 1863*, Trad. de Júlio Abreu Filho, Edicel, São Paulo, 1965, p. 18.

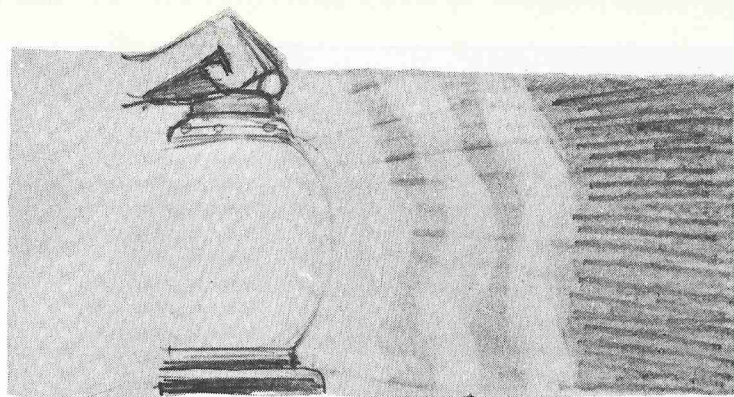
vêm despojados da presença física de um ou mais filhos jovens, em consequência da desencarnação deles, é o seguinte:

“Pesa, sobre nós todos, a densa atmosfera das ameaças de uma guerra entre os povos considerados de vanguarda, e estou compromissado no exame da situação atual, ante a luz de nossos princípios.”

Pelo que se pode depreender, Irmão Celestino, obedecendo aos desígnios da Vida Superior, se viu convocado a trabalhar com Jesus, na Espiritualidade Maior, e nada há de mais consolador para os seus genitores, que continuam suas tarefas neste mundo.

Ao leitor interessado nas comunicações mediúnicas dos Apóstolos do Cristo; de Santos da Igreja Católica; teólogos; fundadores de religiões e pastores protestantes, nas obras de Allan Kardec e nas recebidas pelo médium Chico Xavier, recomendamos a leitura de *Irmã Vera Cruz* (1), principalmente a Parte II, psicografada pelo médium de Emmanuel.

(1) Francisco Cândido Xavier, Elias Barbosa, Vera Cruz (Espírito), *Irmã Vera Cruz*, IDE, Araras, SP, 1ª edição, 1980.



9

**João Reis de Andrade –
“A ALEGRIA DO RESGATE HAVIDO ME CONFORTAVA”**

Minha querida Benedita, sempre querida Dita, esposa e companheira.

Meu primeiro pensamento é o da prece.

Agradecer a Deus esses minutos.

Vejo você com a nossa Vílmer e com os nossos amigos, e embora não me vejam com os olhos, em companhia de meu pai Marcírio e do irmão Villas Boas, ao lado de outros companheiros, estou presente, na ânsia de ganhar tempo e aproveitar os momentos na escrituração desta carta.

Não escrevo sozinho.

Ainda não tenho experiência bastante para comandar um lápis assim, com tanta rapidez.

Mas penso e falo por dentro de mim com você, e com auxílio de amigos daqui, tenho a idéia de que lanço minhas idéias e palavras no papel, tocando com meus dedos um aparelho elétrico que não sei descrever.

Digo isso para tranquilizá-los.



João Reis de Andrade

Se procurassem por mim nas letras, seria difícil o encontro.

Para isso eu teria que me sentar como em nossa casa e fazer anotações muito vagarosas.

O meio de que me utilizo é a Providência de que disponho.

E rendo graças a Deus por isso.

Minha velha, não chore.

A tempestade passou.

Vilmer, ajude seu pai a estancar esse poço de lágrimas que, a princípio, quase não pude suportar sem enlouquecer.

Felizmente, a luz da nossa fé estava brilhando.

Sempre disse, em casa, que Deus me faria uma bênção se tivesse de deixar o meu corpo em serviço, e aconteceu como eu previa.

Aqueles nossos estudos e comentários em tomo de prece e reencarnação, me auxiliaram nos momentos mais duros de atravessar.

Penso que não deveria tocar no assunto, mas tenho consentimento para isso porque não desejo pensamentos de mágoa contra ninguém.

Aqueles dois companheiros no carro não seriam os executadores das Leis de Deus?

O carro era meu instrumento de trabalho, a riqueza do pai de família, simples e feliz, que sempre fui.

Naturalmente, quando me senti despojado da máquina que valia tanto e que me ajudava a sustentar a família, quis reagir, reclamar...

Hoje, não tenho memória para dizer os detalhes da

ocorrência, mas lembro-me de que um golpe me retirou qualquer faculdade de reação.

Orei, reclamando vocês todos, esposa querida e filhos meus!

Sabia, porém, que havia soado a hora, a hora que ninguém espera e sempre chega...

Tentei pedir clemência e dizer que entregava tudo, mas me poupassem a vida, no entanto, a voz não saía mais.

Notei que mãos vigorosas me deitavam numa plantação que me oferecia repouso.

No íntimo, sabia que não me achava distante de Campo Mourão, no entanto, a situação em que me achava, não me permitia senão apelar para Deus e seus mensageiros, porque por dentro de mim, adivinhava que o corpo era uma vestimenta que não mais me serviria para o trabalho.

Adormeci pensando na família, e procurando esquecer qualquer sentimento que me azedasse as idéias.

Recordei todas as lições que tivemos e vivíamos juntos, e aceitei aqueles dois irmãos por amigos que não podiam conhecer que eu, com mais de sessenta anos, tinha na retaguarda uma esposa, filhos e filhas, genros e noras, e netos que adorava.

Se soubessem quanto amor brilhava em meu coração, creio que tudo estaria bem.

Mas a dívida busca o devedor com endereço exato.

A Lei me considerava em débito, e graças a Deus, resgatei compromissos grandes.

Rogo a vocês considerarem tudo na paz de Deus, com a Bênção de Deus.

O ódio não conduz a caminhos que nos possam trazer qualquer benefício, e para nós reservou-nos Jesus tanto amor que somente o amor deve clarear nossa memória.

A princípio, fui conduzido para um hospital, em que o amigo espiritual Dr. Leocádio me prestou imensos serviços.

Não sei se vocês se recordam de que minha família, em minha infância, se referia ao Padre Vítor, de Três Pontas, como sendo um benfeitor. Pois, ao lado de meu pai, ele foi também para mim um amigo e um benfeitor, cuja dedicação assinalo.

As lembranças de casa, de começo, me faziam sofrer muito.

Queria ver você, querida esposa, e ver nossos filhos, mas a cabeça doía e para pensar corretamente, precisava de muito esforço.

Ouvia tudo o que se passava no lar, porque meu sentimento não se desligava, até que suas orações, no dia dezoito de abril, com as meninas, me tocaram o coração de tal modo, que a memória se fez lúcida, sempre mais lúcida.

Fui até a casa em companhia dos benfeitores que me protegem, e pude ver com que carinho me recordavam o aniversário, você, minha velha, falava em meus sessenta e três anos como se eu estivesse ali sob o nosso telhado para uma festa.

Festa de saudade e de pranto, mas enfeitada nas orações que a família me endereçava.

Chorei muito, eu que rogo a vocês não chorarem, mas é que a alegria do resgate havido me confortava, embora as dificuldades da existência material, a dívida fora saldada e agradei, como agradeço agora, as provas por nossas bênçãos.

Vou bem e continuarei melhor com as bênçãos de Jesus, para ser-lhes mais útil.

A todos os nossos, com os dez filhinhos à frente, o meu abraço de reconhecimento.

Nossa Vflmer abraçará as irmãs, e o nosso Valdisnei abraçará os irmãos por mim.

Não tenho memória para repetir todos os nomes de nossa gente, porque a lista ficaria incompleta, caso tentasse um esforço para todos enumerar, mas peço a Vanderci abraçar por mim aos genros e noras, e com um beijo aos queridos netos.

Querida Benedita, nossa querida companheira, fique tranqüila, daqui mesmo posso trabalhar e ajudar a você, nas tarefas de cada dia.

Não se esqueça, Deus está por nós e com Deus por nós, tudo seguirá muito bem.

A irmã Cândida, Maria Cândida, e o irmão Villas Boas, estão presentes, e abraçam também a você, com o carinho e a gratidão de que sou portador.

Agora, faça ponto. Devo desejar a todos paz e fé em Deus.

Querida Benedita, sempre querida Benê, receba com a nossa querida Vflmer e com todos os nossos, muito amor e muito reconhecimento de seu velho.

O dia de ontem já passou.

Hoje está saindo de foco; amanhã será outro dia, e depois, muito depois, para nós, que desejamos a você uma existência longa junto de todos os nossos, será o reencontro, a vida sem separação.

Não preciso dizer "até logo", porque pelo pensamento estamos e continuaremos sempre juntos.

Para você, esposa e companheira querida, o coração e a vida do esposo, sempre seu velho e seu companheiro reconhecido

João Reis de Andrade

A fim de que possamos nos inteirar de todos os detalhes existentes na belíssima página mediúnica do Espírito do Sr. João Reis de Andrade, recebida pelo médium Xavier, na noite de 9 de julho de 1976, sirvamo-nos da correspondência enviada pela antepenúltima filha do comunicante, Srta. Virgínia Lara Andrade, residente em Apucarana, Estado do Paraná, e de recortes de jornais que a sua gentileza passou-nos às mãos.

Inicialmente, a carta ao médium Chico Xavier, postada um mês após a recepção da mensagem:

"Apucarana, 09 de agosto de 1976.

Caro amigo Chico,

Primeiramente, quero agradecer-lhe, de coração, pelos inesquecíveis momentos maravilhosos que nos proporcionou, transmitindo-nos os pensamentos e idéias do nosso amado pai João Reis de Andrade.

Agora, explico-lhe com detalhes todo o ocorrido em torno da sua desencarnação.

O meu pai, João Reis, era chofer de táxi, há uns 10 anos, aqui em Apucarana.

No dia 17 de fevereiro de 1975, às 20:00 horas, pegou uma corrida para fazer até Campo Mourão, cidade esta distante de Apucarana mais ou menos 130 Kms.

Antes de sair de viagem, veio avisar em casa que iria viajar e que não nos preocupássemos, pois os passageiros eram conhecidos.

Disse isto para tranqüilizar-nos, mas, na verdade, nunca os tinha visto.

Eram em 3 passageiros.

Ele nunca pegava corrida, à noite, e muito menos quando minha mãe não estava em casa; neste dia, de

manhã, ela havia ido a São Paulo, com uma irmã, para visitar uma cunhada que perdera o filho, recentemente.

Meu pai João refere, na mensagem, apenas 2 irmãos, mas é que um deles não queria que o assassinassem, mas os outros dois insistiram.

Mataram-no em um sítio próximo a Campo Mourão, em uma plantação de soja e, com esta mesma, cobriram o seu corpo já sem vida.

Meu pai, em vida, era espírita, há uns 30 anos, e pouco tempo antes do seu desenlace, disse que já cumprira o seu dever, e começou a preparar a família, falando que não iria completar os 62 anos de idade; como tal aconteceu.

Neste ano de 1976, reunimo-nos no dia 17 de abril, que é data de seu nascimento, e oramos muito, e nesta pequena reunião, minha mãe Benedita sentiu um fluido muito forte.

Somos em 10 irmãos, e pela ordem cronológica, vemos:

Valdenir R. Andrade (casado – 4 filhos).

Vanderci A. Aguilera (casada – 4 filhos).

Vilson R. Andrade (casado – 2 filhos).

Valkíria Vilas Boas A. Zolli (casada – 2 filhas).

Vera Lúcia A. Justino (casada – 1 filho).

Venimari V.B. Andrade (Solteira)

Valdeir R. Andrade (solteiro)

Virgínia Iara Andrade (solteira)

Vilmer V. B. Andrade (solteira).

Valdisnei Reis Andrade (solteiro).

A desencarnação do meu pai ocorreu antes das 24 horas do dia 17, e só no dia 19 é que o corpo foi achado, tendo sido enterrado no dia 20.

Os irmãos, autores do crime, foram presos, mas o principal executor se acha inválido em sua casa, impossibilitado de ficar preso, pois, no momento da prisão, travou-se um tiroteio com a polícia, a fim de que se rendessem, e este foi atingido com uma bala na espinha.

No dia do enterro, Vanderci, filha mais velha, foi até o hospital, onde este inválido estava, e conversou com ele, perguntando o porquê de tudo isto.

Não disse que era filha de João Reis, mas disse que a família o perdoava, e aquele que ele havia matado era um espírita.

Feito isto, deu-lhe um exemplar de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, e pediu que meditasse sobre o mesmo.

Na mensagem, João Reis se refere a Marcfrio; este foi seu pai em vida.

Maria Cândida era avó de Benedita, sua esposa; e o irmão Villas Boas era o pai de Benedita, portanto, sogro de João Reis, e que foi também assassinado há uns 53 anos atrás.

O padre Victor, de Três Pontas, Minas Gerais (*), era muito amigo da família, e pelo que minha mãe

(*) Sobre o Padre Victor – Cônego Francisco de Paula Victor, que nasceu em Campanha, MG, a 14 de abril de 1827, e desencarnou em Mariana, MG, a 23 de setembro de 1905, autêntico missionário do Cristo em terras das Minas Gerais, consultemos as páginas 123-124 da obra *Eles Voltaram* (Francisco Cândido Xavier, Espíritos Diversos, Hércio Marcos C. Arantes, IDE, Araras, SP, 1ª edição, 1981), onde estão reproduzidos a melhor foto e o fac-símile da assinatura do referido Magnus Sacerdos, figura das mais reverenciadas em Três Pontas. (E.B.)

disse, era um padre de um coração bonfssimo, que amava muito o seu semelhante.

João Reis escreve: "Querida Benedita, sempre querida *Benê*"; este era um apelido muito carinhoso com que ele costumava chamá-la.

Chico, não sei se fui bem clara, quanto aos detalhes. Caso algo falte, escreva-me.

Não tenho como agradecer-lhe; o que posso fazer, me sentindo tão pequena com o que você nos proporcionou, é rogar a Deus que o ilumine sempre.

Não temos e nunca tivemos momentos de revolta ou ódio.

Tivemos um pai que soube nos educar, a perdoar e a amar os nossos irmãos; e, principalmente, nos orientou com relação ao Espiritismo.

E, graças ao Espiritismo, acreditamos em dívidas passadas, e que tudo tinha que acontecer, pois sabemos que nem uma folha sequer cai de uma árvore, sem que Deus o permita.

Beijo-lhe as mãos bondosas, suas mãos que nos deram tanta paz!

(a) *Virgínia Iara Andrade.*"

Respondendo a uma carta que lhe endereçaram os amigos do IDE, a nosso pedido, eis o que afirmou Virgínia, em correspondência, datada de Apucarana, 1º de agosto de 1979:

"Caros Amigos,

Recebi a carta de vocês há algum tempo, e só agora escrevo-lhes para relatar o que me pediram e para pedir desculpas, do fundo do coração, por esta falta.

Procurarei ser bastante clara, e se houver alguma falha de minha parte, solicito-lhes que me escrevam, a fim de colher os dados que faltam.

No dia 9/7/76, minha mãe Benedita Villas Boas de Andrade foi até Uberaba e recebeu uma mensagem do meu pai João Reis de Andrade, por intermédio de Francisco C. Xavier.

Nós somos espíritas, e meu pai sempre foi um estudioso do Espiritismo e o conhecia e o aplicava profundamente.

A história dele é a seguinte: era chofer de táxi, há 13 anos, aqui em Apucarana, pai de 10 filhos, avô de 15 netos."

Depois de relacionar, por ordem decrescente de idade, os filhos do Sr. João Reis de Andrade, acrescenta:

"O meu pai e eu nos dávamos muito bem, e em nossas conversas, disse-me, um dia, que ele não chegaria com vida aos 62 anos de idade, pois tinha uma dívida a cumprir.

Um mês, mais ou menos, antes da sua desencarnação, sonhei que ele havia morrido, e que eu mesma estava tirando-o do carro.

Comentei com o meu pai, a respeito, e o que ele me respondeu: *devemos nos preparar.*"

Em seguida, esclarece sobre as pessoas citadas na mensagem, sendo de notar-se:

1) Vlmer, a filha caçula, foi quem acompanhou D. Benedita na viagem a Uberaba.

2) Marcírio, pai do Sr. João Reis de Andrade, desencarnado há 35 anos.

3) Irmão Villas Boas, irmão de D. Benedita, desencarnado há 56 anos.

4) Doutor Leocádio: "temos poucas informações a respeito dele; o pouco que sabemos é que era um médico que residia no Sul do País."

Transcrevamos, agora, a parte final da carta:

"A assinatura de João Reis, no final da carta mediúnica, corresponde muito com a sua, de quando vivia.

Amigos, espero ter sido clara, e volto a dizer: se não o fui, escrevam-me.

Sem mais, recebam o meu abraço e de todo o pessoal da minha família.

(a) *Virgínia Iara de Andrade.*"

Das xerocópias dos três recortes de jornais que a gentileza de Virgínia enviou à Editora, a 13 de setembro de 1979, apuramos mais o seguinte:

1) Os dois amigos que assassinaram o Sr. João Reis de Andrade, foram cercados e presos, em Reserva, pelos policiais de Apucarana, o de 21 anos de idade, natural de Belo Horizonte, e o de 22 anos residia em Cascavel.

2) O segundo foi quem desferiu oito facadas no motorista, degolando-o, em seguida, num gesto que ele classificou como "um golpe de misericórdia" para que João Reis parasse de sofrer, evitando uma possível denúncia, dele que lhes suplicava não o matassem.

3) Ambos, depois de presos, foram levados para um hospital de Londrina.

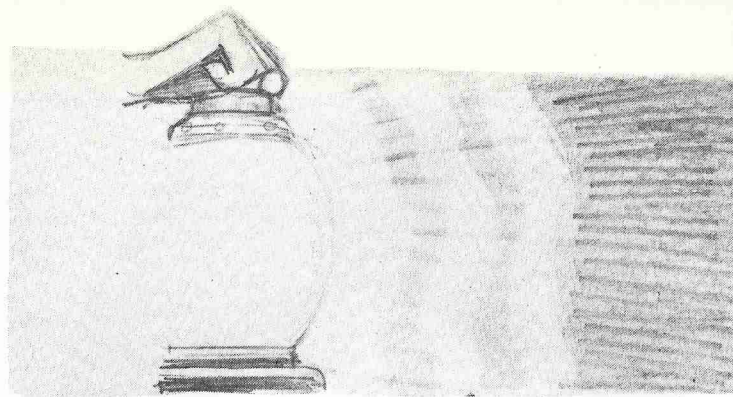
4) O terceiro elemento, que conseguiu fugir, livrando-se dos policiais, foi quem, sozinho, foi ao ponto número 2 de táxis de Apucarana, e lá acertou uma corrida para Campo Mourão, com João Reis, pelo preço de 280 cruzeiros. *Corcel* era a marca de seu carro.

* * *

Belíssimo, com efeito, o exemplo de Espiritismo aplicado, em espírito e verdade, oferecido pela família da aparente vítima, Sr. João Reis de Andrade, ao presentear o seu pretenso algoz, um inválido, no hospital, com um exemplar de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec.

Ao tomar semelhante atitude, digna de louvor, deu mostras de compreender no transe por que passou, o ressarcimento de pesadas dívidas cármicas, tendo o Espírito do Sr. João conseguido lavar, de uma vez por todas, da tessitura de seu perispírito, velha mancha de culpa que carregava, quiçá, desde séculos e séculos.

Que Jesus, o seu e o nosso Único Modelo, o abençoe, hoje e sempre!



10

**Lincoln Prata Lóes –
MENSAGEM I**

Querida mãezinha Sílvia e querido papai Lauro, não conseguiria faltar ao chamado.

O desejo de pais devotados aos filhos e que tudo fazem para vê-los felizes é uma requisição com imenso poder espiritual.

Sou ainda tão pequeno e tão fraco e me reconheço com tantas necessidades de aperfeiçoamento e de orientação, que me acanho com os créditos com os quais me honram.

Peço-lhes força de confiança em Deus e muita paciência.

Isso, no entanto, não deveria figurar aqui neste comunicado simples.

Se tivesse heróis de confiança e paciência na Terra, esses heróis são meus pais.

Ainda, assim falo nisso porque os amo cada vez mais, e não desejo vê-los preocupados ou inquietos.



Lincoln Prata Lóes

Temos tantos amigos e familiares da Vida Maior a se interessarem por nossa paz!

Pensemos nisso e não se aflijam.

Agora, além da dedicação do pai espiritual Antônio Bernardino e dos cuidados da vovó Nelly, temos o carinho da vovó Alzira que se uniu a nós, ampliando o nosso núcleo familiar.

Sei que o Álvaro e a querida irmãzinha estão mais crescidos e por isso mais fortes na vontade de ter e de ser.

Entretanto, ambos são filhos carinhosos e bons, e prosseguirão garantindo a alegria e a felicidade de nossa casa.

Rogo especialmente à Mãezinha não se impressionar com essa ou aquela circunstância doméstica.

As nuvens simbolizadas nos problemas do dia-a-dia passam à pressa qual acontece com as nuvens verdadeiras.

Rogo-lhes a sustentação da fé viva em Deus que me ensinaram com tanto carinho e que somente aqui estou, aprendendo a aplicar, como se faz necessário.

O lar é uma bênção do Céu que reúne as pessoas que receberam o privilégio de se ampliarem mutuamente para melhor atenderem a Deus no progresso de si mesmas.

E graças à Bondade de Jesus, não me desvinculei de nossa casa, continuamos sempre juntos e, por isso, conseqüentemente, mais unidos.

Nas horas difíceis, retirem um pedacinho de tempo para a oração, mesmo rápida, e verificarão os resultados.

Querido Papai e minha sempre querida Mãezinha Sílvia, estamos tranqüilos.

Meus irmãos são nossos companheiros e pelo tempo adiante mais compreensivos se farão, a fim de auxiliar-nos para que possamos auxiliá-los.

O nosso amado benfeitor Bernardino em minha companhia lhes pede essa fé que estou procurando possuir agora, de modo a saber que se Deus garante o ninho de um sabiá no arvoredo, não nos deixará sem apoio e segurança.

Entreguemos a Deus as ocorrências que, por ventura, nos incomodem e estejamos na certeza de que Deus as afastará em silêncio, usando a vida para isso, sem que necessitemos de aumentar as próprias inquietações.

Desculpem-me se não tenho sido mais freqüente nos relatórios de filho agradecido.

Acontece que nem sempre dispomos do canal mediúnico para satisfazer aos nossos desejos, entretanto, através do pensamento, estamos em comunicação recíproca e permanente.

Muito carinho aos irmãos inesquecíveis e para ambos, pais abençoados de sempre, fica, em forma de letras, todo o coração do filho e companheiro sempre grato,

Lincoln Prata Lóes

MENSAGEM II

Querida mãezinha Sílvia e querido papai Lauro, o tempo correu e estamos aqui celebrando o meu renascimento espiritual.

Estou admirado com a ligeireza dos dias.

O tio Antônio Bernardino me trouxe para dirigir-lhes os nossos agradecimentos e sinto-me feliz, cumprindo esse grato dever.

Muito grande, queridos pais, é o meu reconhecimento por todos os recursos que me fornecem para a caminhada nova.

Recursos de serenidade e coragem, resignação e es-

perança, ante as leis de Deus e que me transmitem forças renovadas, a fim de permanecer ajustado, à frente da renovação íntima, que preciso sustentar em mim mesmo.

Da compreensão que manifestam, aceitando-me as notícias e recordando sem revolta o que me aconteceu, recolho paz e fortaleza, de modo a prosseguir em minhas novas realizações.

Fico muito contente e agradecido com todos os testemunhos de amor e saudade que recebo de casa, mas, aguardando o perdão dos meus entes queridos pela solicitação que passo a fazer, peço-lhes trocarem por pães dedicados às crianças doentes e desvalidas, as flores que, porventura, pretendam me oferecer.

Isso ser-nos-á uma bênção, atraindo bênçãos maiores em meu benefício.

A nossa memória, transformada em socorro aos nossos semelhantes, gera, em nosso favor, uma projeção de energias salutares e construtivas, difíceis de descrever...

Confrontando minhas palavras com as minhas anotações anteriores, podem observar que me sinto reanimado e fortalecido.

Os meus diálogos com os benfeitores e amigos deste meu novo modo de ser têm sido tantos e tão valiosos, que hoje pergunto a mim mesmo onde estará a verdadeira morte, – se no berço em que nascemos no mundo ou se na liberação do corpo físico, na qual somos despojados de todos os valores terrestres.

Para mim, agora, o homem é semelhante a uma águia cujas asas estão trancadas no corpo pesado e a desencarnação, quando temos a consciência tranqüila, é a liberdade da alma para a jornada evolutiva, em demanda para os cimos da Vida Superior, que nos compete alcançar.

Estou feliz por vê-los felizes e conto com multiplica-

das bênçãos da Infinita Bondade de Jesus, a fim de que a paz e a felicidade iluminem todos os corações queridos de nosso mundo familiar.

Graças a Deus, enorme é o meu contentamento com o nosso reencontro desta noite, no qual se me faz possível testemunhar-lhes o meu carinho e gratidão de todos os dias.

Agradeço, mãezinha Sílvia, as suas preces e as suas flores, sensibilizado pela temura desses presentes, mas, com o seu consentimento, repito o meu pedido para que as nossas flores sejam permutadas por auxílios que possam diminuir as provações e os sofrimentos de nossos irmãos da Família Maior, em dificuldades maiores do que as nossas.

Quisera oferecer-lhes hoje um poema de reconhecimento pelo muito amor com que me fortalecem e me sustentam, entretanto, nada possuindo de mim próprio, senão o afeto imenso e o imenso respeito que lhes dedico, peço-lhes aceitar a minha alegria e a minha gratidão desta hora, reparando-as com os irmãos queridos, sempre em minha lembrança.

Seis anos de mais esperança e de mais profunda fé em Deus, contamos hoje!

Que o Pai Todo-Misericordioso nos abençoe e nos inspire a vida, para que lhe aceitemos os desígnios, servindo sempre na Seara do Bem, de maneira a construirmos com segurança a nossa Vida Melhor.

Queridos pais, lembrem-me na condição de criança feliz que lhes agradece com muita vontade de permanecer sempre juntos na realização de nossos ideais.

E, pedindo-lhes me abençoarem com o carinho confiante de sempre, deixo-lhes nestas páginas todo o amor e toda a alegria do filho sempre reconhecido,

Lincoln Prata Lóes

Um dos integrantes do livro *Claramente Vivos* – págs. 29-37 –, Lincoln Prata Lóes nasceu em Uberaba, a 14 de outubro de 1961, desencarnando em São Paulo, Capital, após uma segunda intervenção neurocirúrgica, três dias depois de, em sua terra natal, servindo-se de um revólver, ter forçado as portas do Plano Extra-Físico, a 4 de agosto de 1978.

Seus pais, Sr. Lauro Escobar Lóes e D. Sylvia Nelly Prata Lóes, que hoje estudam o Espiritismo com renovado entusiasmo, nos autorizaram incluir as duas últimas mensagens de seu filho, neste volume, na tarde de 15 de dezembro de 1985.

Não chegou a concluir o segundo ano do Curso Colegial, tendo sido um grande desportista.

Mensagem I, recebida a 29 de janeiro de 1982.

1 - "*Pai espiritual Antônio Bernardino e vovó Nelly*": a) Sr. Antonio Prata da Costa, nascido e desencarnado em Uberaba, respectivamente, a 2 de fevereiro de 1907 e 5 de novembro de 1968, padrinho de D. Sylvia; b) Sra. Nelly dos Santos Prata, avó materna, nascida em Uberaba, a 15 de junho de 1918, e aí desencarnada, a 27 de maio de 1957.

*

2 - *Vovó Alzira*: Sra. Alzira Escobar Lóes, avó paterna, nascida e desencarnada em Uberaba, respectivamente, a 28 de fevereiro de 1906 e 25 de abril de 1979.

*

3 - "*Sei que o Álvaro e a querida irmãzinha estão mais crescidos e por isso mais fortes na vontade de ter e de ser.*": Álvaro e Nelly, irmãos do comunicante.

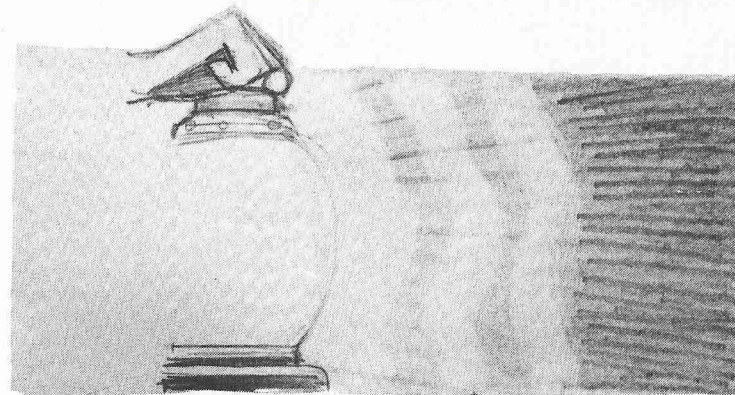
*

4 - "Acontece que nem sempre dispomos do canal mediúnico para satisfazer aos nossos desejos, entretanto, através do pensamento, estamos em comunicação recíproca e permanente." Trecho dos mais consoladores para os familiares, ainda neste mundo, que aguardam, ansiosos, comunicações mediúnicas daqueles que os precederam na grande viagem de retorno à Verdadeira Vida.

* * *

Mensagem II, recebida a 4 de agosto de 1984.

Esta bela página, comemorativa dos seis anos de vida do Autor, no Plano Espiritual, é um alerta a todos nós, Espíritos em trânsito pela Terra, para que possamos prosseguir na prática do bem, orientando-nos quanto à melhor maneira de reverenciar a memória dos entes amados que demandaram o túmulo – socorrendo os nossos semelhantes em nome deles, transformando, tanto quanto possível, as flores destinadas aos seus jazigos, em pães abençoados para quantos deles venham a necessitar.



11

Marco Antônio Migotto – O TEMPO NÃO SE DESDOBRA EM VÃO

Querida Mamãe Lucila, peço-lhe a bênção.

Venho com a Vovó Angelina para reunir a família num abraço de muito amor.

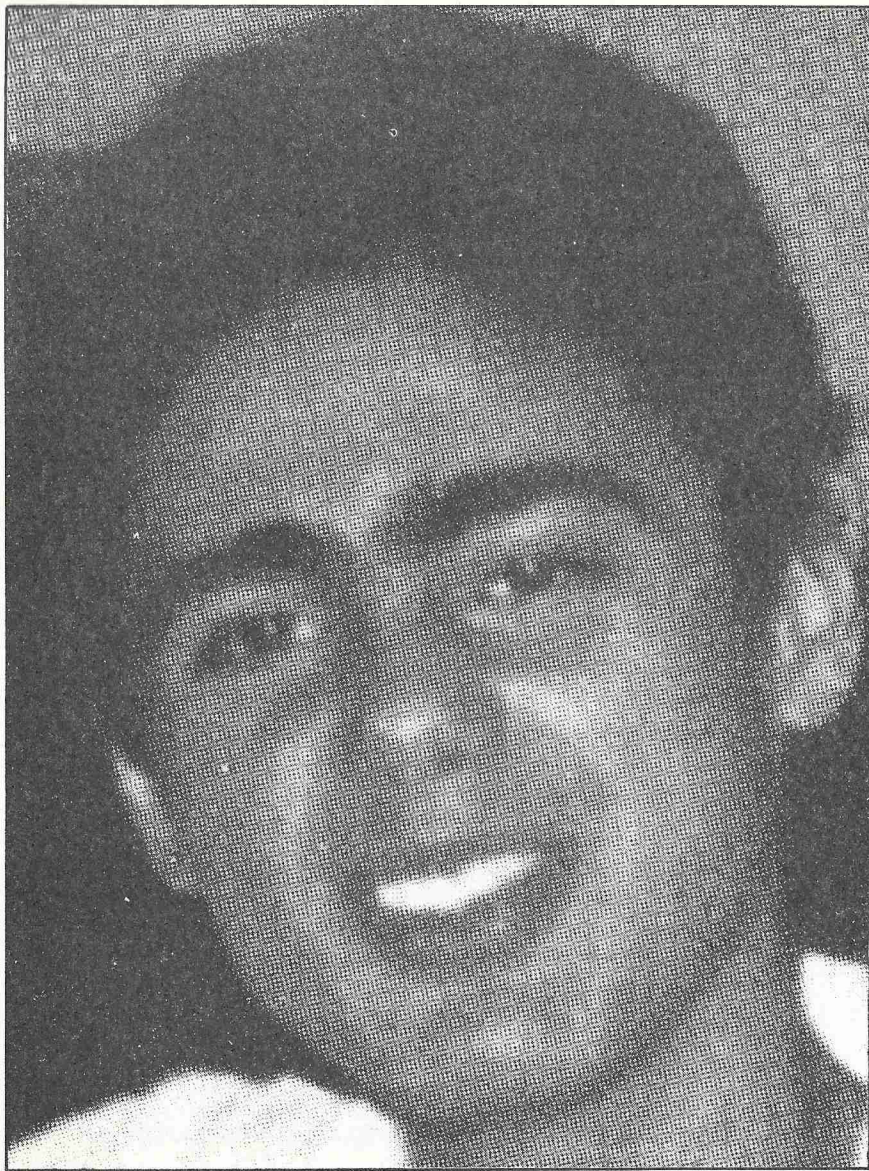
Mãezinha, peço-lhe não se afligir se o papai Antônio ainda tem grandes dificuldades para aceitar a vida espiritual com a largueza de coração e de fé viva que a sua dedicação desejaria.

O tempo não se desdobra em vão e com, a bênção das horas, Vovó Angelina e eu pensamos que aquele coração de luz encerrado no cofre pesado de raciocínios quase de ferro, se abrirá de maneira plena para as realidades do Céu, com a espontaneidade da flor que se oferece à vida.

Papai é aquele espírito notável de compreensão e de bondade que as provações da existência enfiaram fortemente.

E o seu carinho conhece comigo que uma couraça de pensamento não se abre por fora.

A chave desse engenho está com o dono e com Deus,



Marco Antônio Migotto

que pode, a qualquer momento, vasculhar o nosso íntimo e implantar aí dentro as renovações que se fizerem necessárias.

Marcelo está aí representando o futuro e os nossos queridos Antônio Carlos e Júlio César, sem nos esquecermos de nossa Lucy, estão à nossa espera, a fim de conseguirem viver felizes.

Mãezinha, quando visitar o amigo Cláudio, por favor, expresse a ele o meu carinho de irmão, com a notícia de que prosseguimos juntos.

Dói-me vê-lo engessado, e por vezes experimentando tantas dores, mas estou certo de que Jesus fortalecerá nele a resistência admirável de irmão dedicado ao bem.

Vovó Angelina me recomenda dizer-lhe para não esmorecer.

O papai Antônio é filho dela, e as mães conhecem os próprios filhos como ninguém.

Virá o instante, diz ela, em que ele, o querido pai, saberá abrir o coração para a fé e descerrar as mãos no auxílio a tanta gente que pede tão pouco a fim de se alegrar e ser feliz.

Mãezinha, não posso estender-me, porque a parcela de tempo que me foi concedida já esgotou .

Receba com nosso Marcelo e com os nossos queridos ausentes, toda a esperança e todo o amor que existem no coração do filho, sempre seu,

Marco Migotto

* * *

As duas primeiras mensagens de Marco Antônio Migotto encontram-se no livro *Ninguém Morre* – págs. 122-131.

A que ora focalizamos, foi recebida pelo médium Xavier, na noite de 6 de julho de 1979, tendo o Espírito assinado tão-somente Marco Migotto.

Filho do Sr. Antônio Migotto e de D. Lucila da Silva Migotto, Marco Antônio nasceu em São Paulo, Capital, a 16 de maio de 1955, aí desencarnando, em acidente automobilístico, ocorrido na Avenida Santo Amaro, a 2 de outubro de 1977.

Seus pais continuam residindo na Capital Paulista, à Travessa Cláudio, nº 14, Bairro da Lapa, Fone: 65-2480.

Sem nos deter nos nomes citados na mensagem – vovó Angelina, avó materna; Marcelo, Antônio Carlos, Júlio César e Lucy: irmãos do comunicante; Cláudio Basso: o amigo sobrevivente, tendo sofrido graves fraturas –, raciocinemos sobre alguns passos da página mediúnica, objetivando o nosso progresso espiritual.

1 - *“Mãezinha, peço-lhe não se afligir se o papai Antônio ainda tem grandes dificuldades para aceitar a vida espiritual com a largueza de coração e de fé viva que a sua dedicação desejaria.”*: Importantíssima esta recomendação, porquanto costumamos nos afligir, dentro dos nossos lares, ante a dificuldade de muitos de nossos familiares aceitarem as realidades da Vida Espiritual, permanecendo um tanto quanto cépticos.

Na verdade, somos todos Espíritos em evolução, e é natural que muitos não tenham do Plano Extra-Físico as lembranças palpáveis que outros já possuem na intimidade do próprio ser, aceitando, com facilidade, as descrições feitas pelos Espíritos Amigos, através dos canais medianímicos, da vida estuante que se desdobra além do sepulcro.

*

2 - *“E o seu carinho conhece comigo que uma coura-*

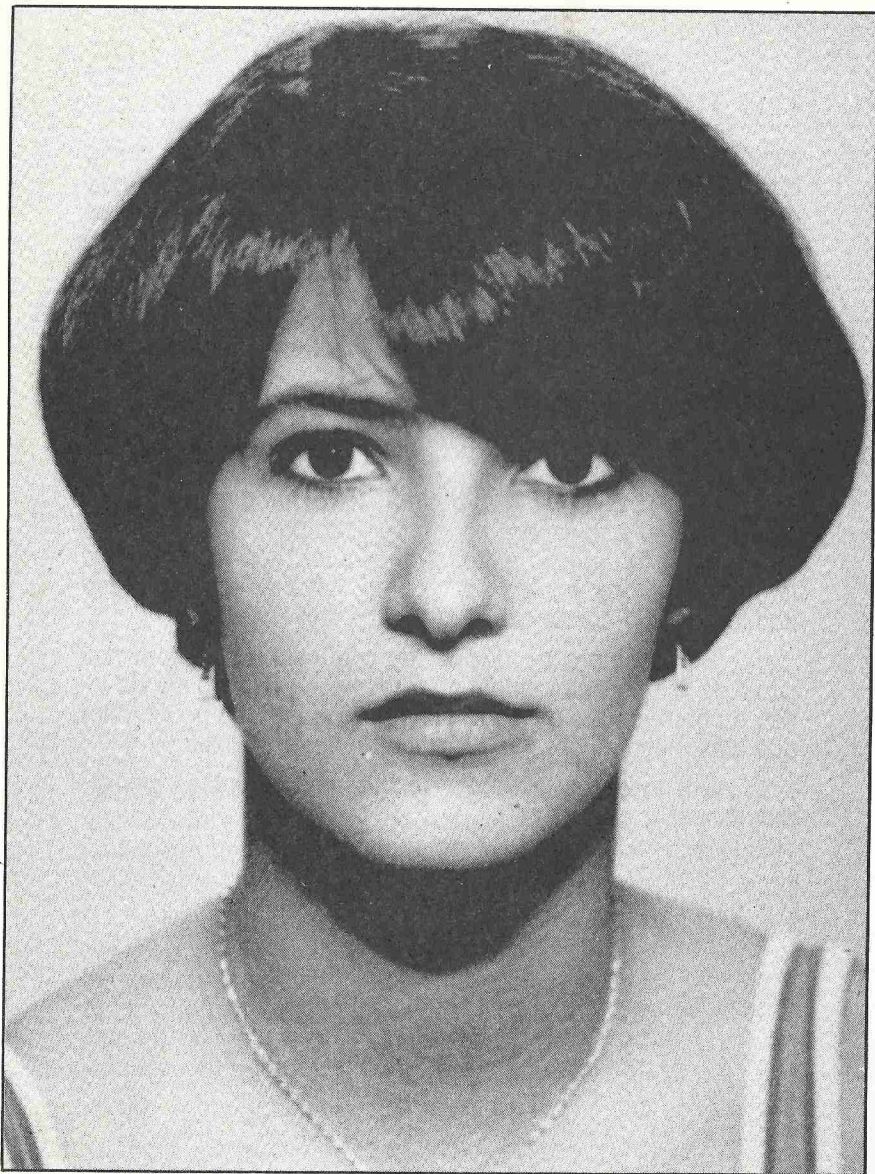
ça de pensamentos não se abre por fora. / A chave desse engenho está com o dono e com Deus, que pode, a qualquer momento, vasculhar o nosso íntimo e implantar aí dentro as renovações que se fizerem necessárias.”: Com efeito, se somos detentores do livre arbítrio – e aí está a perfeição infinita da Justiça Divina –, quem, senão o dono, sob o amparo misericordioso de Deus, para permitir que a couraça de pensamentos se abra e, como não poderia deixar de ser, por dentro?

*

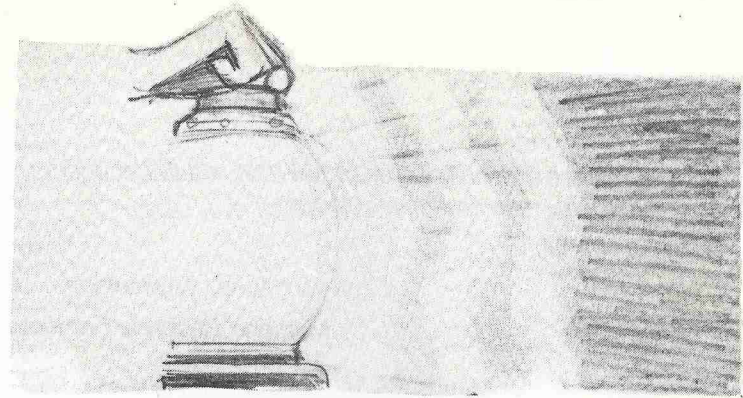
3 - *“Virá o instante, diz ela (vovó Angelina), em que ele, o querido pai, saberá abrir o coração para a fé e descerrar as mãos no auxílio a tanta gente que pede tão pouco a fim de se alegrar e ser feliz.”*: Eis aí, leitor amigo, a síntese admirável do “Fora da caridade não há salvação”.

Sem sombra de dúvida, as criaturas que podem nos curar de tantas enfermidades fantasmas – a angústia de viver, o chamado tédio pela vida –, nos pedem tão pouco para que elas mesmas possam se alegrar e serem felizes.

Em todos os instantes de nossas existências, pensemos nisso!



Marilene Rezende Ferreira



12

**Marilene Rezende Ferreira –
“SÓ ENCONTRO MOTIVOS PARA
RECONHECIMENTO E PAZ COM TODOS”**

Querida Mãezinha Marly, com papai Antônio e as queridas irmãs, receba os meus melhores pensamentos.

Entendo que a saudade é aquele laço que me traz de longe e que a conduz até aqui.

Pode estar certa de que vou indo sempre melhor agora, já disponho de paz, a fim de prometer-lhe todo o meu empenho de mãe no apoio ao nosso querido Rogério que lhe deixei nos braços por filho de sua dedicação.

Ele crescerá sob a sua orientação e com o amparo dos Céus viverá com as suas diretrizes sempre melhores do que as minhas.

Agradeço o reconforto de vê-lo sempre em seu amor e sou grata ao Ricardo amigo e aos afetos que a vida nos deu na família dele, porque só encontro motivos para reconhecimento e paz com todos; não posso escrever muito porque o tempo está fugindo.

Para Luciene, Sirlene e Marise o meu abraço e para o

seu amor e para a dedicação do papai todo o agradecimento, e toda a ternura, mas muitas saudades.

De sua filha

Marilene

Marilene Rezende Ferreira

A última vez que entrevistamos D. Marly Rezende Ferreira, em Uberaba, na tarde de 12 de fevereiro de 1982, em nosso consultório, percebemos, de imediato, a alegria que lhe inundava o coração, por verificar que a sua filha Marilene lhe captara os pensamentos, encaminhando a resposta às suas perquirições, em dois comunicados mediúnicos.

Quando organizávamos o livro *Quem São*, de que Marilene Rezende Ferreira é co-autora espiritual, com a mensagem psicografada pelo médium Xavier, na noite de 26 de setembro de 1980 (págs. 131-135), D. Marly perguntou-nos:

– Por que será que a minha filha não fez nenhuma referência ao filhinho (então com seis anos de idade) Rogério, que ficou comigo?

– Naturalmente, respondemos, porque ela teria que se alongar muito, e o momento da transmissão mediúnica sendo sempre de muita emoção, achou Marilene por bem deixar o assunto para depois, mesmo porque ele – Rogério – desfrutava e desfruta, graças a Deus, de excelente saúde.

A primeira resposta veio às vésperas de um Dia das Mães, na noite de 8 de maio de 1981, como se fosse um carinhoso cartão:

“Feliz Dia das Mães!

Querida Mãezinha Marly, abençoe-me.

Venho desejar-lhe um Feliz Dia das Mães.

Não me esqueci do nosso Rogério.

Creia que escrevi da primeira vez com muita agitação.

Muito carinho de sua

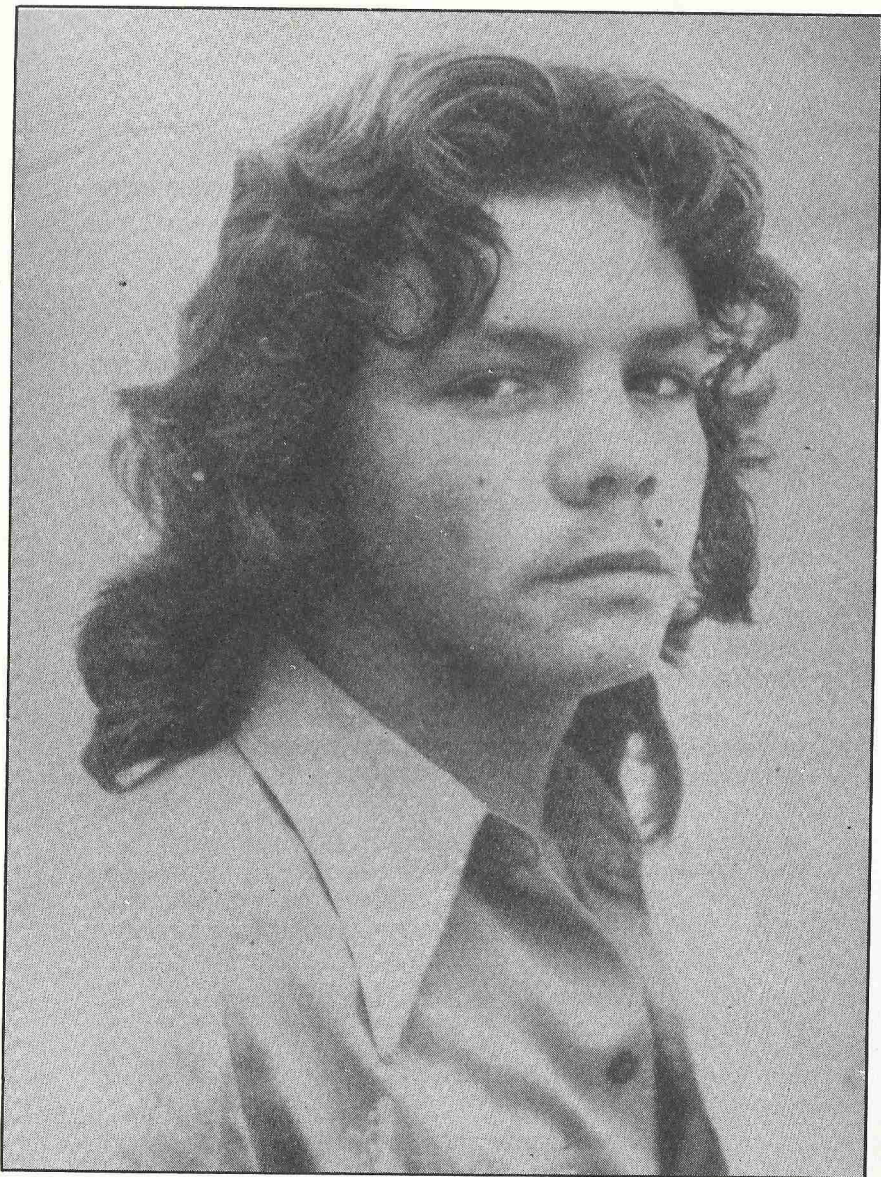
Marilene.”

E a segunda resposta encontra-se na mensagem sob nossa análise, recebida na noite de 14 de novembro de 1981.

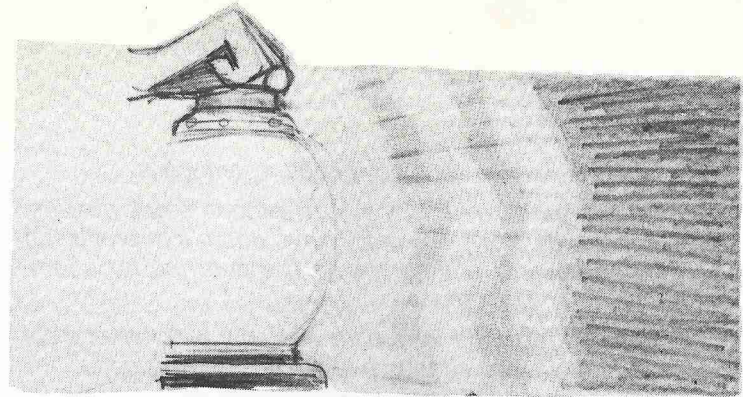
Para concluir este capítulo, registremos apenas estes dados:

Marilene Rezende Ferreira nasceu em Araguari, Minas Gerais, a 16 de agosto de 1957, filha do Sr. Antônio Alves Ferreira e de D. Marly Rezende Ferreira, aí desencarnando, a 23 de agosto de 1980, às 23:00 horas, no Parque de Exposição Rondon Pacheco, por traumatismo crânio-encefálico por projétil de arma de fogo, tendo solicitado perdão para o ex-namorado que a alvejou.

Marilene estava lendo alguns livros espíritas, inclusive os recebidos pelo médium Chico Xavier, dias antes de ser reconduzida à Pátria Espiritual.



Mário Sérgio Barbosa Bitencourt



13

**Mário Sérgio Barbosa Bitencourt –
TODAS AS DIFICULDADES CHEGAM E PASSAM**

Minha querida Josiene, peço a Deus que nos fortaleça.

As lágrimas não são apenas suas, são minhas também pelo inesperado de nossa provação – provação essa que se abateu sobre nós três, à feição de tempestade que acabou por me subtrair ao seu convívio.

Compreendi, quase que de imediato, que o coração se me fizera um motor com defeitos irreparáveis e não me enganei quando despertei longe de sua presença.

Surpreendido, assombrado mesmo, perguntei por você e por nosso querido Segundinho, quando meu entendimento tornou a mim próprio.

Uma senhora de gestos benignos velava por mim e explicou-me, sem alarme, que eu fora transferido para uma vida nova, porque o coração não me assegurava recursos de permanência em nossa casa.

Minha cabeça fervia de perguntas.

Maria das Graças era o nome da benfeitora que me protegia.

Lembrei-me dos avós de nossas recordações.

Se era assim – raciocinei – a verdade é que atravessara a sombra da morte do corpo, como quem fora embalado pelo carinho daquela protetora, cuja brandura me fazia lembrar a mamãe e você própria.

Procurei fazer-me forte para não criar problemas e ser considerado digno de voltar a vê-la em nosso lar querido.

A outra avó – Maria da Paz – se me apresentou e opinou por minha visita à nossa terra de Santo Antônio.

Encontrei você abraçada ao nosso filhinho, desejando morrer.

Assustei-me.

Era preciso esquecer-me e buscar os recursos necessários para escorar-lhe os pensamentos.

Chorei com o seu pranto, que se ampliava à medida que você, intuitivamente, me percebia a presença espiritual.

Pedi a você viver, o que confirmo neste momento.

Recorde que o nosso querido Segundinho precisa de sua paz e de sua assistência.

Compreendo as suas noções de independência, que lhe impedem o convívio com os nossos pais, seus e meus, entretanto, peça-lhe recordar que o nosso trabalho no desenho não deve parar.

Você estará comigo e eu com você.

Trabalharemos unidos e seremos dois a pensar na melhor maneira de imprimir a justa evolução em nossos serviços.

Se você optar por uma cidade grande, esteja certa de que a minha aprovação é um dever, pois observo que ambos vivemos para o nosso filho, a nossa herança de amor perante Deus.

Não permita que a tristeza e o pessimismo lhe deformem o modo de ser, e abra uma porta no coração para o otimismo.

Por amor a Deus e por amor ao nosso filhinho, não mais deseje sair da existência pela armadilha da desencarnação voluntária.

Espere com paciência; a felicidade é nossa.

Você, muitas vezes, me ensinou serenidade e confiança na vida, e creio que chegou o momento em que me cabe fazer o mesmo perante você.

Querida Jose, todas as dificuldades chegam e passam.

Certifique-se de que você não está sozinha, ainda que a minha companhia se mostre revestida de valores escassos.

Temos nós dois, com o nosso filho querido, a fé em Deus.

Estou quase bem, não fosse a carência do lar e as saudades de você e do nosso filhinho, dos nossos familiares e amigos, saudades que ainda me ensombram os sentimentos, mas tenho a certeza de que o meu renascimento interior para a confiança na Providência Divina, me fará o homem que fui e preciso ser de novo, de modo a lhe ser útil.

Ajude-me e abençoe-me com a sua coragem.

Tudo melhora no lado externo da vida, quando nos melhoramos por dentro.

Estarei com você, a minha alavanca de estímulo e criatividade, e ao trabalho novamente funcionando...

Querida, ame os nossos pais, sem distanciar-se deles.

O nosso querido Segundinho precisa deles, e eu necessito da sua bondade e de sua compreensão, a fim de observar a tranquilidade com todos.

Quisera escrever muito, mas não posso abusar da cota de tempo que me concederam.

Beije o nosso filhinho por mim e distribua minhas lembranças com os hossos familiares.

E guarde, mas guarde com toda a certeza de meu amor imenso, o coração do seu esposo e companheiro, amigo e irmão de todas as horas, com as saudades e os agradecimentos do seu, sempre seu,

Mário

Mário Sérgio Barbosa Bitencourt

Entrevistamos a Sra. Josiene das Mercês Bitencourt, esposa do comunicante, em companhia de seu filho Segundinho – Mário Sérgio Barbosa Bitencourt Júnior –, graças à gentileza do amigo Sr. Belmiro Chagas Neto, em nosso consultório, na tarde de 1º de fevereiro de 1983.

Desse encontro, colhemos os seguintes dados esclarecedores sobre a mensagem sob nosso enfoque, recebida pelo médium Xavier, na noite de 21 de janeiro de 1983:

1 - D. Josiene, que veio a Uberaba pela segunda vez, sendo a primeira, a 20 de agosto de 1982, reside em Santo Antônio de Jesus, Estado da Bahia, à Rua Luís Viana, nº 85, CEP 44570, *fone*: 075-731-1561, deixava extravasar alegria imensa, uma vez que recebera, através da carta mediúcnica, todos os esclarecimentos de que necessitava, reconhecendo no Autor espiritual o seu próprio marido, redivivo.

*

2 - Esteve casada por apenas três anos com Mário

Sérgio Barbosa Bitencourt, que era portador de grave cardiopatia reumática, "de há muito desenganado pelos médicos".

*

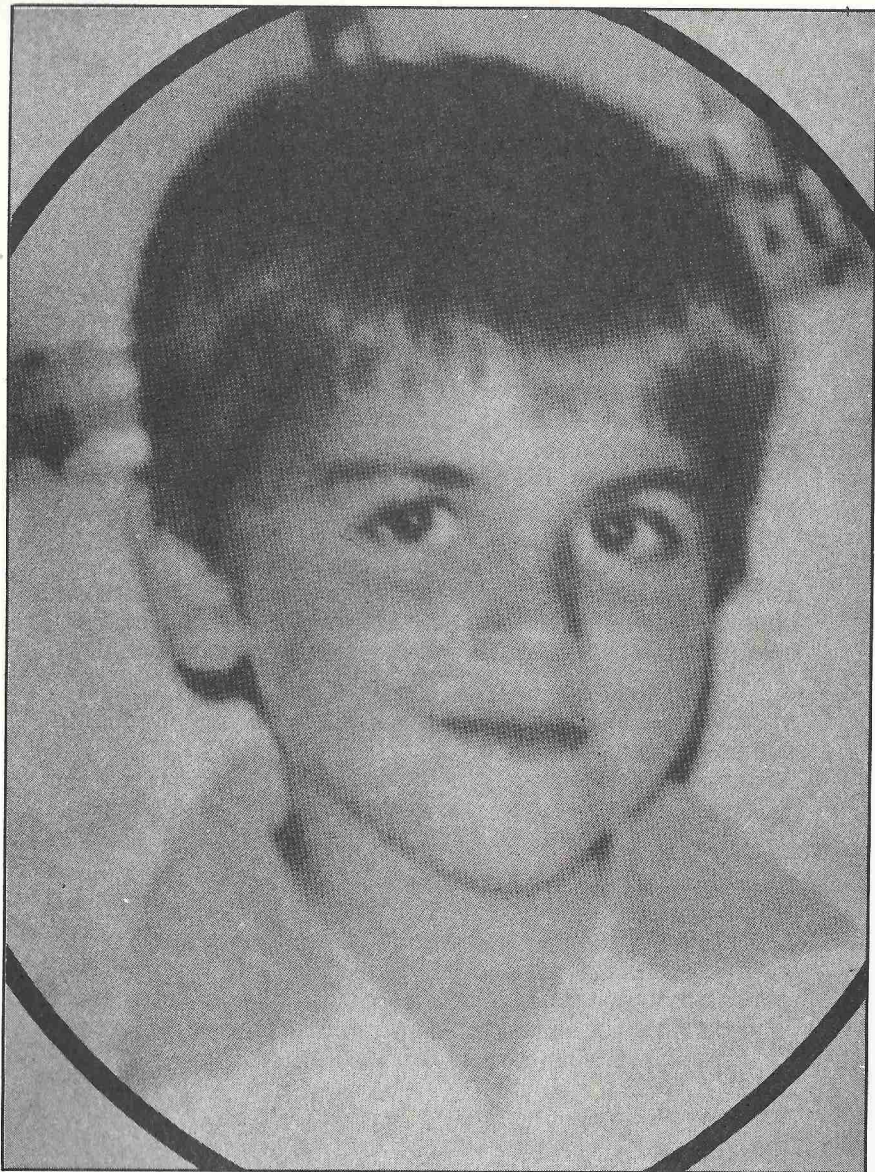
3 - Nasceu Mário em Santo Antônio de Jesus, BA, a 2 de março de 1956, e desencarnou em Salvador, BA, a 20 de abril de 1982, com 26 anos completos.

Era aposentado da COELBA – Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia –, mas trabalhava, em casa, com desenho arquitetônico.

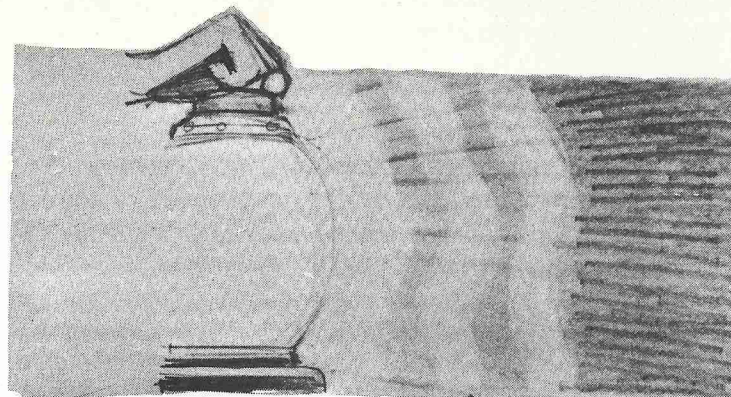
*

4 - Com efeito, D. Josiene, que nasceu a 18 de dezembro de 1961, logo após a desencarnação do esposo, pensou, seriamente, em seu auto-extermínio, sem que jamais exteriorizasse para qualquer pessoa este seu pensamento.

"Em tudo por tudo" – conclui a entrevistada – "esta mensagem consoladora é a prova maior de autenticidade que eu já tive neste mundo."



Maurício Xavier de Vieira



14

**Maurício Xavier de Vieira –
MENSAGEM I**

Querida Mãezinha e querido Papai, abençoe-me.

Um bilhete simples que me registre a presença.

*Estou bem, porque me sinto além dos onze janeiros
que me apontam o tamanho da experiência na Terra.*

*Inexplicavelmente para mim, tenho crescido em matu-
ridade e estatura.*

*Não sei esclarecer com pormenores, o que me ocorre,
quanto sucede aí no mundo físico, em que nunca nos consci-
entizamos do nosso desenvolvimento, sem medicação e
sem esforço para isso.*

*O que lhes posso dizer é que estou parecendo muito
mais idoso que o nosso Wagner e a nossa Jeanine.*

*Já consigo alinhar pensamentos para confrontos de si-
tuações, como acontece com gente madura e isso, de certo
modo, me espanta, conquanto me agrada, porque já sei o
que devo dizer, sem que alguém me determine o que possa
ser dito.*

Segundo observam, sou um Maurício em nova fase, sem deixar de ser o mesmo.

Acompanho todas as nossas datas queridas e sigo os acontecimentos da família, com uma visão nova das causas.

Rendamos louvores a Deus pelas verdades que vamos compreendendo, de modo que nós mesmos possamos tudo medir pelas dimensões que Jesus estabeleceu para conquistarmos, em nosso trabalho, a posse de uma vida feliz, tão feliz quanto possível, num plano de constantes mutações qual o da Terra.

Mãezinha, muito grato por suas expressões de confiança e carinho, esperança e saudade em nossos diálogos do silêncio.

É isso mesmo.

Prossigamos.

Todos estamos empenhados ao serviço por nosso próprio aperfeiçoamento.

Agora, vou terminar, lembrando-me do vovô Zico e de todos os nossos em minhas saudações de paz e amor.

Em outra oportunidade, espero que me farei mais extenso.

Recebam, meus pais queridos e amigos de sempre, tudo aquilo que eu consiga ser de melhor, com muitos beijos de gratidão e muito amor do filho sempre grato,

Maurício

MENSAGEM II

Querida Mamãe e querido Papai, como sempre rogo me abençoem, pedido esse que nesta hora estendo ao querido Vovô Zico.

Sei que a noite permanece repleta de vibrações e preces que se entrecruzam, aspirando a receber notícias e apontamentos de coragem.

Entretanto, a vovó Alexandrina e eu viemos até aqui expressando os nossos votos de alegria e paz a todos os nossos, mas especialmente ao vovô Zico, a quem a tristeza vem assediando com mais força.

Mamãe, fale por mim ao vovô que precisamos dele, nós todos. O amigo valoroso e protetor de todos os dias que ele representa, em nosso favor, não pode esmorecer.

Existem familiares que se fazem guardiães de todo o grupo em que se nasce no mundo.

Assumem responsabilidades e abraçam conosco os nossos próprios compromissos, à maneira de avalistas de Deus, assegurando-nos preciosos empréstimos de possibilidades e forças.

Vovô Zico é para nós um desses esteios de amor que suportam o peso de nossa casa, em nos referindo a todos os recantos-satélites, nos quais florescem e frutificam os ideais que ele soube criar com bondade e grandeza.

Diga, mamãe, ao vovô Zico, que a vida não proporciona brechas para desânimo.

É imperioso lutar e resistir às forças menos felizes que por vezes nos assaltam a cidadela do espírito.

Estamos a postos e todos partilharemos o esforço para vê-lo vitorioso, na superação de quaisquer problemas.

Papai querido, continuamos todos juntos.

Agradeço os seus pensamentos de confiança para com este seu filho que ainda pode tão pouco.

Guarde, entretanto, a certeza de que reencaminho os seus lindos pensamentos aos nossos benfeitores daqui,

que realmente nos podem valer na solução de nossas necessidades.

Envio ao Wagner e à Jeanine os meus votos de felicidade com as bênçãos de Jesus.

Por aqui, mamãe, vou terminando...

Falar de nossas saudades e agradecer o seu carinho incessante ficam para depois.

Receba, com o papai, com o vovó Zico e com todos os nossos, o abraço de imenso amor e de profunda gratidão do seu filho que tem o coração em seu coração, sempre o seu

Maurício

MENSAGEM III

Querida mamãe, do seu coração querido e do papai espero a bênção que me reveste de paz.

Estamos em nossa ramaria de saudade para falar de esperança. Compreendo, Mãezinha, o vazio que a vovó Augusta deixou em nosso caminho.

A família parece a ampulheta funcionando...

Ora está se ampliando em nosso lado espiritual, ora aumentando no Plano Físico...

Regendo esse movimento está o Tempo, desempenhando os encargos de ministro de Deus.

Renascimento e desencarnação constituem duas fases que nos assinalam a estrada da evolução.

Ah! se pudéssemos orientar a marcha unicamente pelos sinais verdes no trânsito, pelas sendas diversas que nos são apresentadas, seríamos felizes mais depressa, porque há sempre os acidentes da alma nessa peregrinação para Deus.

Encontros nos desencontros e vice-versa.

Refiro-me a isso, simplesmente para imaginar a construção mais fácil de nossa felicidade geral, que por vezes, custa a aparecer.

Mas, não nos influenciemos pelo pessimismo.

Tijolo a tijolo, significando o dia a dia, prosseguiremos na edificação do conjunto de moradias iluminadas de amor em que o futuro nos permitirá residir.

A querida vovó Augusta pensou tanto, com tamanha introversão, nos assuntos que nos preocuparam ultimamente, que adquiriu uma certa amnésia, em cujo processo se anularam alguns centros importantes da vida do cérebro, inibindo-lhe a vivência normal, em que sempre a vimos por nosso anjo guardião, e apoio de nossa paz.

Mãezinha, o seu carinho já sabe e o papai igualmente não ignora.

*A vovó mentalizou no silêncio os problemas da tia Gu-
th, e as provas do caminho a que me reporte, como que a impeliram a viver quase ausente de si própria, nos tempos últimos, à procura da filha, sonhando ou ansiando reencontrá-la em suas viagens espirituais.*

Criam, porém, a senhora e meu pai, que os nossos Benfeitores conseguiram para ela o passaporte oportuno, através do qual não necessitou de qualquer demora no labirinto dos pensamentos de indagação permanente no qual havia passado a viver.

Ela mereceu a bênção da liberação, sem lágrimas, a emancipação sem angústia.

Descansou, à maneira de uma criança que requisitas-se o retorno ao próprio lar.

Agora, permanece o tratamento de reajuste, e nesse tratamento vai conquistando melhoras substanciais.

Naturalmente, ainda não retomou a memória de maneira total e, em me fitando, na maioria das vezes, imagina que sonha...

Uma preocupação dominante, posso notar naquele maravilhoso coração que nos serviu de refúgio.

A vontade de saber o vovô Zico fortalecido e bem tratado é a idéia que lhe rege todas as outras lembranças que lhe afloram à alma.

Por isso, pedimos ao seu carinho e ao papai, solicitem à Tia Maria Helena a continuidade do amor com que ela se consagra à sustentação da nossa casa.

Muitos amigos nossos me fazem portador deste pedido, porque, em nossas regiões de experiências, os pensamentos vibram e atingem as criaturas com endereço exato...

E vovó Augusta recolhe as preces-anseios da filha querida que vem rogando forças para se desincumbir do trabalho de assistência ao Vô Zico e aos nossos que se reúnem a ele, em nosso lar de origem.

O meu avô Zeferino com o nosso amigo Tarcísio vieram em minha companhia, para que não me esqueça do pedido que transmito confiantemente aos pais queridos.

Agora, querida Mãezinha, ficaria contente se pudesse escrever um capítulo especial de saudade, mas estará ele gravado em nosso corações.

Peço ao Wagner e à Jeanine me representarem junto ao Papai, desejando a ele um Dia Feliz, com muita saúde e tranquilidade, agora e para a frente, pois precisamos vê-lo sempre animado e valoroso na fibra de resistência e serviço, compreensão e bondade de que nos dá o exemplo incessante.

Mãezinha Alexandrina, não permita que a tristeza passe para dentro de nosso espírito, embora as dificuldades que possamos experimentar a fim de cerrar-lhe a porta.

Pense em nós aqui, onde nos encontramos, como parte da família que continua trabalhando e confiando, à espera de nossa união para o Sempre, mas isso não expressa qualquer propósito de pressa. As obras de Deus são filhas da paciência e do amor nas bases do tempo.

Que sejamos capazes de pensar nisso e prosseguir contentes com os Desígnios Divinos.

Muitas lembranças a todos os nossos corações queridos, e recebam os queridos pais muitos beijos de carinho e reconhecimento do filho que lhes pertence, hoje quanto ontem, amanhã e sempre.

Saudades, muitas saudades do filho cada vez mais agradecido,

Maurício

Foi na manhã de 31 de janeiro de 1981, a última vez que conversamos com o Dr. José Vieira Filho, por telefone, ocasião em que lhe prometemos, dentro de nossas possibilidades, em momento oportuno, incluir as três mensagens de seu inesquecível filho Maurício, num volume a ser organizado, já que o médium Xavier, verbalmente, aquiescera a semelhante intento.

Nosso companheiro de *Enxugando Lágrimas* – págs. 171-177 – e de *Claramente Vivos* – págs. 130-138 –, Maurício Xavier de Vieira nasceu em Goiânia, Estado de Goiás, a 14 de dezembro de 1968, filho do anestesiológico Dr. José Vieira Filho e de D. Alexandrina Maria Xavier Vieira, aí desencarnando a 17 de maio de 1976, com sete anos de idade, em consequência de graves queimaduras, por acidente, uma semana antes, em sua residência, à Rua 128, nº 20, Setor Sul.

Mensagem I, recebida a 3 de novembro de 1979.

1 - *"Estou bem, porque me sinto além dos onze janelos que me apontam o tamanho da experiência na Terra. / Inexplicavelmente para mim, tenho crescido em maturidade e estatura."*: A respeito deste assunto – o crescimento do Espírito, em termos de estatura –, consultemos as notas 3 do Capítulo 14 e 3 do Capítulo 26 de *Claramente Vivos*, referindo-se ao próprio Maurício.

*

2 - *Wagner e Jeanine*: Irmãos do comunicante, nascidos, respectivamente, a 7 de agosto de 1965 e 11 de junho de 1964, em Goiânia.

*

3 - *Vovô Zico*: Sr. Brasil Xavier Nunes, avô materno, nascido em Silvânia, Estado de Goiás, a 20 de setembro de 1907.

Mensagem II, recebida a 23 de fevereiro de 1980.

1 - *Vovó Alexandrina*: Sra. Alexandrina Fontes Xavier, bisavó materna, que nasceu e desencarnou em Anápolis, GO, respectivamente, a 13 de agosto de 1888 e 3 de março de 1936.

*

2 - *"Existem familiares que se fazem guardiões de todo o grupo em que se nasce no mundo. / Assumem responsabilidades e abraçam conosco os nossos próprios compromissos, à maneira de avalistas de Deus, assegurando-nos preciosos empréstimos de possibilidades e forças."*

Referindo-se ao Vovô Zico, alerta-nos Maurício quanto à necessidade de todos nós orarmos por esses *avalistas de Deus*, que existem em todas as famílias, a fim de que possam prosseguir firmes na tarefa que, espontaneamente, abraçaram.

*

3 - *"Agradeço os seus pensamentos de confiança para com este seu filho que ainda pode tão pouco. / Guarde, entretanto, a certeza de que reencaminho os seus lindos pensamentos aos nossos benfeitores daqui, que realmente nos podem valer na solução de nossas necessidades."*: Eis, a nosso ver, uma espécie de *prece refratada*, de que trata o Espírito de André Luiz, nos Capítulos I e II de *Entre a Terra e o Céu* (1), recebido pelo médium Xavier, em 1954, sendo que, aqui, o próprio Espírito do filho reencaminha os pensamentos de súplicas do genitor aos Benfeitores da Vida Maior. Belíssimo exemplo de humildade.

Mensagem III, recebida a 9 de agosto de 1980.

1 - *Vovó Augusta*: Avó materna, desencarnada, D. Augusta Leite Xavier, natural de Sacramento, Minas Gerais.

*

2 - *Tia Guth*: Tia materna, desencarnada, D. Maria Augusta Sabag.

*

3 - *Avô Zeferino*: Depois de se referir à Tia Maria

(1) Francisco Cândido Xavier, André Luiz, *Entre a Terra e o Céu*, FEB, Rio de Janeiro, RJ, 5ª edição, 1972, pp. 12-17.

Helena, Maurício faz alusão ao avô Zeferino, bisavô materno, desencarnado, Sr. Zeferino Leite.

*

4 - *Amigo Tarcísio*: Amigo da família, desencarnado, Tarcísio Siqueira.

*

Esperando que o leitor possa examinar as páginas 244-246 da *Revista Espírita* (1) do ano de 1866, nas quais Allan Kardec estuda o caso de um menino que desencarnou com sete anos de idade e passou a ser guia espiritual de sua genitora que, por sua vez, se tornou médium – “Questões e Problemas – Crianças, Guias Espirituais dos Pais” – pedimos vênha para transcrever pequena mensagem de outra criança, que desencarnou aos dois anos de idade, da *Revista Espírita* (2) do ano de 1868.

Trata-se da tradução de uma obra inglesa, feita da 5ª edição, e que foi publicada em Amsterdã, em 1753, intitulada: *A amizade após a morte, contendo as cartas dos mortos aos vivos. Pela senhora Rowe.*

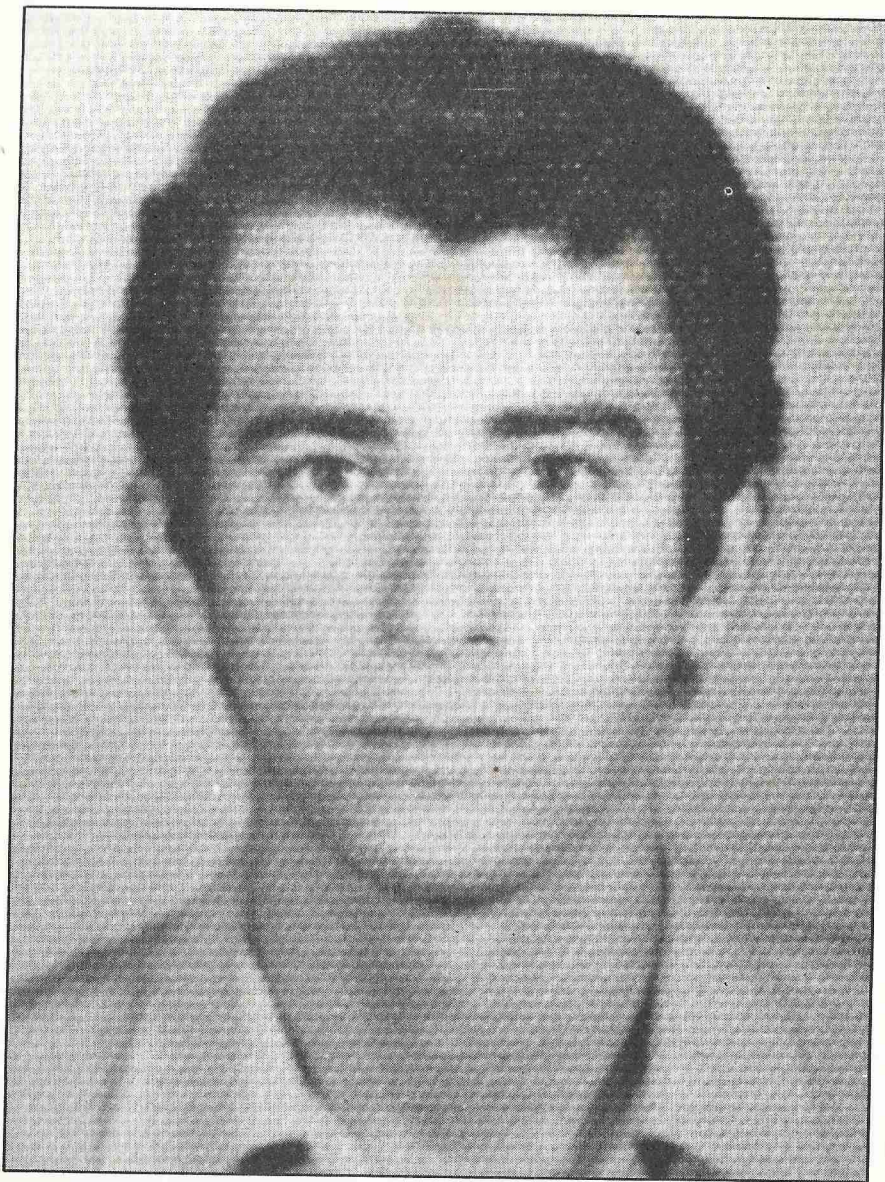
Vejamos apenas o que consta da página 12:

“*Carta III: De um filho único, morto aos dois anos, à sua mãe.* – Desde o momento em que minha alma foi libertada de sua incômoda prisão, achei-me um ser ativo e raciocinante. Admirado por vos ver chorar por uma pequena massa, apenas capaz de respirar, que eu acabava de deixar, e me encontrava encantado por me ter desembaraçado, pareceu-me que estivésseis

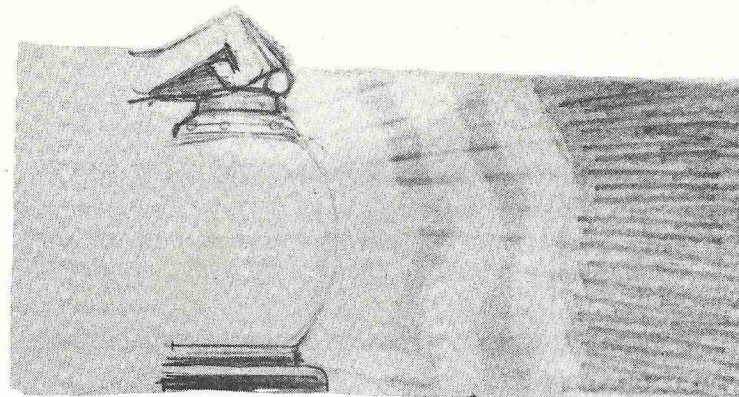
(1) Allan Kardec, *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos – Nono ano - 1866*, Trad. de Júlio Abreu Filho, Edicel, São Paulo, 1966.

(2) —————, *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos - Décimo Primeiro Ano - 1868*, p. 326.

aborrecida pela minha feliz libertação. Encontrei uma tão justa proporção, tanta agilidade e uma luz tão brilhante no novo veículo que acompanhava o meu Espírito, que não podia admirar-me bastante que vos afligísseis com a feliz troca que eu havia feito. Então eu conhecia tão pouco a diferença dos corpos materiais e imateriais, que eu me imaginava ser tão visível para vós quanto sois para mim.”



Milton Higinio de Oliveira



15

**Milton Higinio de Oliveira - 1000ton -
MENSAGEM I**

Querida Mamãe, meu pai, abençoe-me.

A emoção ainda é grande.

Tão grande que me senti quase incapaz de escrever como desejamos.

Lembranças mais vivas de tudo e de todos.

Ânsia de trabalhar com mais segurança no auxílio a todos os corações que amo tanto.

Ainda assim, é preciso conformar-me e seguir adiante com as possibilidades de que disponho.

Creia, porém, Mamãe, que as suas vibrações de paz e coragem são ainda o meu apoio.

Às vezes, vem a insatisfação, a tristeza aparece, o desânimo ameaça e a luta por dentro de mim se intensifica.

No entanto, vejo-a sempre atenta ao menor sinal de desalento em mim, a chamar-me com as suas preces.

"Bom ânimo, meu filho! Confiança em Deus!"

Ouço-a pela acústica do pensamento e me levanto, espiritualmente, de novo.

Meu avô Manoel me convida à firmeza, e outros amigos me auxiliam a erguer as energias de dentro para caminhar.

Caminhar fazendo o possível por beneficiar a outros.

Tarefa difícil.

Remover as cinzas dos corações alheios que se acreditam vencidos e guardam a idéia de desertar.

E eu que ando na condição do necessitado de energias, devo falar de resistência e de fé a esses mesmos irmãos cuja vontade periclita, como que balançando entre os propósitos de viver e morrer.

Aqui, segundo observo, o nosso engajamento em serviço começa habitualmente por onde terminamos a nossa atuação na experiência humana.

Somos induzidos por nossos instrutores a colaborar em favor daqueles que sofrem de nossos próprios males – os males que se fizeram veículos de nosso regresso.

Quem passou na escola das provações por determinados erros, são os que conseguem mais força para sustentarem aqueles que se encontram, no mundo, quase caindo nas mesmas falhas, cujos efeitos conhecemos.

Felizmente, consigo trabalhar um tanto mais, agora que a minha readaptação à Vida Espiritual se vai consolidando...

Devo seguir os amigos a quem a idéia de fuga vai formando corpo, a fim de que se desvencilhem dessas sombras que, sem auxílio de outros, acabam, às vezes, por dominar.

Não posso dizer que sofro, senão em mim próprio com as conseqüências do fato que eu mesmo deveria evitar.

Amizades se multiplicam e tarefas se ampliam sempre, mas, no íntimo, aquele desejo de corrigir a costura dos dias me acompanha a imaginação...

Procuro agir e melhorar-me, no entanto, sempre criando em mim a intenção de voltar à escola para reaprender as lições.

A querida vó Hipólita me explica que isso levará muito tempo, ainda...

É preciso recriar minhas forças, trabalhando, e por isso peço aos meus me amparem ainda, com as energias necessárias.

Hoje, penso que uma prece em favor de alguém que se ache na Espiritualidade é uma espécie de empréstimo de recursos para que a nossa carência de forças diminua, ou desapareça, até que possamos retomar a normalidade.

Isso, Mamãe, é a explicação do meu caso particular.

Creiam todos, porém, que os empréstimos de energia que me fazem dão para equilibrar a situação, na qual me vejo em trânsito para o melhor a ser alcançado.

Não julgue, Mamãe, que me aprisione ainda a objetos e pequenas disponibilidades da Terra.

Pudesse eu haver deixado bastante material para ser aproveitado por outros e estaria mais feliz.

Para a minha responsabilidade, deixei mais lágrimas e preocupações do que qualquer outra cousa, e esteja convencida de que a sua bondade de mãe não lhe deixa ver isso.

Para os pais, os filhos simplesmente são tesouros que largam tesouros por onde passam...

Mas eu sou filho e sei quanta inquietação lhes impus em família.

Peço a Deus para que o nosso querido Nelson e nos-

sa querida Ipe sejam doadoras de bênçãos aos pais que por mim tanto fizeram...

Estou, felizmente, desculpado, e isso me encoraja a devolver em serviço aos companheiros necessitados de paciência e esperança parte da dívida a que me reconheço ligado para com a família querida que me viu nascer...

Muito grato por todas as dádivas que recebo diariamente de todos – dos pensamentos amigos, das lembranças, das orações, das flores que me parecem antenas de saudade e de amor transmitindo mensagens silenciosas de amor e saudade entre nós.

Estou reconfortado e agradecido.

Vovó Hipólita lembra à senhora e à tia Carmen o cuidado com a saúde, e afirma que vem colaborando em apoio da vovó Dolores, nos dias que vão passando.

Estamos todos nos desígnios de Deus e devemos esperar o melhor da vida, porque tenho aprendido e tenho visto que a Providência Divina somente nos fornece o melhor para nós.

Deus nos concede sempre o bem e o uso desses bens do Eterno Bem, na forma de nosso emprego, pertence a nós.

Meu abraço a todos, com os meus votos para que o Papai continue forte e tranqüilo.

Mamãe, estou muito agradecido ao seu carinho constante, em que estamos os dois naquele sistema de falar pouco nos assuntos desagradáveis e meditar muito, com respeito a eles.

Dos amigos, recebo as recordações de quando em quando, mas virá o dia em que todos nós nos reuniremos de novo.

Agradeço muito as preces e vibrações de paz que me ofertam, nesta noite.

Deus me fará merecedor de tanto amparo.

Papai, o vô Manoel me recomenda dizer-lhe que continue trabalhando a benefício da vovó Octávia.

E assim, todos seguimos bem, porque todos buscamos o melhor com a bênção de Deus.

Tomei as mãos de nossa Ipe para abrir o livro da Luz Divina, e consegui marcar o meu ideal: ser pequenino outra vez e escutar o convite de Jesus.

Mas sei, conforme disse, que isso me exigirá muito tempo ainda.

Sem especificar nomes, gravo aqui lembranças de todos e para todos os nossos.

Recebam meu próprio coração em forma de agradecimento.

Querida Mamãe, sinta minha presença alegre a tatear-lhe os cabelos e guarde com Papai o amor e a gratidão de todos os dias, com as muitas saudades e esperanças do filho sempre grato, sempre cada vez mais reconhecido,

1000ton

MENSAGEM II

Querida Mamãe, abençoe-me.

Peço a sua tranqüilidade e a sua alegria de viver.

Trabalhemos por nosso Nelson, que necessita de paz e confiança na vida.

De minha parte, estou melhorando...

Estou sadio e firme na fé, mas temos os problemas de dentro de nós mesmos, sobre os quais necessitamos de melhoras.

Ao querido irmão e a todos os nossos, os meus pensamentos de afetuosa gratidão.

Quanto a nós dois, com meu pai, estamos sempre sintonizados no mesmo fio, a repetirmos de um para os outros que tudo está bem.

Já sei que a senhora, Mamãe, dirá com a sua calma que se tudo não estiver bem, estará bem assim mesmo.

E eu digo que, graças a Deus, tudo segue em paz.

Um beijo de muita coragem e de muito reconhecimento do seu

1000ton

* * *

Milton Higino de Oliveira – 1000ton – um dos integrantes de *Claramente Vivos* – págs. 89-106 – e de *Vozes da Outra Margem* (Francisco Cândido Xavier, Hércio Marcos C. Arantes, Espíritos Diversos, IDE, Araras (SP), 1987, pp. 99-102), nasceu em Uberaba, a 21 de fevereiro de 1947, aí desencarnando por suicídio com arma de fogo, a 30 de julho de 1972.

Filho do Sr. João Batista de Oliveira, residente à Rua Visconde do Rio Branco, 41, fone: 332-0068, e de D. Maria Higino Batista, que veio a desencarnar, em consequência de embolia cerebral (submeteu-se a uma neurocirurgia, no dia 19 de agosto), a 21 de setembro de 1986.

Mensagem I, recebida a 1º de agosto de 1979.

1 - "Ouço-a pela acústica do pensamento e me levanto, espiritualmente, de novo.": Importância da prece no socorro aos desencarnados. Felicíssima, D. Maria, hoje, deve estar orando ao lado de seu querido filho, liberta que se encontra do corpo físico.

*

2 - "Aqui, segundo observo, o nosso engajamento em serviço começa habitualmente por onde terminamos a nossa atuação na experiência humana. / Somos induzidos por nossos instrutores a colaborar em favor daqueles que sofrem de nossos próprios males – os males que se fizeram veículos de nosso regresso. / Quem passou na escola das provações por determinados erros, são os que conseguem mais força para sustentarem aqueles que se encontram, no mundo, quase caindo nas mesmas falhas, cujos efeitos conhecemos.": Lembrando-nos da primeira viagem que fizemos a Pedro Leopoldo, a 22 de julho de 1955, ao final da reunião pública do Centro Espírita Luiz Gonzaga, o médium Chico Xavier falou a um senhor, que o inquiria, sobre o método que devemos adotar, na cura da obsessão:

– Meu amigo, todos nós temos uma certa cota de obsessão para o gasto. E o melhor meio de nos livrarmos dela, é trabalhar no socorro aos que estão mais obsidiados do que nós, com muita dedicação, disciplina e responsabilidade.

Por outras palavras, o Espírito de Milton diz o mesmo, confirmando o que afirmam os que lidam com doentes mentais: é que eles – os psiquiatras e outros profissionais da área – continuam saudáveis porque, cuidando da loucura dos outros, estão cuidando da sua própria loucura.

Muito importante tudo isso para a nossa meditação.

*

3 - "Procuro agir e melhorar-me, no entanto, sempre criando em mim a intenção de voltar à escola para reaprender as lições. / A querida vó Hipólita me explica que isso levará muito tempo, ainda...": Como deixa claro, Milton já pensa no seu retorno à Vida Planetária, em novo corpo físico, e, nos parágrafos seguintes, nos mostra o quanto a prece – "uma espécie de empréstimo de recursos" – é imprescindível aos Espíritos em luta na erraticidade.

*

4 - *Vó Hipólita*: Bisavó materna, D. Hipólita dos Santos, já desencarnada.

*

5 - "*Nosso querido Nelson e nossa querida Ipe.*": Irmãos do comunicante. Ipe: Srta. Maria Eurpedes.

*

6 - *Tia Carmen*: Tia materna, D. Carmen Higino dos Reis, nasceu em Conquista, Minas Gerais, a 23 de outubro de 1921, e desencarnou em Uberaba, a 28 de janeiro de 1983. Grande amiga do médium Chico Xavier, era dedicada colaboradora do Grupo Espírita da Prece.

*

7 - *Vovó Dolores*: Avó materna, desencarnada em Uberaba, a 4 de novembro de 1979.

*

8 - *Vô Manoel*: Avô paterno, Sr. Manoel Antônio de Oliveira, desencarnado em 1941.

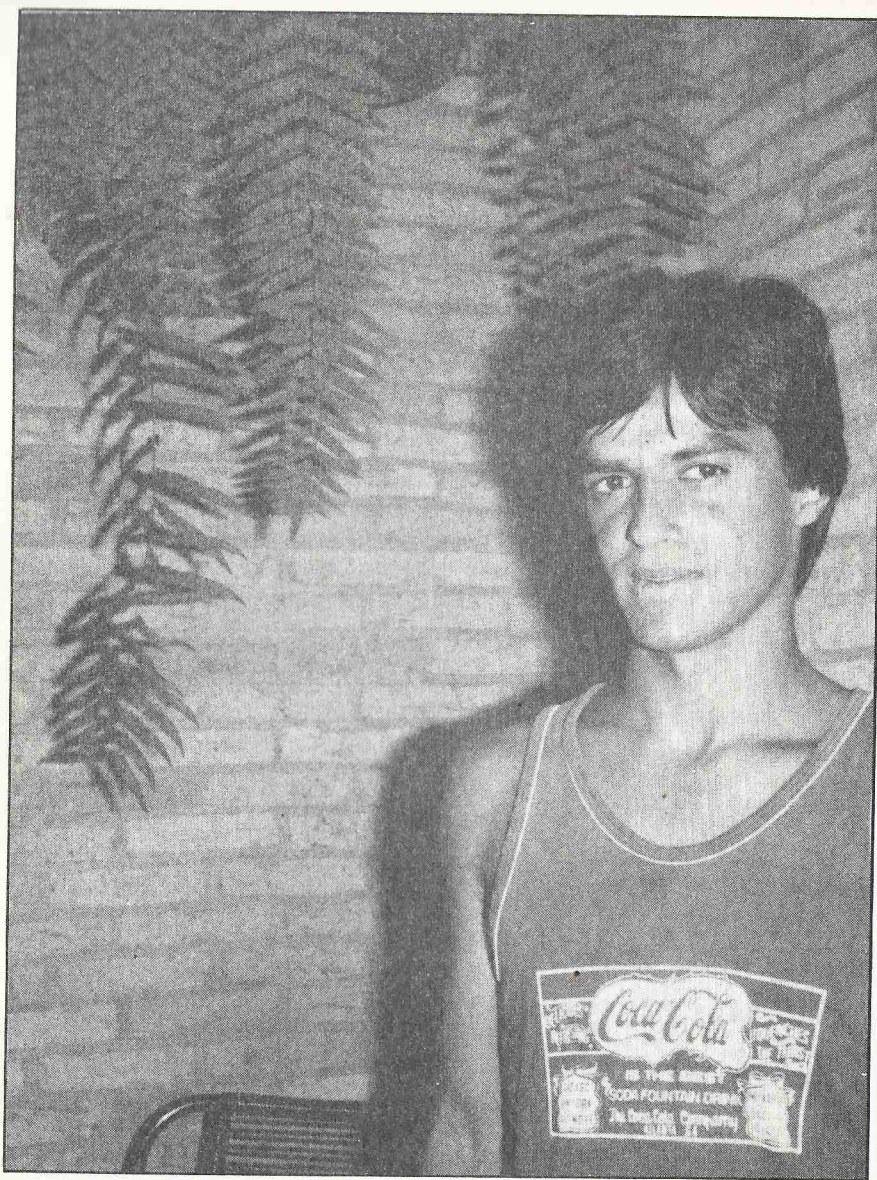
*

9 - *Vovó Otávia*: D. Otávia Benedita dos Reis.

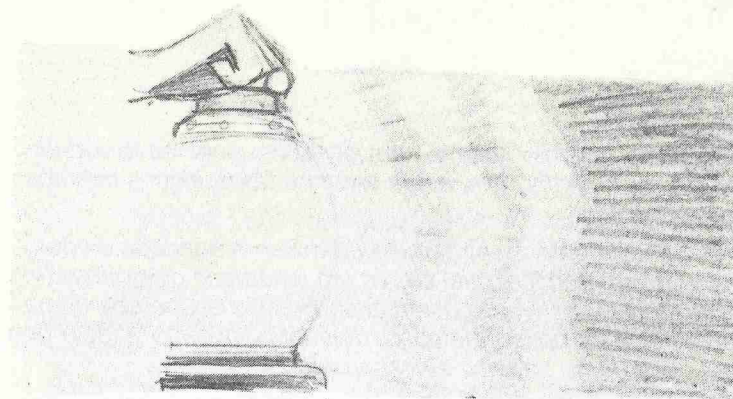
Mensagem II, recebida a 18 de agosto de 1983.

Bilhete dos mais expressivos, que vem demonstrar o quanto o Autor Espiritual vem trabalhando em favor dos candidatos ao suicídio, no Plano Físico, insuflando-lhes pensa-

mentos de coragem, otimismo e paciência ante os embates da vida, naturalmente arregimentando força e coragem para, no futuro não muito distante, voltar à liça terrestre para os testes redentores, necessários a todos nós, Espíritos endividados perante a Lei de Causa e Efeito, a caminho da quitação completa dos compromissos assumidos no Grande Pretérito, sob a proteção do Divino Mestre, e, particularmente em relação aos suicidas, sob o olhar misericordioso de Maria de Nazaré.



Paulo Borges Silva



16

**Paulo Borges Silva –
VOTOS DE PAZ E CORAGEM**

Querida Mamãe Norma, receba com meu pai e com os meus irmãos os meus votos de paz e coragem, a fim de vencermos todos juntos os obstáculos do caminho.

Então, é verdade, Dona Norma, que você passou o dia, recordando a necessidade de promover um bolo que me alegrasse os vinte e dois anos?

Passei horas em casa, e notei a nuvem de saudade que lhe cobria o coração.

Nuvem que se desfazia em chuva de pranto, que o seu carinho procurava esconder para não afligir a ninguém.

Agradeço, Mamãe, as suas lembranças.

Também eu me afundava nas recordações dos aniversários passados, mas, de repente, me lembrava de que precisava cooperar na paz da família, e voltava à tona da realidade para assumir a vida.

Perdoem-me se lhes dei tanto trabalho com a queda que me cortou o fio da existência no corpo físico.

O choque foi muito grande e, conquanto me desse

a idéia de que me achava sem sentidos, pela incapacidade de me movimentar, tive, ainda em meu favor, alguns minutos para pensar.

Realmente a sua ternura de mãe e a bondade de meu pai estavam comigo, qual se por um fenômeno desconhecido para mim, eu estivesse misturando Brasília e Uberaba numa faixa única de apego afetuoso, mas atribulava-me a idéia de que daria muito trabalho à nossa Lívia...

Não consegui, porém, mobilizar o meu corpo como desejava, e então, chorando à feição de uma criança acidentada, entrei num desmaio, que somente depois vim a saber que se tratava da desencarnação.

Isso, no entanto, quando já me achava em casa, quando despertei com a cabeça mergulhada num círculo enorme de perturbações.

Não me sentia muito lúcido, quando uma senhora se abeirou de mim e me perguntou se não a conhecia...

Respondi negativamente, entretanto, com indizível bondade, ela me recomendou chamá-la por avó Maria Fernandes, enquanto um senhor me surgiu à frente, informando-me que ele viera colaborar em meu auxílio, em nome do Dr. Bezerra de Menezes.

Recordei as conversações de meu pai e agradeci.

Outro amigo me abraçou, declarando-me ser o Dr. Odilon Fernandes, que vinha ao meu encontro por lembrança de meu pai.

Querida Mãezinha Norma, entendi tudo quanto ocorria, porque eu guardava os conhecimentos de nossas impressões do Mundo Espiritual, que em nossa casa eram freqüentes.

A senhora me afastou com muito carinho, alegando que eu precisava descansar, e, sentindo-me tão menino como no tempo em que me acomodava em seu colo, dormi

profundamente, amparado por aquela criatura dedicada e afetuosa, que se dizia minha avó.

Despertei em outro local, onde fui tratado convenientemente, porque ainda registrava muita dor na cabeça.

Entre nos diálogos com os amigos daqui, de minha vida nova, sem dificuldade para compreender o que me explicavam.

Lembrei-me com tristeza de que o Papai, embora não me contrariasse, no íntimo parecia desejoso de que eu permanecesse nos estudos em Uberlândia, e senti pesar por haver insistido em procurar maiores contatos com a música em Brasília, tomando uma estrada diferente daquela em que me iniciara.

Lutei comigo mesmo para não cair de desapontamento e remorso, mas o meu avô José, que passou também a me auxiliar, me reconfortou dizendo que o meu tempo na experiência terrestre seria curto, e que se estivesse estudando em Uberlândia, teria sofrido a queda de que fui vítima.

Desse modo, Mamãe Norma, peço ao seu coração e a meu pai receberem estes informes, com os quais procuro dar um esclarecimento sobre o que me aconteceu.

Ainda me vejo algo difícil, sem muita segurança para falar de meu próprio caso, mas saibam que estou envolvido em saudades muito grandes de nossa casa feliz.

Mãe, a pessoa não se desvincula do amor à família, assim qual muita gente acredita.

O Antônio, meu irmão, e a Lívia, o André, o Aulus, Stella, o Eduardo, estão todos em minhas saudades grandes.

Estimaria tanto ter demorado em nossa casa, a fim de ser útil a meu pai, de algum modo, pois sempre o vi trabalhando e lutando para garantir o nosso reconforto; no entanto, os Desígnios do Céu eram diferentes dos meus de-

sejos, e me sinto quase frustrado por não ter usufruído mais tempo, de modo a cooperar com meu pai.

Ainda assim, não me faltam a esperança e a fé em Deus.

Dona Norma, agora, conquanto as lágrimas de saudade que me ficam por dentro do coração, é hora de dizer que volto novamente com o meu avô José para o meu novo clima de moradia, mas não posso fazer isso sem repetir-lhe os agradecimentos pelo grande bolo, enfeitado e lindo, que, em pensamento, recebi de suas queridas mãos.

Aos irmãos a minha grande saudade e, reunindo o seu coração e o coração de meu pai num grande abraço, beijalhe os cabelos e as mãos queridas o seu filho que muito lhes deve e que lhes será sempre grato,

Paulo Borges Silva

* * *

Em lúcido artigo – “A Volta de Paulinho” –, publicado em *A Flama Espírita*, de 21 de setembro de 1985 (Ano XXXIX, Segunda fase, Nº 2.536), eis o que diz Roberto Mendes Juliano (1963-1986), sobre Paulo Borges Silva e a consoladora mensagem que transmitiu através do médium Xavier:

“Decorridos 147 dias desde a desencarnação de Paulo Borges Silva, na data de seu aniversário natalício, quando completaria 22 anos, tiveram seus pais e demais familiares queridos a incomparável alegria de receber dele mensagem psicografada através da mediunidade abençoada de Francisco Cândido Xavier, em 29-03-1985, no final da reunião do Grupo Espírita da Prece, em Uberaba-MG.

Paulo era natural de Uberaba, nascido em 29-03-1963. Jovem muito alegre, dinâmico e inteligente, graças a esses verdadeiros dotes pessoais, desfrutava da amizade e consi-

deração de incontável número de amigos e colegas. Por muito tempo, participou da Mocidade Espírita “Henrique Krüger”, nesta cidade, onde sempre demonstrou exemplares interesse e conhecimento de nossa Doutrina. Fez, no Colégio N.S. das Graças, seus estudos de 1º e 2º Graus, sendo marcante o fato de haver prestado, para experiência, ao meio da 3ª Série (final), os Vestibulares de Odontologia à FIUBE e sido aprovado. Ao terminar o 2º Grau, foi aprovado nos Vestibulares de Engenharia Civil da Universidade Federal de Uberlândia, curso este que frequentou até ao 5º Período. Na mesma UFU, participava do Coral, cantando entre os baixos, tendo destacada e aplaudida atuação na ópera “Cavalleria Rusticana”, de Pietro Mascagni.

Em 1984, prestou Vestibulares de Música, resultando aprovação e ingresso na Escola de Música de Percussão do Distrito Federal. Trabalhava, inclusive, no Banco Nacional de Brasília.

No dia 27 de outubro do mesmo ano, após participar dos ensaios da Banda Sinfônica de Brasília, ao dirigir-se ao Teatro Nacional, onde assistiria à ópera “Porgy and Bess”, de George Gershwin, na Sala “Villa Lobos”, sofreu acidente de tal gravidade, que lhe roubaria a vida, ao cair num fosso do Teatro, conforme noticiou o “Correio Braziliense”, em 6 do mês seguinte.

Na mensagem de Paulinho, podemos entrever a notável evolução espiritual do comunicante, assim como os dados e a linguagem que a enriquecem e lhe conferem maior autenticidade, provando, também, uma vez mais, a imortalidade da alma.”

ESCLARECIMENTOS

Paulo Borges Silva nasceu em Uberaba, Minas, a 29 de março de 1963, desencarnando em Brasília, Distrito Federal, a 2 de novembro de 1984, tendo o seu corpo sido sepultado em Uberaba. Filho de nossos confrades, Sr. Antônio

Borges da Silva e D. Norma Borges da Silva, residentes na Av. Alberto Martins Fontoura Borges, 397 – Apt^o 106 –, Tel. 332-4558.

Maria Fernandes de Oliveira: Bisavó materna do comunicante, nascida em Morrinhos, Estado de Goiás, a 6 de janeiro de 1884, e desencarnada no Rio de Janeiro, RJ, a 5 de março de 1957.

José de Carvalho: Avô paterno, nascido em Brodóski, Estado de São Paulo, a 26 de abril de 1896, e desencarnado em Uberaba, a 4 de junho de 1963.

Lívia, Antônio, André, Stella, Aulus, Eduardo e Renata: Irmãos do comunicante.

* * *

Na segunda entrevista, que fizemos com os senhores pais de Paulinho, a 29 de setembro de 1985, mostraram-nos eles uma página manuscrita, a lápis, do inesquecível filho, escrita pouco tempo antes da desencarnação, e que se encontrava entre os seus guardados.

Comprovando a tese de que temos, inconscientemente, conhecimento de tudo que poderá ocorrer conosco, a qualquer momento, ei-la, com toda a sua beleza:

“Acho que devemos nos cuidar.

E viver a vida com mais intensidade.

Pois, se pensarmos bem, ao mesmo tempo que estamos vendo a notícia do último avião que caiu, poderemos, de repente, passar a ser manchete:

- é só o teto da sua casa cair sobre você.
- Por isso, devemos, antes de tudo, viver.
- VIVER, é lógico, não significa apenas viver.
- Vem sempre ao lado, por exemplo, do amor.

– Desde o amor mais puro e singelo, até o amor mais ardente e apaixonante. E que também não deixa de ser puro.

– Quem sabe, também, não é hora de nos darmos mais.

– Sim, porque estamos, pouco a pouco, nos distanciando, mais e mais.

– Não nos damos ao vizinho, ao irmão, às pessoas e, assim, não nos damos ao mundo.

– Muitas vezes (ou quase sempre?), não sabemos, e nem procuramos saber, a verdadeira dimensão de nossas vidas.

– E o belo, temos visto?

– Quanto da vida nos passa despercebido!

– Mil e uma vezes, não distinguimos o que realmente de belo existe com o que achamos existir (e não existe).

– Nem tudo é uma simples questão de gosto individual.

– No entanto, e o que realmente é triste, não conseguimos, freqüentemente, encontrar a essência de nossas vidas: nós mesmos.

– Pois não: quantas vezes, nos perguntamos quem somos e, em todas elas, não sabemos responder.

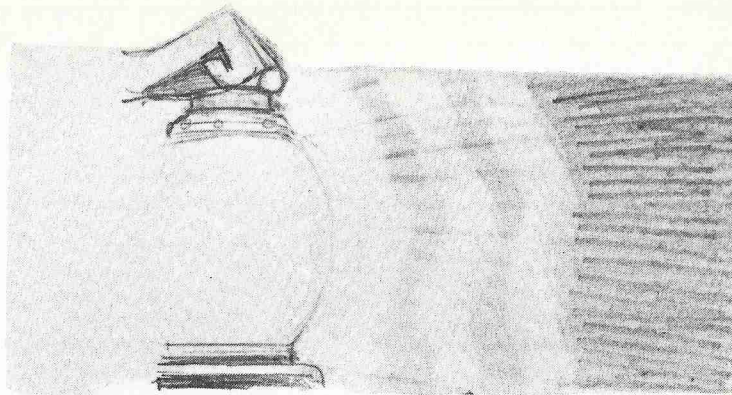
– Por isso, precisamos, antes de mais nada, “nos viver” para, a seguir, poder viver o mundo.

– Não há razão para continuarmos a vida toda nesta rotina e, no final dela, fazermos a patética pergunta: “quem sou eu?”. **DESCUBRA-SE.**

– Ah! Antes que me esqueça, meu nome é Paulo.

– Me registro bem rápido, pois, de repente, a manchete poderá ser eu. Sic.

(a) Paulo.”



17

**Renata Zaccaro de Queiroz –
“AUXILIE-ME COM AS SUAS PRECES E
COM OS SEUS PENSAMENTOS DE AMOR E PERDÃO”**

Querida Mãezinha, abençoe-me.

Imagino o Papai Antônio Carlos ao nosso lado para rogar também a ele para que me queira bem e me perdoe.

Mãezinha, a sua dor se confunde com a minha.

Ainda não sei que força me tomou naquela quarta-feira.

Tive a idéia de que uma ventania me abraçava e me atirava fora pela janela.

Certamente devia mobilizar minha vontade e impedir que o absurdo daquele momento me enlouquecesse.

Obedecia maquinalmente àquela voz que me ordenava projetar-me no vácuo.

Quis recuar, mudar o sentido da situação, não consegui.

Nunca imaginaria que tanto sofrimento se seguiria ao meu gesto.

nesta rotina e no final dela *fazemos a patética*
pergunta: "quem sou eu", **DESCUBRA-SE.**
Ah! Antes que me esqueça meu nome é Paulo.
Me registre bem rápido, pois, de repente, a man
chete poderá ser eu. sic.

Paulo



Renata Zaccaro de Queiroz

Não desejo fugir às responsabilidades e inventar desculpas que não teriam razão de ser.

O que sei é que agi na condição de uma rã que uma serpente atráusse...

Mãezinha, que páginas de angústia e que culpa teria eu escrito em outros lugares para ser assim arremessada no ar com o meu próprio consentimento vencido?

Não senti qualquer dor quando meu corpo registrou o impacto do encontro com o piso do prédio.

Senti que alguém me recolhia com as mãos repletas de amor.

Não me achava em condições de ver ou de ouvir.

Tudo em mim era um redemoinho qual se tivesse arrancada de casa, assim como a tempestade desloca para longe uma árvore forte com suas próprias raízes.

Um esmorecimento como se eu estivesse quebrada sem dor localizável me possuiu de todo e nada mais vi senão aquele branco da memória, quando cai no sono sem sonhos.

Somente depois, vim a saber que a Vovó Rosa me apanhara carinhosamente, sem permitir que o sofrimento me atingisse.

Mãezinha, peço-lhe que me perdoe.

Sei que arrastarei as conseqüências da minha passividade diante da força que me dominou, mas espero que a bondade de Deus me conceda forças para refazer-me de todo, tanto quanto desejo...

Agora, o que sinto é a necessidade de colocar em suas mãos em forma de lágrimas o arrependimento que me assombra.

Receba-me em seu coração, como nos tempos de criança rebelde.

Auxilie-me com as suas preces e com os seus pensamentos de amor e perdão.

Estou melhorando, se bem que me veja na posição de alguém com necessidade de muito socorro ortopédico, mas os nossos onde estou são todos tolerantes e generosos para comigo.

Meu Avô Antônio me recomendou não procurar qualquer investigação de retaguarda, afirmando-me que ele também sofreu muito com processos ocultos de hipnose destrutiva.

Compreendo e obedeço.

Mas não estou impedida de rogar o seu amparo em meu benefício e de rogar ao Papai e aos queridos irmãos Antônio e Ricardo esquecerem o que fiz ou o que fizeram comigo, para que os quadros de setembro desapareçam.

Mãezinha, desculpe-me de me demorar a escrever tudo o que sinto.

A Vovó Rosa me trouxe para dizer-lhe que tive culpa e não a tive totalmente.

Uma vertigem, um pensamento desorientado, uma compulsão louca e perdi tantas riquezas do coração e do lar.

Mamãe, Deus nos auxiliará na recuperação de que preciso.

Rogo ao Papai esqueça o meu gesto infeliz para ficar tranqüilo.

Tenho em mim que ele ainda não se harmonizou com a vida, depois da triste ocorrência de que me fiz o centro de dor.

Apesar de tudo, não quero perder a esperança e confiarei no socorro do amor Divino.

Mãezinha, a todos de nosso ambiente os meus pensamentos de gratidão, e para você o coração e a dor, a esperança e o reconhecimento de sua

Renata

Renata Zaccaro de Queiroz

O material de que ora nos servimos para enriquecer este volume, chegou-nos às mãos, no dia 6 de abril de 1981, graças à gentileza de D. Victória Celma do Prado Lopes.

De duas cartas de d. Marusa, residente em São Paulo, Capital, à Rua Haddock Lobo, 959, 8º andar, Apto. 83, CEP 01414, endereçadas à D. Victória, respiguemos alguns dados esclarecedores sobre a mensagem que acabamos de ler, recebida pelo médium Xavier, na noite de 18 de abril de 1980.

“São Paulo, 15 de fevereiro de 1981.

Cara Amiga Victória,

Espero que aí esteja tudo bem e com Deus.

Envio os folhetos com a mensagem da Renata para você distribuir aí e entregar uma ao seu amigo, que quer incluí-la num livro.

Se for preciso de mais para passar a outras pessoas que necessitem de consolo e quantas vezes for preciso publicar ou ser feito uso dela para beneficiar as obras de divulgação e que ela venha a dar paz e tranqüilidade a outras pessoas que precisem como eu precisei, aqui estarei às ordens para fazer nova remessa, imediatamente.

Mais uma vez, eu agradeço a sua hospedagem, aí em Uberaba, e peço desculpas por alguma coisa, mas, realmente, eu estava e ainda estou fora do meu normal. É tudo muito difícil, todos tentam ajudar a gente, mas não sei, há dias em que é muito difícil e outros dias melhores. Não se enlouque-

ce porque Deus ajuda muito e uma estranha força também nos ajuda, porque senão não sei como seria. (...)

Muito obrigada por tudo e que Deus a ajude sempre, ao seu marido e seus filhos, muita saúde e paz.

Telefonem para nós, quando vierem a São Paulo, ou, quem sabe, nós iremos até aí; eu gostaria muito de ver novamente o Chico e essas pessoas bondosas do Grupo Espírita da Prece; realmente, faz muito bem conversar com elas, assistir às reuniões delas; acho que estou muito necessitada; não estou me encontrando.

Abraços a todos, e me desculpe o desabafo.

(a) *Marusa.*"

"Uberaba, 4 de março de 1981.

Amiga Victória,

Mais uma vez, muito obrigada por tudo; Deus lhe pague.

Envio o material que você pediu, somente não tenho uma foto pequena e nem grande, branco e preto; espero que esta sirva.

Um escrito dela: mando o próprio original, por ser uma folha solta de caderno, e é algo a respeito de um rapaz de que ela gostava, não sei se servirá para o que a pessoa quer.

Enfim, são as coisas que eu tenho e, com muito prazer, envio.

Gostaria de saber se um dia for publicado, em que livro isto estará, pois quero comprar o livro.

Se precisar de mais alguma coisa, pode me telefonar.

Qualquer dia, se Deus quiser, irei até aí.

Recomendações ao seu marido.

Beijos nas crianças.

Muito obrigada por tudo.

(a) *Marusa.*"

Renata Zaccaro de Queiroz, cuja cédula de identidade nº 038117 (registro geral nº 9.813.585), foi retirada em São Paulo, a 9 de junho de 1976, e o título de eleitor nº 550261, circunscrição de São Paulo, quinta zona, Município de Cerqueira César, residindo, na época, à Alameda Ministro Rocha Azevedo, retirado a 10 de agosto de 1979, nasceu em São Paulo, Capital, a 16 de julho de 1961, filha de Antônio Carlos Bruschini e de D. Marusa Zaccaro de Queiroz, e aí desencarnou, em consequência de suicídio, jogando-se de grande altura, através de uma janela, a 5 de setembro de 1979.

Tomando a liberdade de sugerir ao leitor consultar as páginas 33-62 do *Anuário Espírita 1987*, nas quais estudamos o *processo obsessivo* de modo geral e, particularmente, relacionado com os casos de suicídio, na seção "Literatura & Espiritismo" (1), e as páginas 98-99 de *Claramente Vivos*, onde encontramos a transcrição da parte inicial de importante mensagem de um escritor suicida, que se atirou pela janela de um hospital em que se submetia a tratamento de uma febre cerebral, na década de sessenta do século passado (*Revista Espírita* do ano de 1867, de Allan Kardec, pp. 21-22 da edição brasileira), chegamos à conclusão de que a belíssima página do Espírito de Renata é a confirmação clara do elemento obsessivo em todos os casos de suicídio.

Vejamos, por etapas.

1 - "*Ainda não sei que força me tomou naquela quarta-feira. / Tive a idéia de que uma ventania me abraçava e me atirava fora pela janela. / (...) Obedecia maquinalmente*

(1) Elias Barbosa, "Estudo do Processo Obsessivo num dos Livros de Moderno Autor Inglês", *Anuário Espírita 1987*, IDE, Araras (SP).

àquela voz que me ordenava projetar-me no vácuo. / Quis recuar, mudar o sentido da situação, não consegui. / (...) O que sei é que agi na condição de uma rã que uma serpente atráisse...: Eis a prova inconcussa do assédio de nossos irmãos chamados obsessores à presa de hoje, detentora de reflexos condicionados favorecedores do ato auto-eliminatório, alimentados pela culpa, na maioria das vezes, inconsciente.

*

2 - *"Não senti qualquer dor quando meu corpo registrou o impacto do encontro com o piso do prédio. / Senti que alguém me recolhia com as mãos repletas de amor. / (...) Somente depois, vim a saber que a Vovó Rosa me apanhara carinhosamente, sem permitir que o sofrimento me atingisse."*: Observemos com que diferença as coisas se passam com um homem que, antes de se suicidar, atirando-se de uma torre, tornou-se alcoólatra, em completo desequilíbrio mental, num caso registrado por Allan Kardec (1):

"FRANÇOIS-SIMON LOUVET, DO HAVRE

A comunicação seguinte foi dada espontaneamente numa reunião espírita no Havre, a 12 de fevereiro de 1863:

Tende piedade de um pobre miserável que há longos anos sofre torturas cruéis! Oh! o vazio... o espaço... caio... caio... socorro! Meu Deus, tive uma vida tão miserável!... era um pobre diabo, por vezes passei fome nos dias da velhice. Por isso me dei à bebida e tinha vergonha e desgosto de tudo... Quis morrer e atirei-me... Oh! meu Deus, que momento!... Por que então desejar acabar, quando estão tão próximo do fim? Ora! para que não veja sempre o vazio abaixo de

(1) Allan Kardec, *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos - Sexto Ano - 1863*, Trad. de Júlio Abreu Filho, Edicel, São Paulo, 1965, pp. 84-85.

mim... Vou me arrebentar nas pedras. Eu vos conjuro, vós que conheceis as misérias dos que não estão mais na Terra, eu me dirijo a vós, posto não me conheceis, porque sofro tanto... Por que querer ter provas? Eu sofro; não chega? Se eu tivesse fome em vez deste sofrimento terrível, mas invisível para vós, não hesitaríeis em me aliviar, dando-me um pedaço de pão. Perguntai a um desses felizes que estão aqui e sabereis quem eu era. Ora! por mim.

François-Simon Louvet

Logo a seguir o Espírito protetor do médium disse: Este que acaba de se dirigir a ti, minha filha, é um pobre infeliz que tinha uma prova de miséria na Terra, mas o desgosto o tomou, faltou-lhe a coragem e, infeliz, em vez de olhar para o alto, como deveria ter feito, deu-se à embriaguez e desceu aos últimos limites do desespero; pôs termo à triste prova atirando-se da torre de Francisco I, a 22 de julho de 1857. Tende piedade de sua pobre alma que não é adiantada mas tem bastante conhecimento da vida futura para sofrer e desejar uma nova prova. Pedi a Deus que lhe conceda esta graça e fareis uma boa obra. Estou feliz por vos ver reunidos, meus caros filhos; estou convosco quando vos reunis assim. Estou sempre pronto a vos dar ensinamentos. Se um bom Espírito não pudesse se comunicar convosco por falta de relações físicas, eu seria seu intermediário. Mas estais cercados de bons Espíritos e eu deixo que vos instruam. Perseverai na via do Senhor e sereis abençoados. Tende paciência nas provas, não vos recuseis a fazer o bem pela ingratidão dos homens. Em breve os homens serão melhores e os tempos estão próximos. Adeus, meus bem amados; eu vos acompanho nas tristezas e nas alegrias. A paz esteja com todos.

Teu Espírito Protetor

Tendo-se feito buscas, foi encontrado no *Journal du Havre*, 23 de julho de 1857, um artigo, cuja substância é a seguinte:

'Ontem, às quatro horas, os transeuntes do cais tiveram uma dolorosa impressão, de um acidente horrível: um homem atirou-se da torre e veio arrebentar-se nas pedras. Era um velho coitado, que a tendência para a bebida arrastou ao suicídio. Chama-se François-Victor-Simon Louvet. O corpo foi transportado para a casa de uma das filhas, rue de la Corderie. Tinha sessenta e sete anos.'

*

3 - "*Meu avô Antônio me recomendou não procurar qualquer investigação de retaguarda, afirmando-me que ele também sofreu muito com processos ocultos de hipnose destrutiva.*": Oportuna a recomendação para não se investigar a retaguarda de sombras para não se cair novamente nas faixas do mal, vindo a sofrer, mais uma vez, a devastadora hipnose por parte daqueles que ainda albergam ódio e sentimentos de vingança dentro de si, aguardando o momento do encontro com o Cristo que fatalmente se dará, só sabe Deus quando.

*

4 - "*A Vovó Rosa me trouxe para dizer-lhe que tive culpa e não a tive totalmente.*": Eis a síntese perfeita do que acontece em qualquer caso de obsessão: se não houver aquiescência, às vezes prazerosa, masoquista, quase sempre inconsciente, por parte do obsidiado, em decorrência da culpa, tão bem estudada por Jean Piaget (1896-1980), distinto psicólogo e pedagogo suíço, na criança, culpa esta albergada na intimidade do seu ser, obsessão algum conseguirá qual-

quer domínio sobre quem quer que seja. Há necessidade da convivência por parte do que passará a ser catalogado como sendo *obsidiado*.

*

Concluindo este capítulo, transcrevamos a página manuscrita de Renata, a que se refere sua genitora na segunda carta à D. Vitória, a fim de que possamos aquilatar o quanto estava preparada a Autora Espiritual para nos trazer, após a desencarnação, tão profundos ensinamentos sobre o *processo obsessivo*, "parte integrante dos flagelos com que a Humanidade se vê a braços neste mundo", segundo Allan Kardec:

"Os dias vão passando e o seu nome vai aos poucos sendo apagado da minha cabeça.

Mas ainda existe muito de você em mim.

Músicas, carros, lugares, tudo me faz lembrar de você.

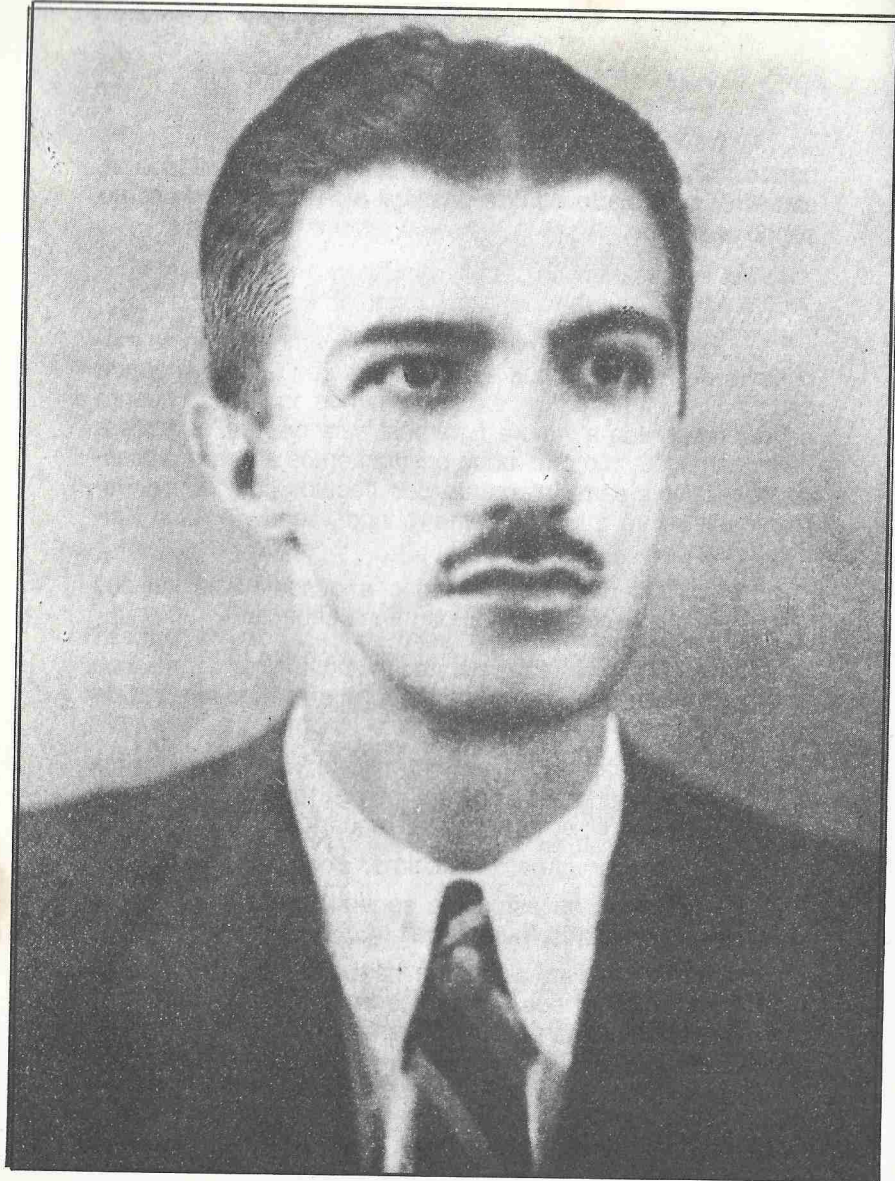
Esses dias em que eu não te vi, me deram uma paz espiritual tão grande, porque embora você estivesse longe, eu te sentia ao meu lado.

Mas era uma coisa calma, uma coisa boa.

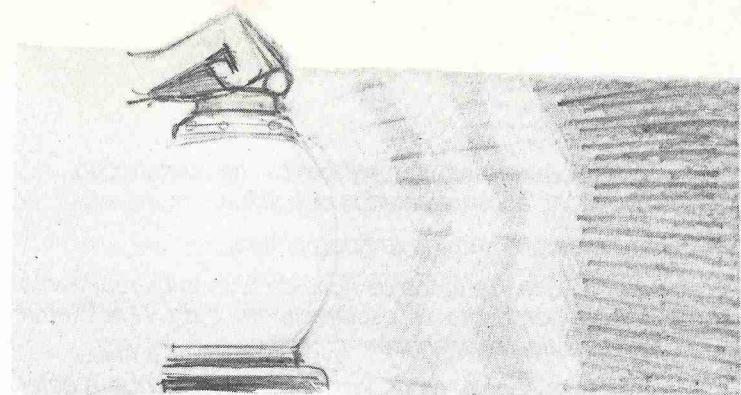
Agora, eu estou me sentindo mais "eu", porque as coisas estão "numa boa"... (....)

Ao te ver, ainda me baqueia, mas é um sentimento agora que me parece mais puro, alguma coisa que eu sei não está longe de acabar.

3/3/79."



Servílio Marrone



18

**Servílio Marrone –
“MEUS AMIGOS, MEUS AMIGOS,
TRABALHEMOS E TRABALHEMOS”**

Meu caro Durval, Deus nos guarde e ilumine.

Se pudesse, materializaria meu próprio coração, diante de vocês, os irmãos de Campinas, para dizer-lhes o amor e a fé viva em que todos nos reunimos.

Devo, porém, conformar-me ao lápis singelo e dele me valho para saudar a vocês todos.

Sim, é o trabalho no bem a única diretriz!

Sigamos, desse modo, sem vacilar, para a frente, consagrando a melhor atenção à nossa sementeira de luz.

Doutrina Espírita não é uma legenda de simples convicção.

É apelo ao serviço de nosso próprio burilamento, escola de perfeição, oficina de luta, campo de bênção...

E esses dons de Deus, meus amigos, devem ser trazidos em nós como atividades edificantes.

Não aguardem a morte para verificar, porque a morte é exame, conta, acerto, renovação...

Todos os nossos companheiros de construção, no Mundo Espiritual, acusam balanço deficitário.

Todos se queixam de tempo perdido.

Isso, porque, de todos os ricos da fé, somos realmente os mais ricos, porquanto os esclarecimentos da Vida Eterna e da Eterna Justiça permanecem conosco.

Atendamos, pois, meus irmãos, às tarefas que a esfera maior nos concedeu, na atualidade.

Sigamos agora no rumo da plantação valiosa do livro espírita.

Não esmoreçam.

Doemos à mensagem dos nossos princípios um lar; ainda que humilde, no coração da nossa cidade.

E sirvâmo-lo.

Uma página espírita é luz no caminho.

Façamos essa claridade sublime, na senda de nossos irmãos em necessidade maiores que as nossas.

Mas façamos a obra com humildade e renúncia.

Se ataques surgirem, saibamos perdoar e compreender.

Se escárnio e perseguição aparecerem dentro do nosso esforço evangélico, procuremos abençoar.

E que a união verdadeira seja o nosso clima de cada dia, na certeza de que a bênção do Mestre nos acompanha, toda vez que nos convertamos em fiéis instrumentos de seu infinito amor.

Sobretudo, na hora presente, ajudemos nosso irmão Benedito na obra assistencial, incentivando-lhe a fibra de lutador pela vitória do bem.

A realização nos pertence.

Onde esteja a Doutrina Espírita, aí permanece a mão de Jesus chamando-nos ao trabalho.

Nesse sentido, rogo a vocês todos auxiliarem aos nossos jovens que se preparam, atualmente, para a grande reunião de fraternidade.

São eles nossos filhos do coração.

Amparemos a iniciativa em que procuram fazer o melhor.

Se possível, cooperem com a nossa irmã Therezinha, sobrecarregada de responsabilidades para atender ao movimento, ao lado dos companheiros da juventude.

Saibamos expressar a nossa confiança espírita em nossa ação incessante pelo triunfo esperado de nossa causa, que, em tudo, é a causa do Evangelho Renovador.

Guardemos, assim, esperança e lealdade, serviço e contentamento.

Não se creiam sozinhos.

Conosco, antigos pioneiros de Campinas oram nesta noite, rogando a Jesus nos ampare.

Nossos irmãos Alfaia e Sousa Ribeiro estão comigo e estendem-lhes as mãos.

Meus amigos, meus amigos, trabalhemos e trabalhemos.

Hoje, vocês desfrutem a possibilidade de semear.

Amanhã, como nós, estarão na hora de recolher.

Lembrem-se de que o velho amigo, que lhes endereça estas palavras, voltou quando menos esperava o regresso!...

E que a lembrança de nossos compromissos palpita em nossa memória, sempre mais pura.

Recebam, portanto, com esta carta despretensiosa, nascida em meu coração, o abraço do servidor e amigo de sempre,

Servílio Marrone

* * *

Por permanecer inédita em livro a belíssima página acima, de Servílio Marrone, dirigida aos espíritas de Campinas, Estado de São Paulo, que na noite de 18 de janeiro de 1960, em caravana, visitavam o médium Chico Xavier, em Uberaba, concitando-os a permanecerem em constante trabalho de renovação espiritual, humildade e renúncia, em prol dos irmãos em provações maiores do que as nossas, motivo por que resolvemos incluí-la neste volume, servindo-nos dos mesmos dados de que nos valem na organização de *Gabriel* (*), graças à gentileza do Sr. Gabriel Espejo Martinez, residente naquela progressista e culta cidade paulista.

Nasceu Servílio Marrone em Campinas, a 26 de abril de 1912, aí desencarnando, a 4 de janeiro de 1955.

Um dos baluartes do Espiritismo, na terra de Carlos Gomes, ministrava aulas de Evangelho aos jovens da Mocidade Espírita Allan Kardec, tornando-se um dos mais dedicados médiuns passistas, procurando, com desvelo, atender os enfermos incapacitados de se dirigirem ao Centro Espírita, em suas próprias casas.

Juntamente com Gustavo Zanardine Marcondes (1900-1968), um dos fundadores do Centro Espírita Allan Kardec, de que foi Secretário até o dia de seu retorno à Espiritualidade, tendo colaborado na construção do prédio próprio do referido Centro Espírita, sito à Rua Irmã Serafina, nº 674.

(*) Francisco Cândido Xavier, Elias Barbosa, Gabriel Casemiro Espejo (Espírito), *Gabriel*, IDE, Araras, SP, 1ª edição, 1982, pp. 41 e 96.

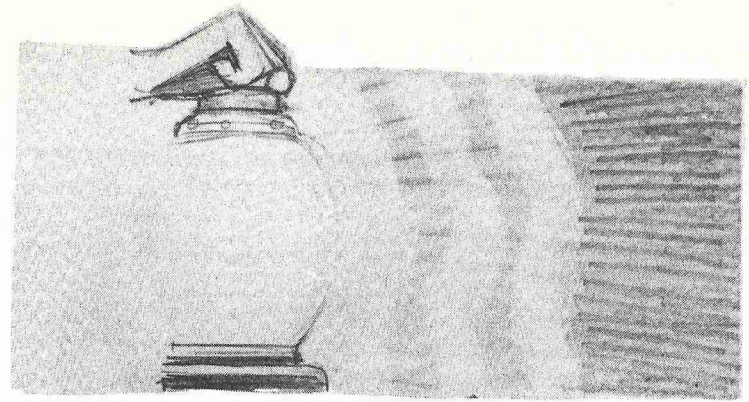
Afirmando-nos que o trabalho no bem é a nossa única diretriz; de que a Doutrina Espírita não é legenda de simples convicção, mas apelo ao serviço de nosso próprio burilamento, escola de perfeição, oficina de luta, campo de bênção; de que a maioria dos espíritas desencarnados, acusando balanço deficitário, se queixam de tempo perdido, roga aos companheiros de ideal de Campinas e a todos nós, a divulgação da Doutrina, de ânimo forte, ajudando os jovens espíritas – “nosso filhos do coração” –, os futuros dirigentes das Casas Espíritas, deixando claro que o triunfo de nossa causa, em tudo, “é a causa do Evangelho Renovador”.

Que possamos repetir-lhe estas palavras de incentivo, pelo menos mentalmente, às pessoas que partilham conosco a Seara de Luz do Espiritismo:

– *Meus amigos, meus amigos, trabalhemos e trabalhemos.*



Waldemar Vieira



19

Waldemar Vieira – MENSAGEM I

Querida Amália e queridos filhos, partilho as preces desta hora, rogando a Jesus nos abençoe.

Creio instalar-me no quadro dos pais mais felizes em observando o carinho que me dedicam à memória.

Reconheço, hoje mais do que nunca, que a morte é um despojamento de tudo o que se acredita possuir no campo exterior da vida, mas as riquezas do coração permanecem intactas.

O amor que o Pai Supremo nos deu a cultivar prossegue produzindo mais amor, infinitamente.

Agradeço por tudo.

Aniversário de renascimento, efetivamente, é uma festa.

A recuperação do corpo doente para quem se desencilha de semelhante veículo, quando estragado, merece regozijo.

Compareço aqui com os amigos a quem me entrosei para o trabalho novo em que me encontro, e a nossa união

nas lembranças mais íntimas significa em meu favor comemoração das mais ricas.

Vocês, filhos queridos, com a nossa Amália, me auxiliaram naquele dia-a-dia da liberação, à maneira de benfeitores inesquecíveis, escorando-me passo a passo, a fim de que nenhuma transformação violenta me interrompesse o desligamento calmo e gradativo do carro pesado em que transitei por aí, por tanto tempo, e ainda agora me estendem os corações e os braços para que me retorne aqui, na serenidade precisa.

Quero corresponder ao amparo que me dispensaram, e peço a Deus me conceda a felicidade de ofertar-lhes serviço na pessoa do próximo, tentando solver os meus débitos de gratidão.

De princípio, na Espiritualidade, é a recomposição da paz em família o assunto que nos torna de inesperado o coração, compelindo-nos a buscar o melhor meio para atingir esses fins.

Feito isso, registramos em nós próprios a necessidade do trabalho, de modo a nos afastarmos da inércia que, se acalentada, se transforma em aflição inútil.

Graças a Deus, apoiando-me em vocês, consegui incorporar-me à equipe de ação, na qual vamos efetuando o possível no socorro e na colaboração, a benefício dos nossos irmãos que sofrem problemas e provações maiores do que os nossos.

Nesse posto de minha renovação, nada tenho de que me queixar, porque, com mais penetração, acompanho atualmente o sofrimento de muitos companheiros da Humanidade, destacando a Bondade de Deus que nos agraciou com tantas bênçãos.

Assinalando a carência e a desventura de tantos, encontrei uma escola de transformação íntima, cujo mérito nos

atinge de tal modo, que acabamos por fazer um curso desconhecido na Terra: o curso do agradecimento, em cujas lições reconhecemos a extensão de nossas dívidas para com os outros, dívidas essas que se medem pelo tamanho dos bens que usufruímos ainda mesmo inconscientemente; peço, por isso, a vocês todos prestigiarem as oportunidades de fazer o bem possível.

Não preciso criar lições de beneficência para vocês, a esposa querida e os filhos amados que sempre foram meus professores de bondade e compreensão.

A fim de desfrutar a presença de Amália em meus novos caminhos e permanecer na vizinhança espiritual de vocês, aceitei encargos e serviços na própria gleba que me serviu de moradia e, assim, vocês podem imaginar o que vou aprendendo em nossa própria Uberaba, em cujas bênçãos sempre vivi.

Evidentemente, estou satisfeito, como não podia deixar de ser, no entanto, é preciso aproveitar estes minutos para pedir-lhes a continuidade dos diálogos construtivos com os filhos e meus netos, chamados a viver numa época bastante diversa daquela em que estive na convivência de vocês.

Os filhos situados em outras cidades, quanto possível, me auxiliem e me ouçam, também.

Não quero vestir a roupa de conselheiro religioso para comentar semelhantes preocupações.

Acontece que vocês atravessam uma época de muita insatisfação e de muito desespero, gerando violência e lutas, muitas vezes, desnecessárias.

Que a paciência e a calma estejam em nossos meninos e que a paz seja preservada, em nosso favor, quanto possível.

Digo isto porque, ligado entranhadamente à família, as

inquietações e as alegrias, as esperanças e dores de cada um dos nossos, são também minhas.

De nossa parte, o nosso grupo de ação está firme e pronto à colaboração, em auxílio a todos, quanto se nos faça possível.

Agradeço à Wállia e à Vitória por terem vindo às nossas preces.

O nosso prezado Edmundo está presente e comunica à nossa Vitória que vem trabalhando com dedicação no auxílio aos outros, a fim de escrever-lhe, oportunamente, uma carta de muito carinho, através da qual não pareça unicamente um namorado fazendo serenata para a companheira, e sim também na posição de um colega de serviço, serviço esse no qual procura ele, presentemente, ombrear com ela nos mesmos propósitos de servir aos necessitados e de iluminar-se espiritualmente.

Agradeço muito ao Eurípedes e ao Mainho por todas as lembranças que me dirigem.

Reconheço que possa ainda tão pouco, mas sempre que nos solicitarem concurso fraterno, conservem a certeza de que estaremos no quadro de ação em que estiverem.

Querida Amália, compreendo todas as dificuldades espirituais que os nossos filhos, em diversos setores, atualmente atravessam.

E creia que lhe compartilho do único instrumento de que dispomos a fim de auxiliá-los: — a oração —, com a qual pedimos a Jesus os inspire e os abençoe.

Todos os filhos e netos supostos ausentes aqui, se encontram conosco pela imagem, e agradeço a todos, inclusive às noras e aos genros, pelo apoio incessante que nos oferecem.

Muitos amigos, além do Carvalho, do Maciel e do Odi-

lon, estão conosco e todos lhes deixam muito carinho e agradecimentos.

Querida Amália, não se sinta abatida ou triste.

Permanecemos juntos como sempre.

Agradeço a você e aos filhos queridos a determinação de conservarmos esta casa sob a sua direção, porque isso me faz muito bem, reconhecendo que o seu coração é o ponto de reencontro para todos os nossos familiares.

Deus os abençoe a todos.

Os nosso queridos pais Miguel e Dona Maria estão aqui.

O meu pai João Lício, igualmente.

A mamãe, no entanto, está velando pelo Walfredo, ainda em luta para retornar-se totalmente.

A irmã Olinda deixa-lhes muito carinho.

Registro os meus agradecimentos aos amigos que oram conosco; são companheiros de jornada que prezo com todo o meu coração reconhecido.

Amália, mais uma vez, peço a sua tranqüilidade e o seu bom ânimo.

A vida pede esperança e otimismo, porque, apesar dos espinhos e das provações que marcam as estradas da Terra, as bênçãos de Deus, em nosso auxílio, nunca falham.

A cada filho, deixo o meu carinho e o meu reconhecimento de pai.

Deus nos proteja a todos.

Agora, para terminar, ainda é com a nossa querida Amália o meu principal assunto.

O aspirante a poeta não morreu em meu íntimo e o noivo de outros tempos ainda consegue imaginar galanteios para a escolhida que ama tanto.

Receba, pois, Amália querida, esta simples lembrança, formada de palavras e sentimentos, e impregnada de muito amor.

*Se guardasse em minhas mãos
A luz da Força Divina,
Mandava fazer estrelas
Dos olhos desta menina.*

*Adorei muitas Marias,
Entre passeios e bodas;
No entanto, a menina Amália
Ficou por cima de todas.*

*Ela é meu sonho e meu pão,
Minha luz e minha prece;
Jamais consigo esquecê-la,
Ainda mesmo que eu quisesse.*

*Gosto muito de meus filhos
Com eles, Wália e Laís,
Porém, é junto de Amália
Que me vejo mais feliz.*

*Quem é que diz que morri,
Se mais vivo me apresento?
Estando perto de Amália,
Tenho o Céu no pensamento.*

*Sou muito grato a Jesus
Na sorte a que me destina,
Pois sou o feliz escravo
Dos olhos desta menina.*

Por aqui, estou no ponto final.

Nada tenho a pedir, porque só me cabe agradecer a felicidade que recebo.

Ainda assim, se posso registrar uma solicitação com o mais alto bom humor, rogo ao nosso Eurípedes para que me arranje uns lápis melhores da próxima vez.

Custei a manejar estes palitos grossos que nada querem com escrita e papel.

Amália querida, para você, para os filhos queridos, para os queridos netos e para todos os nossos amigos, os agradecimentos a todos, deixando aqui, especialmente para você, muitos beijos do seu, sempre seu

Waldemar

MENSAGEM II

Querida Amália e queridos filhos, peço ao Senhor nos abençoe.

Comove-me o silêncio na prece de vocês, lembrando o amigo e pai, hoje como sempre, o servidor reconhecido.

Sinto-me, através da memória, à maneira de uma figura reintegrada na moldura de que já se desvencilhou, há bastante tempo.

Observo, porém, que o amor é invariável e que estamos todos num diálogo de família, lastimando, de minha parte, seja eu – o dono aparente de monólogo escrito, sem possibilidade de entrosá-los em nossa conversação.

Ainda assim, é indispensável reconhecer que existem leis e princípios a que somos impelidos a acatar e vou conversando...

Amália, muito grato por toda a sua dedicação.

A estrutura deste quarto, em que oramos, sem maiores alterações, é o símbolo de seu devotamento de Esposa e

Companheira, mantendo o ambiente espiritual dos dias últimos em que experimentei a fase terminal de minha travessia da vida física, de modo a retomar-me em outro nível.

Filhos queridos, falar-lhes ao coração, qual desejaria, é algo impraticável para mim.

O tempo avançou sobre as estradas que nos cabiam trilhar, os netos queridos se nos fizeram associados na firma de ordem familiar e compreendo que não me compete outra linguagem senão aquela do amigo e do irmão, de partilha com o trabalho que escolheram nos encargos que desempenham com o melhor que se lhes faz possível oferecer ao contexto das obrigações, em que se instalam.

Pelos fios do pensamento o nosso Walmir, João, Laius e as filhas queridas estão presentes à nossa reunião de paz e amor.

O Waldir, o Eurípedes e o Mainho fazem a representação geral e rejubilo-me com a nossa Amália por vê-los bem dispostos e atentos no campo das responsabilidades a que se ajustam.

À medida que os dias se desdobram aqui, na Vida Espiritual, reconhecemos que o entendimento se nos amplia constantemente e por isso sentimos-nos mais companheiros do caminho do que parentes pela consangüinidade, com o propósito de opinar nesse ou naquele campo de luta.

Para que não venhamos a solenizar demasiado o nosso reencontro, recordemos, Amália e eu, do tempo em que os tínhamos na condição de crianças com a disposição de decretar repreensões e conselhos ásperos, em horas difíceis...

Conforme observam, todos cresceram e provavelmente, somos agora, Amália e eu, os meninos que lhes recorrem aos pareceres e avisos para acertarmos com o rumo desejável nas veredas do mundo que se vão complicando, de certo, para nosso benefício geral.

Se aguardam do companheiro paternal determinados lembretes, não se aflijam por isso.

Não tenho novidades a relacionar e se lhes posso pedir algo de novo, tomo a liberdade de solicitar-lhes para que não me aceitem por modelo a seguir, de vez que conheço de sobra as dificuldades para harmonizarmos na Terra, teoria e ação, ensinamento e prática.

Prossigam adiante com a nobreza de intenções que lhes anoto, a cada passo, e procuremos nós todos em questões de relacionamento, o cultivo daquele tato fraterno que nos imuniza contra muitas calamidades individuais.

Caminhar sempre fazendo o melhor que pudermos, sem nos esquecermos da nossa condição de humanidade sujeita a erros e enfermos que terminam por lições valiosas em nosso proveito.

Por qui, não temos grande diferença no padrão de vivência e luta.

Sem dúvida, que certas transformações nos colhem de surpresa, impondo-nos certas alterações que os nossos mentores da Vida Maior nos auxiliam a conduzir para o bem, mas é preciso registrar que o nosso espanto máximo (pelo menos isso se deu comigo), o nosso espanto máximo é o reencontro conosco, nas mesmas características de personalidade que nos identificavam no mundo.

Antigamente, indagava de mim próprio, por que motivo os mensageiros espirituais nos falavam tão repetidamente e tão alto da necessidade de trabalho e de renovação íntima.

Aqui, felizmente, reconheci para logo que trazemos para o Mais Além aquilo que somos e o que fizemos de nós.

E em meu caso, o que mais me doeu é que não pude formular qualquer racionalização, com respeito ao tempo, de vez que muito tempo me foi concedido para realizar o que devia.

Não me vejam aqui esnobando humildade ou modéstia que ainda não adquiri.

Expresso-me, ao modo de um viajante que alinha as próprias notícias, para os entes amados, sem qualquer inclinação à fantasia.

Sei que vocês todos são criaturas de ação, à frente das realidades da vida, no entanto, quanto se lhes faça possível, cobrem de vocês mais serviço e mais ajustamento aos princípios que abraçamos.

Isso é importante.

Quanto ao mais, vivam a existência humana, sem se violentarem, a não ser no culto da disciplina, ante os compromissos assumidos.

Agradeço a vocês todos quanto fazem pela tranqüilidade de nossa Amália, que encontra em vocês e em nossas filhas a continuidade de nossa convivência a dois, repentinamente modificada por força da desencarnação, que me trouxe a outros quadros e experiências.

Tenho seguido todos os eventos familiares e felicito carinhosamente as noras, filhas que o Senhor nos concedeu.

Os netos seguem orientação sadia e, quanto puderem, não lhes sonquem as conversações sobre a fé, porquanto, se o progresso material está alcançando culminâncias, o progresso por dentro de nós se marca por extrema lentidão e a verdade é que todos nós, no mundo físico, seremos testados em desafios diversos à nossa capacidade de crer, servir, trabalhar e esperar.

Acompanho o nosso caro Eduardo no retorno à Espiritualidade Maior, e não preciso dizer que ele vem merecendo atenções e cuidados especiais, segundo os méritos por ele mesmo adquiridos.

A nossa Laís tem sido forte, mas precisa reconstituir as próprias energias combatidas com a modificação havida,

quando e quanto possível; digam a ela que não seria justo prolongar tratamentos e constrangimentos físicos inúteis para o nosso irmão que voltou.

Foi concedido a ele o melhor no que se refere às medidas de liberação do Plano Físico e, em breve esperamos esteja ele retomando a posição de amigo e companheiro na sustentação do lar.

Compreendo que o nosso caro Waldir está presente-mente sob a imposição de encargos diversos e, sem dúvida, seria compreensível nos alongássemos quanto à complexidade dos deveres em cujo centro foi situado pelas circunstâncias.

Entretanto, meu filho, conserve a riqueza da sua consciência tranqüila, no campo dos problemas a que se vê quase que incessantemente chamado, e sigamos para frente; em matéria de ideais político-sociais, de nossa parte, unicamente percebemos que as questões do mundo em transição se fazem enigmas de decifração muito difícil, e não nos sentimos inclinados a transitar nesse terreno escorregadio, que ainda faz parte do trabalho de todos vocês, que prosseguem nas atividades a que a Providência Divina os vinculou, transitariamente na Terra.

Toda discrição é necessária e toda serenidade se nos torna precisa, a fim de marcharmos no trote dos dias, sem maiores atropelos.

Ignoro se, na condição de desencarnados, somos figurações ausentes do carteadado de proposições e provações da Terra ou se somos pessoas que se viram repentinamente sob um regime de auto-censura, difícil de descrever.

Por isso, contentamo-nos em pedir-lhes calma e paciência na viagem do mundo, à maneira de motoristas ou pedestres constantemente atentos aos sinais do trânsito.

O próprio trânsito é uma escola, e sei que vocês não se esquecem disso.

A nossa Vitória vem recebendo assistência especial do nosso prezado Edmundo, presente em nossa reunião, e esperamos que ela própria continue agindo em nosso auxílio, para que se nos faça possível auxiliá-la.

Convém não aceitar entrevistas com tristezas e apreensões que acabam somando angústia desnecessária.

Isso é uma observação válida para nós todos.

Agradeço a presença de nossas queridas filhas pelo coração, Rosa e Regina, tanto quanto a atenção carinhosa de nossas irmãs Dinah, Norma, Dagmar, Zilda e quantos corações amigos se nos associam, especialmente com a nossa Amália nas preces desta noite.

A Patrícia fica sendo a representante do nosso novo mundo para o qual estamos caminhando a passos rápidos.

Não devo e nem posso esquecer a gentileza do amigo que se tornou um companheiro valioso de trabalho para o nosso Waldir.

Quanto ao mais, perdoem-me nas omissões.

A citação de nomes, às vezes, é um embarço forte para quem deseja ser simples tanto quanto possível.

Lá me vem ao pensamento a presença do nosso amigo Weaker, que não posso me furtar ao prazer de mencionar, tanto quanto os amigos Celso Meirelles e estimada esposa, que nos compartilham do entendimento amigo desta noite.

Em nossa companhia, estão muitos amigos, incluindo o nosso caro João Lício; o nosso devotado Bembem, o Terêncio, o Odilon, o David, o Telésforo, o Lóes, e os nossos queridos amigos Miguel e Dona Maria, a nossa irmã Olinda; a irmã Francisca, sempre dedicada às tarefas de nossa estimada Rosa; o nosso Edmundo com a irmã que acompanham Vitória com muito desvelo na presente fase de recuperação, e amigos outros, companheiros que dividem conosco o reconforto da oração.

E agora, Dona Amália, qual será o nosso assunto mais indicado?

Já sei que deixamos o mundo de lado para refletir em nosso amor, sempre amor.

Nos seus momentos de meditação, não se veja sozinha.

Apesar dos irmãos infelizes que nos penetraram a casa, quando de sua ligeira ausência por necessidades familiares, saiba que estou presente, salvaguardando, quanto possível, os nossos pertences e lembranças domésticas.

Não perca tempo com apreensões e saibamos viver com esperança e otimismo, confiança e alegria.

Não posso desenhar letras e mais letras que me exponham os sentimentos e, por isso, filhos queridos e amigos abençoados, com as minhas expressões de carinho para a nossa querida Amália, terminarei este meu relatório afetivo.

Creiam-me vivo e observem que, apesar das recordações em família, admito que falei o mínimo acerca da entidade imaginária a que emprestamos o nome de morte, estamos todos em plena vida e peço ao Senhor nos mantenha a todos unidos nos mesmos laços de confiança recíproca.

Agora, vejamos se posso impor alguma recessão ao movimento do lápis, de vez que me proponho a terminar esta carta com o carinho que a nossa querida Amália nos merece.

No desejo de exaltar
A minha Amália querida,
Quero dizer que ela é sempre
A força de minha vida.

Os nossos filhos e netos
São vasos de luz e ouro;
No entanto, Amália, você
será sempre o meu tesouro.

*Vejo os céus brilhando ao longe,
E conto estrelas aos molhos,
Mas a luz de meu caminho
É a menina de meus olhos.*

*Querida Amália, em seu querido coração os meus
agradecimentos a todos os nossos.*

Muitas lembranças à Lais e Wállia.

*E receba, querida companheira, todo o carinho e toda
a gratidão do Esposo e Amigo, companheiro e servidor sem-
pre seu,*

Waldemar

MENSAGEM III

Querida Amália e queridos filhos, Deus nos abençoe.

Estamos juntos como sempre.

*As histórias da desencarnação entram igualmente na
rotina.*

*Uma rotina construtiva porquanto está sempre repleta
de serviço para os que estimam trabalhar.*

*Para os que fogem de servir, as diferenças não exis-
tem.*

*Para esses companheiros, tanto vale a existência
quase irresponsável no corpo físico, a que nos habituamos no
mundo, quanto a continuidade da vida por aqui, onde se nos
apuram a sensibilidade e a compreensão.*

*Mas estamos reunidos para construir e não nos será
lícito perder o fio de nossas considerações, em nosso culto
doméstico da oração.*

Tenho estado sempre com os familiares, especialmen-

*te com a nossa Amália, cooperando, quanto se me faz pos-
sível, para que a harmonia nos presida as manifestações.*

Estou firme.

*Ampliei nestes tempos últimos a minha faixa de en-
tendimento, mas não perdi o gosto pelas observações leves,
nas quais a ironia pode parecer presente.*

*Entretanto, a ironia não está, como nunca estive, em
minhas intenções.*

*Desejo, por isso, destacar que, não obstante os pro-
gressos evidentes da Medicina, a natureza segue com os
seus processos inexoráveis de mutação.*

*A Regina, a Fátima, a Patrícia, a Míriam estão aí re-
presentando a fase primaveril da existência, mas nós outros,
já caminhamos adiante no rumo de outras estações.*

*Ver a Patrícia de ontem e a de hoje, será espantar-nos
com a beleza da vida.*

*Pequenina, em nossos braços, ainda ontem, hoje re-
tomou a posição devida às jovens que se candidatam para
os concursos de beleza.*

É isso mesmo.

Tudo, no entanto, vai se transfigurando.

*A nossa querida Amália e a nossa estimada Vitória,
estão presentemente na fase das terapêuticas.*

*Terapêutica para conservar a normalidade orgânica,
terapêutica para viver em paz com o próprio corpo, e os dias
vão seguindo...*

*Isso pode facultar-lhes a medida de minhas próprias
mudanças.*

*Posso freqüentar cursos de rejuvenescimento e clíni-
cas de reajuste mental, entretanto, não desejo parecer al-
guém competindo nos concursos de vitalidade, porque não*

quero ser moço sem Amália ao meu lado, e já que precisamos dela em vida longa ao lado de vocês, na condição de nossa orientadora em família, tanto quanto na comunidade que é nossa, creio que será indispensável a minha decisão de continuar "Waldemar envelhecendo"...

Notem que isso é amor, mesmo, porém, Amália mere-
ce.

A querida companheira tem vivido em função de nos-
sa felicidade e por muitas sejam aqui, na Vida Espiritual, as
minhas abstenções de certas vantagens, isso nada represen-
ta em confronto com a renúncia total que a nossa querida
Amália tem vivido e está vivendo, apoiando-nos a existência
e o próprio bem-estar.

Ocorre o mesmo com os filhos amigos, em matéria de
ação, de vez que, sempre que isso se me faz possível, eis-
me ao lado de cada um, com os amigos de que me possa
valer para colaborar com vocês, nos setores de atividade pro-
fissional a que se dedicam.

Eurípedes, Mainho, Valmir, Waldir e os outros todos,
incluindo as filhas queridas, são laços que me prendem ao
cotidiano da Terra, aliás, sem qualquer sacrifício, porque pais
e mães do mundo não se desvencilham facilmente desse
apego compreensível a que nos vinculamos, depois de atra-
vessar a barreira da Grande Mudança.

Vocês me perdoarão se é assim, no entanto, não po-
deria ser de outro modo.

O espírito de seqüência rege a vida e não seria justo
que nos desligássemos da família com a indiferença da to-
mada de força elétrica.

Deus nos criou para amar-nos uns aos outros, e se-
gundo creio para amar-nos muito mais profundamente, quan-
do estejamos ligados aos compromissos do lar.

Desse modo, querida Amália, conforme você mesma

pode observar, as forças da afetividade prosseguem atuando
em nós, por aqui, com inimaginável poder.

Agradeço a todos os filhos as alegrias que me propor-
cionam, especialmente, no capítulo da sustentação de suas
energias para a manutenção de nosso comboio doméstico.

Graças a Deus, os filhos nos querem bem e são todos
companheiros incondicionais de nossa tranqüilidade possível.

Peço mesmo aos nossos médicos velarem por sua
saúde e pela saúde de nossa Vitória, que vem atravessando
o rio das dificuldades orgânicas, para um reajustamento inte-
gral.

O nosso Edmundo tem feito quanto se lhe faz possí-
vel, a fim de vê-la de ânimo fortalecido, e com a alegria re-
cuperada, de forma integral, para viver tão feliz quanto tem
sido.

Solicitamos de nossa Vitória a certeza de que não
existem obstáculos permanentes e chegará o instante em
que seremos surpreendidos com a felicidade de tê-la conosco,
tão otimista como sempre foi.

Compreendo muitos dos entraves de que vocês são
vítimas, na atualidade.

Ao que me parece, a Terra vem passando por tremen-
do arrocho em todas as classes e em todas as situações de
vivência e convivência.

Acompanhamos a luta a que todos os amigos se re-
conhecem atirados, e pedimos a Deus para que vocês todos
saibam enfrentar sem queixas desnecessárias, os problemas
da chamada recessão.

Tem-se a impressão de que todas as pessoas foram
intimidadas no mundo de agora, a fazer mais com o menos e,
nessa difícil operação, é muito difícil conservar a paz com a
onda crescente dos preços e das exigências, sempre mais
constrangedoras para a vida de todos.

Enfim, os obstáculos são nossos e precisamos entesourar forças, a fim de superá-los com paciência e valor.

Nossos esforços se conjugam e prosseguimos unidos para facear os quadros que vão surgindo à nossa frente.

A nossa Vitória apresenta melhoras apreciáveis e a nossa Amália tem sabido vencer os azaques e seguir, adiante, com a firmeza de convicções que lhe conhecemos.

Com os amigos Odilon, Maciel e Carvalho vamos agindo e procurando servir na área de realizações que nos foi confiada, e estamos tranquilos, na boa luta, por uma vida melhor para os nossos descendentes e companheiros da experiência comum.

Felizmente, comparecemos unidos onde somos convidados a colaborar, e isso representa muita alegria em cada um de nós.

Dos nossos, por aqui, as notícias são razoáveis.

Não preciso falar da dedicação de meus sogros amigos.

Quero apenas dizer-lhes que o nosso Walfredo tem estado sob a direção de nosso pai João Lício, que o nosso Eduardo vem refazendo energias e o que mais me impressiona nessa matéria de assistência entre os chamados mortos e os chamados vivos, é que se meu pai está consagrado às melhoras do Walfredo, aqui na Espiritualidade, a Mãezinha Nenê se desvela com carinho igual em favor de nosso Odilon, ainda no mundo.

Ambos os irmãos revelam características quase idênticas.

O nosso Walfredo ainda pensa em regime de penumbra, do Além para a Terra, e o nosso Odilon reflete quase que no mesmo regime de penumbra, do Plano Físico para cá.

Conclusão: muita gente, ainda no mundo, está na si-

tuação dos desencarnados que anseiam pela bênção do discernimento em si mesmos.

E nada se pode fazer senão entregarmos todos à proteção da Divina Bondade, porque onde o tempo é o fator principal, para as melhoras de cada um de nós, a luta é esta e não dá outra.

Agradecemos a vocês pelas lembranças dos nossos Outubros e Janeiros, os tópicos do calendário que mais alto nos falam ao coração de nossa Amália e a mim mesmo.

Sigamos tão unidos para a frente, como se nos faça possível.

Estamos com o Valmir em Bauru, tanto quanto com o nosso Waldir em Belo Horizonte, e com os demais nos pontos de serviço a que se acolhem.

Nesse sentido, estivemos com os nosso queridos Eurípedes e Regina, em Camp Chesterfield e nos demais setores da passagem dos dois, através da América.

Vocês não avaliam o que seja a barreira dos idiomas.

Na América, percebi isto com clareza, porque não pude conversar com os amigos espirituais, senão por alguns lances de telepatias.

Pronunciar nomes é um ajuste quase impossível.

Muita gente acredita que a morte nos fornece diplomas de "vida sabe tudo", mas não é assim.

Qualquer conquista cultural há de ser trabalhada e sofrida pelos que a desejarem possuir.

Mas, felizmente, tudo passou e o meu nome, silabado como numa cartilha do nosso Mobral, pôde ser sonorizado como esperava.

Vocês todos cuidem da saúde de vocês mesmos.

Nada de brechas.

Grandes males entram por frestas pequeninas e necessitamos aprender isso.

Espero que vocês não estejam interessados em minhas opiniões sobre o Brasil.

A Nação está doente e todos devemos algo fazer, a fim de reestruturar-lhe as energias.

Não sendo políticos, o terreno não nos diz respeito, e assim, sabemos pensar com acerto, formulando preces pelo bem geral.

E, por referir-nos às preces, excetuando Amália que está comigo nas meditações e orações permanentes, noto que vocês poderiam emprestar mais tempo ao cultivo da prece, em favor de vocês mesmos, entretanto, sou eu mesmo a reconhecer que para vocês, na atualidade, isso não é tão fácil.

Em todo caso, é útil recordar que um dia de mais oração aparece sempre a requisitar-nos calma e coragem e se cultivamos essa bênção com mais regularidade, ela funcionará mais eficientemente, quando precisarmos dela, em problemas especiais.

Ainda assim, nada tenho a observar.

Vocês vivam como melhor lhes pareça.

Isso é o que está certo.

Agradeço a presença de nossa estimada amiga e irmã Dona Odete, companheira dedicada no jardim de nossa amizade.

E vou terminar, consagrando à querida Amália, algumas notas para não perder o costume.

À minha querida Amália:

Depois de muito lutar,

Eis a verdade a que chego,

Desde o momento em que a vi.

*Nunca mais tive sossego.
A razão de tanto afeto,
Eu mesmo não sei porque,
Pois servindo ou descansando,
Não me esqueço de você.*

*Você é a minha cachaça,
Na Terra e no Mais Além...
Quanto mais o tempo passa,
Mais amo a você, meu bem.*

Antes do ponto final, o nosso pensamento em nossa Laís para dizer-lhe que o Eduardo está convalescendo... sempre melhorando.

E lembranças a todos.

Quem faz o que pode a mais não é obrigado.

Fico aqui, com muito carinho aos filhos e netos, noras-filhas e filhos-genros, deixando para a nossa querida Amália o coração inteiro do seu

Waldemar

Waldemar

Waldemar

Waldemar

Co-autor espiritual do livro *Quem São* – págs. 28-54 –, Sr. Waldemar Vieira nasceu em Campos, Estado do Rio de Janeiro, a 8 de janeiro de 1898, e desencarnou em Uberaba, a 18 de outubro de 1977, em consequência de um acidente vascular cerebral, seis anos antes, e fratura de fêmur, sete meses antes de retornar à Pátria Verdadeira.

Entusiasta da Eletrônica, foi um dos fundadores da

PRE-5 – Rádio Sociedade do Triângulo Mineiro e da Escola Técnica de Comércio José Bonifácio, espírita convicto e médium passista dos mais dedicados.

Casado, em segundas núpcias, com D. Amália Tahan Vieira, residente em Uberaba, à Rua Senador Pena, 42, fone: 332-1731.

Mensagem I, recebida a 19 de outubro de 1980.

A tônica é a mesma das páginas anteriores – um Espírito ligado entranhadamente à família, integrante da Legião dos Obreiros do Bem, volta a pedir à esposa – D. Amália – para continuar firme na sustentação do lar, abençoando os filhos, genros, noras e netos, e reafirmando que o trabalho, até o limite de nossas forças, nos afasta da inércia que, se acalentada, se transforma em aflição inútil.

Refere-se ao novo curso, desconhecido na Terra, que acabou por fazer, o do agradecimento, por verificar, na prática, que *Fora da Caridade não há salvação*.

Explica, mais uma vez, a razão pela qual optou pela situação de *pai-perto*.

Não pretendendo envergar a roupa de conselheiro religioso, reconhece que nós, aqui no plano da matéria densa, atravessamos uma época de muita insatisfação e de muito desespero, rogando-nos paciência e calma.

1 - *Wália, Vitória e Edmundo*: a) Sra. Wália Vieira Bastos, filha, casada com o Dr. José Francisco Bastos Silva, Delegado Seccional, em Araraquara, Estado de São Paulo;

b) Sra. Vitória Tahan Mendes, irmã de D. Amália, residente em Uberaba;

c) Sr. Edmundo Mendes, marido de D. Vitória, nascido

e desencarnado em Uberaba, respectivamente, a 20 de fevereiro de 1905 e 14 de junho de 1970, um dos participantes de *Horas de Luz* – págs. 42-52.

2 - *Eurípedes e Mainho*: a) Dr. Eurípedes Tahan Vieira, Cirurgião Geral e Gastrenterologista de renome internacional, professor da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, de Uberaba, e médico assistente do médium Chico Xavier;

b) Dr. Waldemar Vieira Júnior, distinto cirurgião plástico e professor universitário, residente em Cuiabá, Estado do Mato Grosso.

Sobre o *Mainho*, lembramos ao prezado leitor que nas duas mensagens que se encontram em *Quem São*, o Espírito grafou *Main*, conforme pudemos constatar nos próprios originais mediúnicos, e só na mensagem acima, a terceira, *Mainho*.

A nosso ver, este é um ponto alto de autenticidade, porque somente ele – Sr. Waldemar –, quando no mundo, tinha esse costume de chamar o filho, ora de um, ora de outro modo.

*

3 - *Carvalho, Maciel e Odilon*: a) David de Carvalho, nascido em Redinha, Portugal, a 27 de janeiro de 1899, e desencarnado em Uberaba, a 13 de setembro de 1965, farmacêutico;

b) Francisco Maciel nasceu e desencarnou em Uberaba, respectivamente, a 8 de abril de 1900 e 10 de janeiro de 1971, comerciante, ex-Juiz de Paz e Avaliador do Banco do Brasil S.A.;

c) Dr. Odilon Fernandes nasceu em São João de Capivari, Estado de São Paulo, a 10 de outubro de 1903, desencarnando em Guarulhos, SP, a 13 de janeiro de 1973, ci-

rurgião-dentista, professor universitário, médium espírita de efeitos físicos e fundador do Centro Espírita – Casa do Cinza –, de Uberaba, em homenagem ao pai, Sr. Ludovice Fernandes (Cinza).

4 - *Miguel; Dona Maria; João Lício; Walfredo e Olinda*: a) Sr. Ragueb Tahan, conhecido por Miguel, pai de D. Amália, nascido na Sória, e desencarnado em Uberaba, a 26 de abril de 1955;

b) Dona Maria Tahan, senhora mãe de D. Amália, nascida também na Sória, e desencarnada em Uberaba, a 30 de janeiro de 1956;

c) João Lício Vieira, pai do comunicante, nasceu em Iguape, Estado de São Paulo, e desencarnou em Uberaba, a 28 de dezembro de 1917, ex-chefe do Telégrafo, dos mais respeitados;

d) pela primeira vez, presta o Sr. Waldemar informes sobre o seu irmão Walfredo Vieira, que nasceu em Macaé, Estado do Rio de Janeiro, a 8 de maio de 1900 e desencarnou em Uberaba, a 4 de maio de 1980, e sobre a sua cunhada, irmã de D. Amália,

e) Sra. Olinda Tahan Engrácia de Oliveira, que nasceu em Santos, Estado de São Paulo, a 6 de novembro de 1904, desencarnando a 19 de maio de 1977, em Ribeirão Preto, SP.

Depois de rogar, mais uma vez, à D. Amália, a sua tranqüilidade e o seu bom ânimo, já que a vida pede esperança e otimismo, enfatizando que as bênçãos de Deus, em nosso auxílio, nunca falham, o poeta autêntico de hoje e noivo de outros tempos, consegue imaginar galanteios para a escolhida que tanto ama, vazados em bellissimo poema de versos setissílabos.

Finalmente, a pitada do mais alto bom humor, desti-

destinada ao filho Eurípedes, encerrando a mensagem que tantos esclarecimentos nos trouxe, reafirmando, de forma categórica, que a vida continua além do túmulo.

* * *

Mensagem II, recebida a 24 de outubro de 1982.

1 - *Walmir, João, Laius*: a) Dr. Walmir Tahan Vieira, cirurgião-dentista e professor universitário, residente em Uberlândia, Minas;

b) João Lício Vieira Neto, residente em São Paulo, Capital, distinto funcionário da Philips;

c) Laius Fernandes Vieira, também residente na Capital Bandeirante.

*

2 - *Waldir*: Dr. Waldir Vieira, Procurador Geral da Justiça em Minas Gerais e professor universitário, residente em Belo Horizonte.

*

3 - *Eduardo e Laís*: a) Eduardo Tahan, genro e cunhado do comunicante, desencarnado em São Paulo, Capital, a 10 de outubro de 1982;

b) Sra. Laís Vieira Tahan, esposa de Eduardo Tahan, residente na Capital Paulista, filha do Sr. Waldemar Vieira.

*

4 - *Rosa e Regina; Dinah; Norma; Dagmar; Zilda e Patrícia*:

a) Sra. Rosa Vieira, esposa do Dr. Waldir Vieira, residente em Belo Horizonte;

- b) Sra. Regina Gonçalves Vieira, esposa do Dr. Eurfpedes Tahan Vieira, residente em Uberaba;
- c) Sra. Dinah Rezende Gonçalves, sogra do Dr. Eurfpedes Tahan Vieira e mãe de D. Regina;
- c) Sra. Norma Soares, residente em Belo Horizonte;
- d) Dagmar Aguilhera, residente em Jardinópolis, SP;
- e) Zilda Batista, distinta poetisa, esposa do Sr. Weaker Batista, residente em Uberaba;
- f) Patrícia Vieira, neta, filha do Dr. Eurfpedes Tahan Vieira e de D. Regina.

*

5 - *Weaker; Celso Meirelles; Bembém; Terêncio; Telésforo; Lóes; Francisca; e Rosa:* a) Sr. Weaker Batista, dedicado seareiro do Grupo Espírita da Prece, ao lado do médium Francisco Cândido Xavier;

b) Celso Meirelles, agrônomo de São Paulo, esposo de D. Maria Eunice;

c) Bembém – Alcemiro José Alves –, pai de D. Dinah e avô de D. Regina, tendo desencarnado no mesmo dia em que partiu para a Espiritualidade o Sr. Waldemar Vieira – 18 de outubro de 1977.

d) Terêncio, Sr. Orlando Nascimento;

e) Telésforo, ex-oficial de Justiça da cidade do Prata, Minas;

f) José Lóes Segundo, grande amigo do comunicante;

g) D. Francisca, avó de D. Rosa, esposa do Dr. Waldir Vieira;

h) D. Rosa Vieira, esposa do Dr. Waldir, residente em Belo Horizonte.

* * *

Mensagem III, recebida a 30 de outubro de 1983.

1 - *Regina; Fátima; Patrícia e Miriam:* netas do comunicante.

*

2 - *"O nosso Walfredo ainda pensa em regime de penumbra, do Além para a Terra, e o nosso Odilon reflete quase que no mesmo regime de penumbra, do Plano Físico para cá. / Conclusão: muita gente, ainda no mundo, está na situação dos desencarnados que anseiam pela bênção do discernimento em si mesmos."*: Sr. Odilon Vieira, irmão do Sr. Waldemar, nascido a 8 de julho de 1902 e desencarnado em Uberaba, a 26 de março de 1986, debaixo de acentuado processo de arteriosclerose cerebral.

Importantíssimo este passo, que nos alerta quanto à necessidade do cultivo do espírito, através da prática infatigável do bem, e ao imperativo de vivenciarmos o "orai e vigiai", enquanto estamos a caminho.

*

3 - *"Nesse sentido, estivemos com os nossos queridos Eurfpedes e Regina, em Camp Chesterfield e nos demais setores da passagem dos dois, através da América. / Vocês não avaliam o que seja a barreira dos idiomas. / Na América, percebi isto com clareza, porque não pude conversar com os amigos espirituais, senão por alguns lances de telepatia. / Pronunciar nomes é um ajuste quase impossível. / Muita gente acredita que a morte nos fornece diplomas de "vida sabe tudo", mas não é assim. / Qualquer conquista cultural há de ser trabalhada e sofrida pelos que a desejarem possuir. / Mas, felizmente, tudo passou e o meu nome, silabado como numa cartilha do nosso Mobral, pôde ser sonoriçado como esperava."*: Com efeito, não somente o Dr. Eurfpedes

pedes Tahan Vieira nos confirmou, pessoalmente, este trecho, mas sua esposa, D. Regina, fez questão de nos fornecer, por escrito, um depoimento sobre o assunto, tão impressionada ficou, naquela noite, no Chesterfield Spiritualist Center, no Estado de Indiana, depois de terem – ela e Dr. Eurfpedes – se avistado com o Sr. Salim Haddad, fundador do Christian Spirit Center (P.O. Box 114, Elon College, N.C. 27244, U.S.A.), que, em 1986, editou o *Nosso Lar*, de André Luiz, através do médium Francisco Cândido Xavier, em inglês – *The Astral City – The story of a doctor's odyssey in the Spirit World*.

Sugerindo ao leitor percorrer as páginas 97-104 do *Anuário Espírita 1964* (Ano I, Nº 1, 1964, IDE, Araras, SP), onde há excelente reportagem de Maria Aparecida Pimentel Gonçalves, intitulada “Chesterfield Spiritualist Camp”, transcrevamos o sucinto depoimento de D. Regina:

“No mês de julho de 1983, foi realizada a sessão espírita mencionada pelo meu sogro, Sr. Waldemar Vieira, onde, através de voz direta, meu sogro se comunicou comigo.

Realmente, as dificuldades relatadas pelo Sr. Waldemar, no que diz respeito à barreira da linguagem, foram por mim constatadas.

(a) *Regina H.G. Vieira.*”

*

4 - “Espero que vocês não estejam interessados em minhas opiniões sobre o Brasil. / A Nação está doente e todos devemos algo fazer, a fim de reestruturar-lhe as energias. / Não sendo políticos, o terreno não nos diz respeito, e assim, sabemos pensar com acerto, formulando preces pelo bem geral.”: Lembrete dos mais oportunos para todos nós que, apesar de já termos lido e compreendido o *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, do Espírito de Humberto

de Campos, através do médium Francisco Cândido Xavier, onde tomamos conhecimento dos destinos do Brasil, depois que o Divino Mestre transplantou da Palestina para a região do Cruzeiro a árvore magnânima do seu Evangelho, e que Ismael, Espírito de Luz, recebeu das mãos compassivas do Senhor o lábaro que o transformou em zelador dos patrimônios imortais do nosso País, ao invés de oramos, não somente nos Centros Espíritas, mas em nossos redutos domésticos, durante os Cultos de Evangelho no Lar, pelos que detêm as rédeas do Governo, às vezes, com frequência, entramos nas faixas da crítica destrutiva.

Que possamos, pois, orar pelos que nos governam, já que sabemos, através da Doutrina abençoada que esposamos, que a Lei do Merecimento, por ser natural, é uma realidade a que não podemos fugir.

*

5 - “Agradeço a presença de nossa estimada amiga e irmã Dona Odete, companheira dedicada no jardim de nossa amizade.”: Trata-se da vizinha de d. Amália e amiga da família, Sra. Professora Odete Carvalho de Camargos, exímia pianista e fundadora do Instituto Musical Uberabense, cujos trinta anos de serviços prestados à vasta região do Triângulo Mineiro, foram comemorados em 1986, com excelente programa executado pelos seus ex-alunos e o seu brilhante corpo docente.

*

Que Jesus, o Divino Mestre, possa abençoar o Sr. Waldemar Vieira e todos os demais Autores Espirituais deste livro, na Espiritualidade Maior, dispensando, cada vez mais, saúde ao nosso amigo Chico Xavier, a fim de que, a 8 de julho de 1987, possa ele, com todos os seus amigos, encarna-

dos e desencarnados, física e espiritualmente ao seu lado, comemorar o 60º aniversário de suas atividades mediúnicas ininterruptas com Jesus e Kardec.

E que cada um de nós, os seus companheiros de ideal espírita-cristão, possa dizer, enternecido:

– Ave, Chico Xavier! os que têm a felicidade de ser teus coetâneos te glorificam e saúdam!

Copyright © 1985 by The McGraw-Hill Companies
All rights reserved. No part of this publication
may be reproduced, stored in a retrieval system,
or transmitted, in any form or by any means,
electronic, mechanical, photocopying, recording,
or by any information storage and retrieval
system, without the prior written permission
of The McGraw-Hill Companies.

